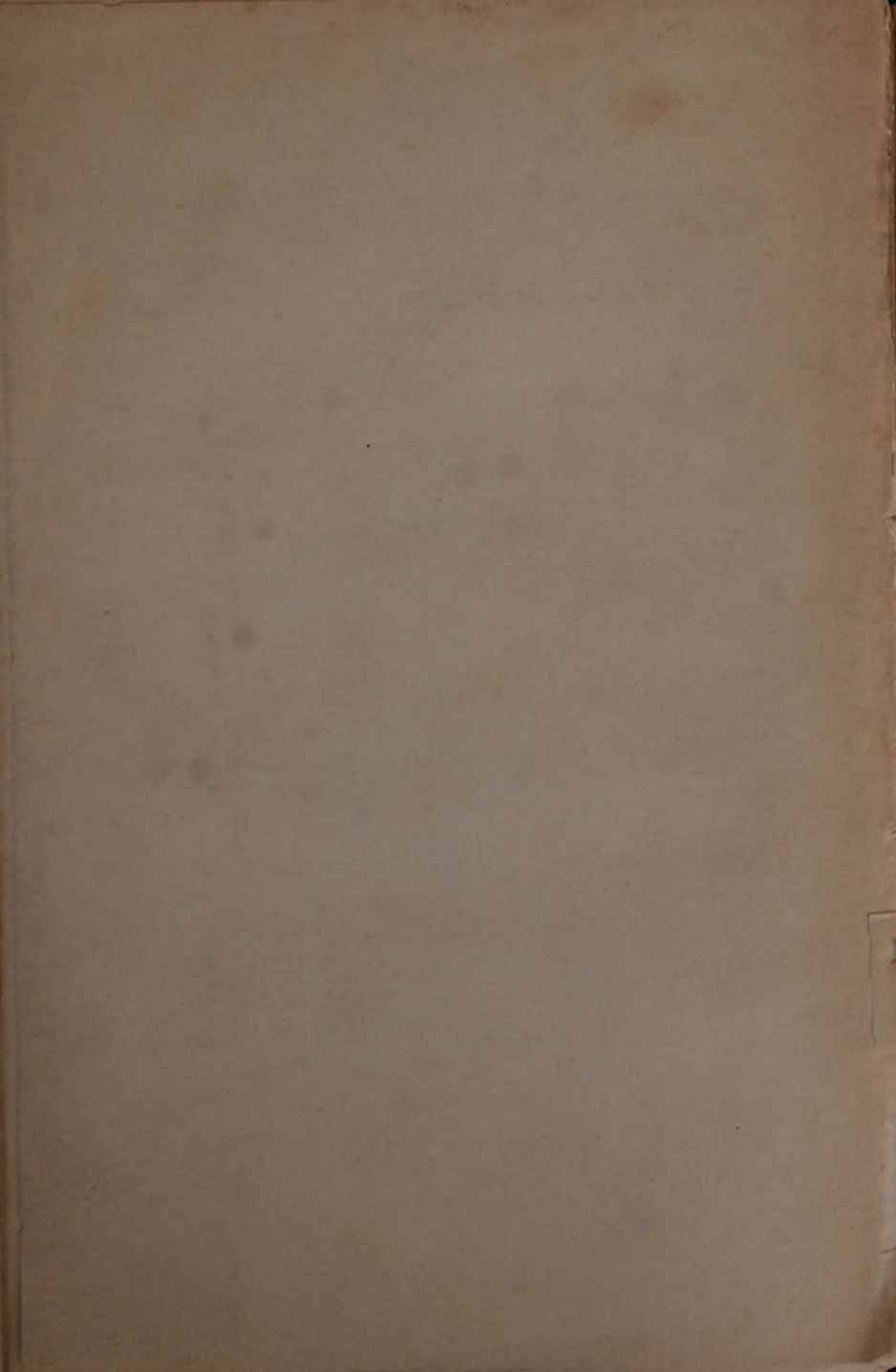


A Fernand Pessoa  
Lembrança do seu  
camarada e admira-  
do.

Vincente de Villamoura

Jours

Antêde 1912

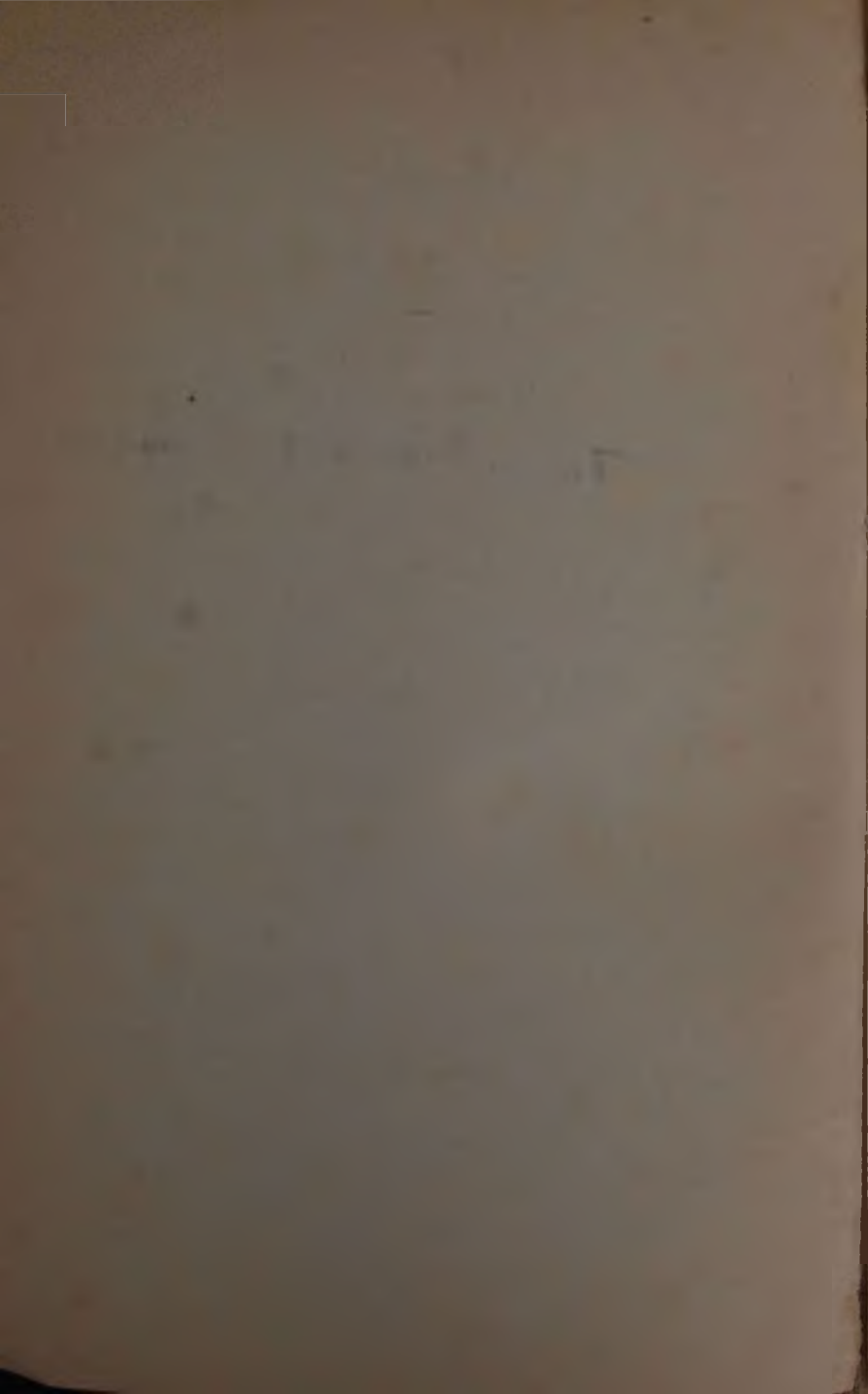


A Fernand Pessoa  
Lembrança do seu  
Camarada e admira-  
do.

Vincente de Villamour

Douro

Agosto de 1912



NOVA SAPHO

## DO MESMO AUCTOR

---

*Antes e depois da minha jornada a Alhandra, em homenagem a Sousa Martins.* Coimbra, 1898. Edição esgotada.

*Carta a Senna Freitas — A Moral na Religião e na Arte.* Coimbra Casa Editora França Amado, 1906. Preço 200 réis.

*A Vida Mental Portuguesa — (Psychologia e Arte)* 1909 Casa depositaria: Livraria Magalhães & Moniz, L<sup>da</sup> Porto. Preço 500 réis

*Vida Litteraria e Política*—1911. Propriedade da Casa Editora Magalhães & Moniz — Porto.

### NO PRÉLO:

*Camillo inédito* — Bibliotheca da «Renascença Portuguesa».



VISCONDE DE VILLA-MOURA

# NOVA SAPHO

Tragedia extranha

ROMANCE DE PATHOLOGIA SENSUAL



1912

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.<sup>da</sup>, Editores

132, R. do Ouro, 138

LISBOA



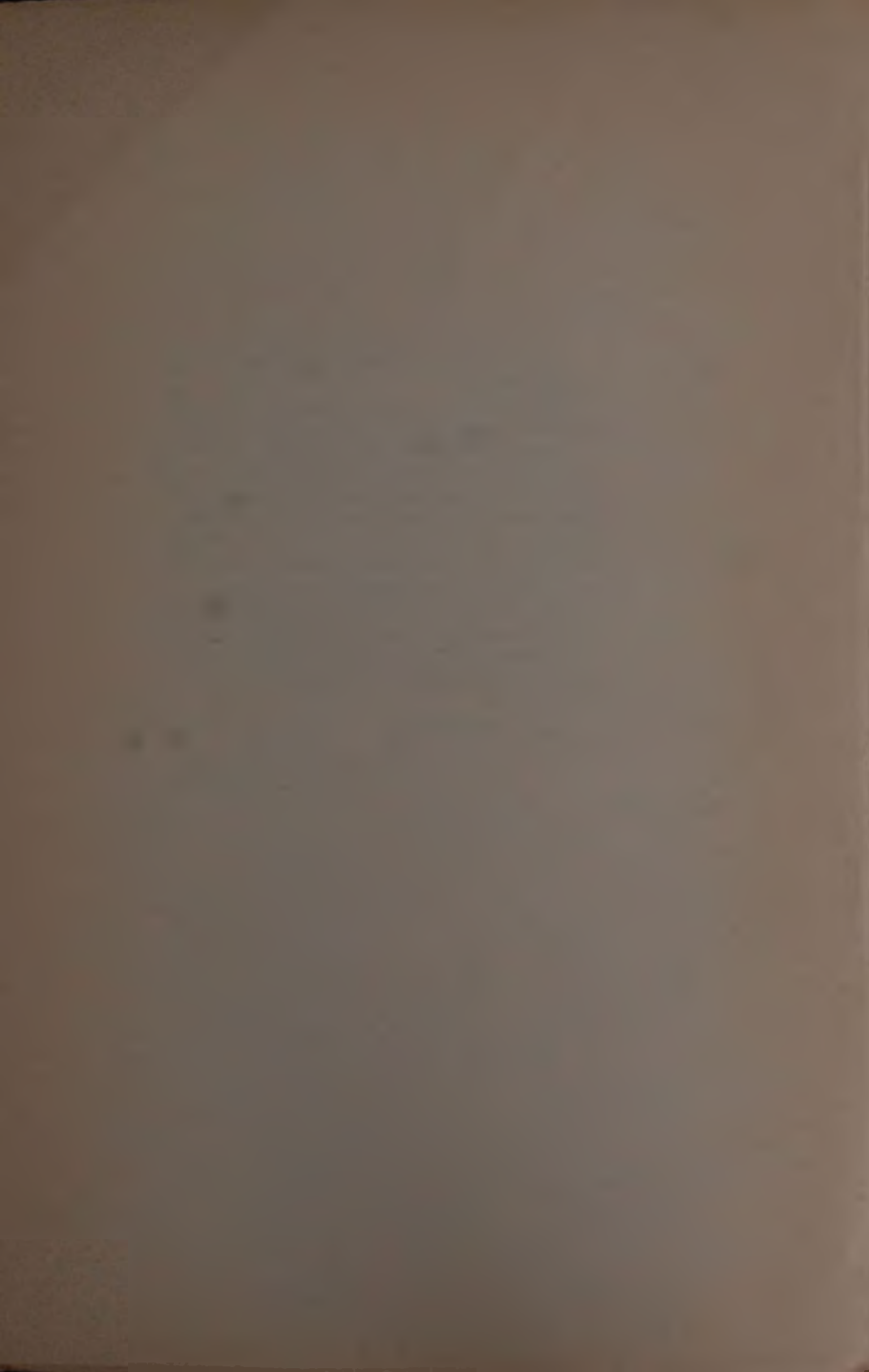


— «O amor fundiu em mim — Deus, Perversão, Desgraça...

O Bem e o Mal deram a figura que sou — um bronze de sentimento. Realizo o genio sensual da humanidade nevrosada e a vida suave de toda a Belleza humilde! Sou Shakspeare e Bandarra: — tenho no peito o cachaço trágico da muita miseria e altanaria heroica, que o inglez referveu em dramas que são a perpetuidade da Dor-genio; e, ao mesmo tempo, a simpleza ingenua da amargura delida por uma quasi Inconsciencia, aquelle extranho sentir dos loucos que têm o sestro de viver alegres as suas e as tragedias d'um povo, os bellos crimes, como as grandes melancholias d'uma raça!...

Da — *Elegia da Morte.*

MARIA PEREGRINA.



## Maria Peregrina

---

Encontrei-a indolente, distrahida, em viagem pelo Minho.

Estou a vel-a — mulher de trinta annos, de fartos cabellos negros, olhar ennevoado, sombrio, sobranceiras luzentes, labios finos, mostrando a espaço os dentes brancos, rosto moreno, talhado em linhas puras, modelo de bronze precioso de casa antiga, com ademanos de adolescente e artista. Acompanhava-a uma estrangeira mais nova, de cabellos e olhos castanhos, muito branca, bocca pequena, d'uma belleza vulgar, que abria em riso ingenuo, ar aventureiro de quem segue por um mundo d'acaso, ao capricho d'outra, da companheira que a envolvia, às vezes, n'um largo olhar, complacente e tenebroso.

Percebi entre as duas certa intimidade sensual a que a segunda parecia dar-se passivamente, mas alegre, por comprazer, n'uma generosidade

estulta de pessima lassidão. Iam quasi á vontade na carruagem, indifferentes á observação extranha, longe dos costumes do mundo em que viviam. trocando olhares perversos, d'uma sensualidade doentia, alli, á face de desconhecidos, que só excepcionalmente podiam acceitar, com benevolencia, a vida exquisita que denunciavam.

Maria Peregrina pareceu-me uma exgottada, — uma figura confusa, a contas com desequilibrios intimos, que lhe reflectiam lassidão e exotismo.

Eu sentára-me em frente da mais nova — a estrangeira d'olhos côr de burel, muito apertada n'um costume de viagem, exaggeradamente cingido, de geito a denunciar-lhe as formas regulares, irreprehensíveis.

Quando entrei tinha ella sobre o logar que eu devia occupar uma caixa de couro negro, a que prendiam duas correias, unidas por uma fivela. Era a caixa d'um binoculo de tartaruga com lavrados d'oiro, que Peregrina tinha na mão.

A' minha chegada, a estrangeira levantou a caixa. E como não visse melhor logar, lançou-a ao hombro esquerdo, com a correia.

Maria Peregrina interveio: — deixa ver, Violet. E, mexendo na correia, — apertaste a fivela ao contrario, vou compol-a.

A ingleza inclinou-se para ella. Olhou em volta, derramando uma luz suave e quedou a

olhar, agradecida, para a companheira. Depois desviou os olhos para as arvores, que faziam a escolta da linha-ferrea, a seguir para as pessoas da carruagem, que viu indifferente como vira as arvores; disse a Peregrina palavras ingenuas de disfarce, ácerca do caminho, e horas de jornada; e acabou por tamborilar, a mêdo, nos vidros da janella.

Eu seguia, interessado, aquellas figuras, que me pareciam tão differentes e que, no entanto, se bemqueriam, mercê d'uma razão de fatalidade, aquella fatalidade que lêra nas relações sensuaes das duas, ao entrar na carruagem.

Maria Peregrina usava uma *toilette* rôxo indeciso, sem enfeites, muito casada ás linhas do corpo, obra de qualquer costureiro de Paris ou Londres, que quizera honrar a mulher excepcional que fôra chamado a vestir, não lhe sacrificando o corpo magnifico, — agora flexuoso de doença e cansaço.

Adivinhava-se n'ella a mulher de gosto que não discute preço e superioriza a *toilette*, elegendo os objectos de uso. Trahia lhe levemente a gentileza um certo desmancho physico.

Estou a vel-a, a estender a mão anemica, d'uma finura aristocratica, para as mãos vulgares de Violet, que indolentemente palpava os diamantes de dois anneis antigos que lhe calçavam os dedos morenos. Usava um terceiro

annel, em que abria um escudo minusculo de signaes heraldicos, que eu não podia ler pela distancia, e me parecia dispensavel como inculca de raça, pois que Maria Peregrina a revelava por si.

Tinha quedas bruscas, lassidões d'alma, que reflectia n'um grande abandono physico. E foi n'uma d'essas occasiões que a vi sumida nas almofadas da carruagem, falando em surdina á companheira.

Percebi que se tratava d'uma pequena ordem, disfarçada em pedido.

De facto, Violet levantou-se, abriu um sacco de camurça-crème, escolheu d'entre outros um estojo pequeno de metal e offereceu-o a Peregrina.

Esta buscou um tubo comprido de lenticulas, tomou duas e entregou o estojo a Violet, que voltou a collocar-o no sacco de camurça. Pude ler o rotulo collado ao vidro-violeta. Indicava um excitante invulgar.

— Não vaes bem? perguntou Violet, ao sentar-se, rente á companheira.

E mirando-a, com attenção: — Estás doente, tão pallida!

Na verdade, ella lembrava uma d'aquellas figuras em que o talento, a tristeza e a espiritualidade, se fundem numa affirmação de decadencia.

Era um busto fim-de-raça, o de Peregrina,



sombria, extenuada n'uma indolente indignidade, abandonando-se aos nervos, vencida, e pedindo á Chimica o empréstimo de excitantes, sophismas ruinosos da mocidade em desbarato. E, no emtanto, só pude vel-a com piedade.

Era inferior julgar segundo a minha saude moral o caso infeliz da mulher extranha, que parecia reflectir nos seus quebramentos e tristeza o drama lento de uma vida exotica.

E, como quer que percebesse que pela primeira vez olhava para os passageiros que formavam a ala fronteira á sua, n'uma expressão de inquerito e vago pedido de socorro, vendo o seu desassocego, lembrei-me que podia tambem ser da posição que tomára e offereci-lhe o meu logar.

— Provavelmente, disse, ella ia mal voltada contra a machina, que o meu logar era melhor e lh'o dispensaria.

Attentou-me com surpresa, e depois de alguma hesitação: — E' verdade, supponho que me tem feito mal a posição que escolhi. Mas não desejo o sacrificio de v.

Levantei-me, insistindo.

Por sua vez levantou-se; volveu a fitar-me, reconhecida, sorriu forçadamente, n'um riso triste e educado e sentou-se.

Percebi que aquelle mesmo esforço lhe augmentára a fadiga; transfigurou-se.

Os largos olhos escuros, habitualmente sere-

nos e indecisos, moveram-se n'uma agitação ardente de labareda intima, para logo se quedarem, vagos.

Tenho-a presente — muito pallida, palpebras cansadas, face esverdeada, olhos d'um velludo usado, muito cahida, em attitudes de doente que se confia no acaso, e espera o socego da derivação fatal de toda a crise.

Depois de curta hesitação, encostou-se ás almofadas e adormeceu.

Dormiu um somno pequeno, de tres quartos de hora, se tanto, pouco agitado.

N'aquelle estado de abatimento, pareceu-me a unica maneira de socegar.

De repente, o comboio estremeceu, galgando n'uma velocidade imprevista, sacudida. Peregrina que accordou aos primeiros solavancos, dirigiu-se-me :

— Fez-me bem mudar de logar. Es'ou melhor e muito agradecida á gentileza de v. Dormi não sei por quanto tempo — o tempo bastante a cobrar forças que, de subito, me faltaram.

E eu, solícito e curioso :

— Mas de que soffre V. Ex.<sup>a</sup>? Não me parece ainda bem. Talvez desfalcada de saude pela viagem.

— E' certo, respondeu, animada pela minha curiosidade, estou fatigadissima. Venho de longe, do estrangeiro. Sabe v. ? — ha um facto que se dá semelhantemente em todos os paizes. E'

a impotencia, a impostura da medicina em face da doença. Todo o seu empenho é encobrir as deficiencias do mister, illudir, mystificar os pobres doentes. Enfim, sublinhou com um riso amargo, não podemos querer-lhe mal. A despeito de todos os epigrammas com que temos frêchado os medicos — á menor coisa lá os procuramos. Não occorre chamar um artifice. . . E, entretanto, na maioria dos casos valeria o mesmo.

Pergunta-me v. o que tenho? Sei lá o que tenho! Tenho o *mal-de-viver* — uma doença estranha á medicina, que me lassa os nervos, cria desejos e sensações inconsumiveis, que me irrita e alheia das coisas consagradas e me afina a sensibilidade para coisas pequenissimas — as minhas *futilezas preciosas*. Sou indifferente ás trovoadas; irrita-me o zunir d'uma abelha. Tenho o maior desprezo pela moral de toda a gente; faço do avesso d'essa moral uma verdadeira religião — um culto fervorosissimo.

Envenenei-me outro dia com um ramo de flores de madre-silva. Tive um prazer doloroso na aspiração d'esse aroma, que sorvi cheia de sensualidade até cahir sobre uma banquetta, ton-teada, n'uma syncope que foi o espanto do medico que me tratou.

Quando cobrei animo e lhe expliquei o que se passára, suppoz-me doida; sobretudo quando lhe falei em envenenamento. Obtemperou que

a flôr da madre-silva não era veneno catalogado. E como quer que o convidasse a explicar as minhas perturbações — a syncope, garganta em fogo, sêde, espasmos, contracções, arrefecimento, — todo o cortejo da intoxicação violenta, pareceu resolver se pelo diagnostico que aventei, fingiu tratar-me, e arrimou-se, em materia de explicação, ao velho bordão — de que eu era uma hysterica, que o meu caso, devia signalar. era curioso; que cada hysterica tinha, de facto, as suas particularidades, perturbações, exigencias, um tratamento proprio. E com isso me calou. . .

Que lucrava em amesquinhal-o? Se nunca amesquinhara conscientemente alguém, menos me occorria maltractar um medico que, afinal, reflectia, segundo o rito da sciencia, uma trappa intelligente, que podia ter satisfeito outros, menos exigentes do que eu.

Maria Peregrina falava com enthusiasmo, mas de repente abrandou-se para dizer quasi indolente: — agora reparo, estou a maçal-o. Que pode interessar-lhe a historia das minhas fraquezas?

Ainda na hypothese de que me ouça com vagar, os factos que illustram o meu caso, se lhe interessassem, magoal-o-iam. E não tenho o direito de pagar a gentileza de ha pouco, lamuriando-lhe a minha vida, desagradavel. Mas não pode, não deve mesmo interessal-o.

Protestei, e fil-o de forma que me pareceu conquistar lhe a confiança.

Emquanto conversavamos, Peregrina mal se distrahia de Violet, para quem olhava a miudo, e que a meu lado, diante d'ella, seguia a conversa com attenção relativa.

E' quasi tão difficil encontrar quem ouça bem como quem fale bem. Violet abria clareiras de indifferença na historia da companheira, uma historia exotica, singularmente complicada, em que li um indice de miseria intima.

Pareceu-me que Violet, talvez pouco sabedora de portuguez, não podia ouvir bem. O mais dos esclarecimentos de Peregrina deviam escapar á sua attenção; mas uma certa acuidade natural, um não sei que de afinidade espiritual ou physica, dava o traço de união entre aquellas almas, que suppunha fundamentalmente diversas.

O comboio parou. Estamos na Trofa, informou um passageiro. Violet, desceu da rêde o sacco de camurça-crème, preparando-se para sahir.

— Já?! — perguntou Peregrina, esquecida dos trabalhos da viagem, ou na previsão de peores horas.

E, buscando um cartão, entregou-me o nome lithographado e esclareceu : — Vou para Lares, a quatro leguas de Guimarães. Tenho lá sombras e silencio. Venho fugida á esturdia civili-

zada, sobretudo ás grandes iluminações com que a cidade estraga a Noite. São as pragas que mais temo — o barulho e a muita luz.

Emfim, se algum dia quizer descansar, visitar a toupeira de Lares. . .

— Também desço, vou para Guimarães, muito agradecido.

Sahimos rapidamente, e foi já no *tramway* de Guimarães que paguei a amabilidade de Maria Peregrina, dizendo o nome e explicando que passeava pelo Minho e ia áquella cidade tirar impressões novas das coisas velhas, visto andar muito avesso com as glorias contemporaneas.

Fez-se silencio sobre a minha informação. Lemos a um tempo os nomes trocados. Verificamos que nos conheciamos. Ella lera um livro meu, com que sympathizára, disse, mercê das suas rebeldias. Por minha parte, informei que tinha lido os seus volumes a — *Nova Sapho* e a *Emparedada*. Este era um livro em que ella ampliára, segundo o seu caso, os desgostos d'um poeta brasileiro — o Poeta Negro.

Este luctára contra o preconceito de côr, soffrera todo o desprezo geralmente votado á sua casta e fizera d'este desprezo um capitulo de *Evocações*, doloroso.

Maria Peregrina Alvares de Lorena e Villa-Verde, que eu conhecia pelas revistas e por aquelles livros urdira a *Emparedada* — a sua obra prima, para editar dôres intimas.



As parêdes que mostrava ao publico — a um pequeno publico, eram os preconceitos de toda a ordem que lhe entravavam a acção.

Soffrera más vontades, despezos, vexames e desabafara em paginas notaveis, mau grado serem doentias e decadentes. Para toda a parte que voltava o espirito encontrava paredes, escuras e espessas, tatuadas de obscenidades, allusivas a predilecções suas.

A sociedade destinara-lhe uma cella estreita, quando a natureza lhe dera um talento largo e uma sensibilidade enorme, caldeados d'um certo fatalismo sensual, que lhe abarcava e impopularisava a obra.

Assentava, plena de orgulho, que essa impopularidade era, a bem dizer, o contraste do seu genio aventureoso e á parte. Mas a sensibilidade abria conflicto com a moral media; e d'ahi as torturas. Não pretendia que a seguissem e admirassem nos seus delirios artisticos e sensuaes. Aspirava a que a respeitassem em homenagem ao genio dos defeitos, que amava acima da sua obra.

Ora, este conflicto, os voos, as quedas bruscas, tudo o que no temperamento pode haver de grande, e tudo o que a carne pode dar de vil — taes eram os themas dos versos geniaes, enfiados n'aquelle dizer extranho.

No fundo, o livro era a sua historia -- uma autobiographia.

Alludi, com enthusiasmo, aos Sonetos, presos n'um lindo aro — a uma titulação leal e exacta — *Procurando alguem*. . .

Expliquei que a unica superioridade que me arrogava sobre o mais dos confrades era a de admirar a propria Belleza, e Arte que eu não sentia.

Tinha uma Arte, uma concepção de Belleza que adstringia ao meu temperamento — era a que naturalmente mais exteriorisava. Mas não me era difficil descer ao intimo d'uma alma exotica, para viver pela Arte, tempestades alheias.

Conversamos até Guimarães.

Seguiu os dados de auto-psychologia, que incidentalmente forneci, e inquiriu amavel, da minha orientação não esclarecida pelo livro que lera. Generoso interesse, mau grado disfarçar a intenção de matar horas de viagem.

Falamos do debate intellectual do momento. Vieram a proposito velhos cultos.

Cada um de nós tinha inventado um Céu para os seus santos — um Céu d'Arte, limitado, que mal encheria duas paginas de Folhinha. . .

Falei da obra revolucionaria de Annunzio, da cruzada de Anatole, Maeterlinck, Nietzsche, Wilde e outros ; confrontei a aspiração dos recém-cruzados da idéa-nova com o positivismo estreito dos ultimos cincoenta annos.

Que os novos se proponham esbandalhar os

diques, mal cimentados, do bolorento *realismo* d'Arte. Que a grande obra do homem, era, afinal a alma do homem, utilizada, praticada — alem-fronteiras do vulgar.

Que Zola, por exemplo dera todas as grosserias e aleijões do corpo, mas não comprehendera os delicados aleijões d'Alma, quasi sempre excessos de sentido. Materializára o talento n'uma obra rude. A sua alma não déra a expressão d'uma Arte superior e exacta, segundo o espirito.

Assim tambem Eça, entre nós, negativista e bolandeiro, bizarro e dispersivo. No fundo um homem de letras, com technica estrangeirada, cortada á feição dos seus fraques, segundo os modelos de Paris, terra incaracteristica, cosmopolita, transportada a Portugal em amostras da sua prosa de contrastes, d'uma rhytmica forçada.

Por isso o genio de Camillo e Fialho tinha batido o seu talento relativo, que liquidou n'uma memoria-phantasma, concebida com macula do peccado original de Teixeira Lopes — o doloroso artista.

Que a pelle da geração passada — a que vestira o realismo — era uma pelle espessa, escamosa e aspera como a pelle do crocodilo. Ora, a missão nova, segundo o meu criterio, era outra.

Vivendo do facto e para o facto, o nosso

empenho, devia ser, parecia-me, archivar todas as descobertas que vão além do commum, tomal-as como factos, fazer da propria duvida uma força, caminhar sobre a idéa conquistada, formular novas theses, acceitar o bem e o mal, a vida creada e latente, tomar os proprios devaneios como factos, pois que a imaginação o é tambem e um facto primordial, notavel.

Assim, á Belleza do sentimento succedera na ordem critica, a escola do facto averiguado. Para nós sentimento, os dados positivos, segundo a escola anterior, toda a elementação, creada ou latente vão dar a uma escola nova, a bem dizer religiosa, universal, compativel com todos os factos e servindo a concepção da Vida, segundo os processos mais largos e alevantados. Primeiro houvera a Litteratura da Belleza, medida a compasso, feita precisão, a esta seguiu-se uma Arte exclusivamente sentimental; nós assistimos ao exaggero inverso, que quasi nos deu a negação do sentimento; o papel dos escriptores de hoje, apostolava eu, quasi a findar viagem, era apagar os preconceitos, aproveitando tudo e partindo da Litteratura das idéas e dos factos para a Litteratura das imagens, caminhando confiadamente sem exclusivismo e pressas.

— Sim, é verdade, confirmou Peregrina, o que perdeu os passados foi pretenderem fazer girar a terra em volta d'elles.

— Veja V. Ex.<sup>a</sup>, continuei, os nossos lilliputianos do Positivismo.

Theophilo Braga, por exemplo, deixa este mundo com a idéa de que exgottou a especulação mental. Escreveu, suppõe, a ultima palavra da grande synthese poetica e philosophica da Nacionalidade. E a sua morte, parece-lhe, porá ponto na vida da sua terra, enchendo e fechando o Pantheon...

— Guimarães! gritou um empregado.

Chegáramos. Eram 4 horas.

Maria Peregrina ao despedir-se, insistiu: que fosse a Lares, passar algumas horas ou dias, consoante a minha disposição e impressões.

E tão interessadamente o fez que prometti visital-a, apenas acabasse a desobriga de Historia e Arte, que me levava a Guimarães a recordar o brio portuguez á antiga, as velhas commoções das boas eras.

— Pois veja se tira tempo para mim, e vá com vagar. Se fôr com tempo e na disposição de ouvir-me, prometto contar-lhe episodios intimos, que até agora tenho calado. E sabe? — disse com tristeza, talvez que estes episodios — o romance dos meus erros e amarguras valham bem a Historia que prende ao bandoleirismo dos Affonsos.

Liga-o á minha sensibilidade, a philosophia serena, que usa, mau grado ser austera. Prometto fazer-lhe as *minhas confissões* que mar-

cam mais ousio, verá, do que as celebradas confissões de Rousseau.

Quero mesmo que tome commigo o compromisso de dizer um dia, em publico, o que lhe communicar. Rreproduzirá religiosamente o que souber de mim, isto é, tudo o que lhe contar ou tenha por verdadeiro. Quero que os que estão por vir apprendam no meu caso a coragem da verdade.

Saberá então, quem fui e sou. Até Lares.

---



## II

Foi por uma tarde de junho, quente e avermelhada, que tomei pacientemente um carro, indicando ao bolieiro o nosso destino — a casa de Lares, mais de legua para além das Taipas.

De Guimarães ás Taipas viajámos com dia. Anesthesiavam-me dos tratos da jornada a tarde e a paizagem.

Ao lado, nos campos, havia milheiraes espessos ; perto, alas de giesta, florindo as curvas mal lançadas da estrada ; na borda dos campos — choupos nodosos, a apoiarem videiras grossas de cachos ainda verdes, cerrados ; para além, nos pannos altos — renques de pinheiros bravos, que pareciam tocar o Céu, fogo e madre-perola.

Nas Taipas demoramó-nos. Quando seguimos era noite. Recolhiam os aquistas aos hoteis na mira das dansas e intimidade dos salões. A estrada, a partir d'ahi muito guardada pela ramaria das carvalheiras, que bracejavam fóra das divisorias, era pouco passeada á hora em que a

percorriamos. O carro seguia extenuado, vagaroso, denunciando a má rodagem. Ouvia-se o chocalhar dos arreios folgados, de encontro ao corpo magro dos garranos, o estalejar do chicote e pragas do cocheiro, aqui e além — teares, abrindo falsete na toada clangorosa da noite.

A uma legua das Taipas o carro inclinou para a direita; os solavancos multiplicaram-se. Interroguei açodado o bolieiro :

— Que rumo levamos? E, dando por um pontello, que pouco mais dava ao carro do que uma tarja de palmo — pedia-lhe cuidado; que o melhor seria parar, pois me não convinha ir ter ao leito do ribeiro, muito cavado e pedregoso.

— Que eu era um dorido, commentou o homem, sereno; que aquelle era o caminho velho, o mais curto, e d'ahi por doze minutos estariamos em Lares.

— Bem, disse, moderando-me: — Guia o carro, de vagar.

— Que não haveria novidade, consolou.

E não houve. Seriam nove horas proximamente, quando chegámos.

Exultei. Estava pois em Lares, a bem dizer na Terra Santa. . .

Apurei a vista, e enquanto o bolieiro batia á porta-fronha, espionava eu, fóra do carro, a cerca alta do solar, com ameias de metro, alternadamente rectas e recurvas, sobrias de desenho.

Cortava o muro, a meio, um enorme frontal,

inserindo um escudo, ramalhado de signaes heraldicos, a que um capacete fidalgo punha fecho.

Projectava-se no chão lizo, que circuitava o muro, uma sombra de renda.

Era a silhueta das ameias e frontal.

Passados minutos, abriu-se uma das folhas da porta fronha. E a seguir appareceu a cabeça grisalha d'um minhoto authenticico, a inquirir quem eramos, e o que queriamos.

Expliquei a chegada, e fui introduzido no primeiro salão de Lares, e, a seguir, abraçado por Maria Peregrina, muito admirada da temeridade, por ter ido sem a avisar. Que me teria mandado a carruagem, informou, e para o atalho uma liteira; — que eu suppozera as estradas do Minho similares em arranjo ás grandes avenidas do Rio de Janeiro — uma amabilidade para Lares, que me sahira cara. . .

E eu, desmanchado, confirmava — que era pouco cauteloso, embora muito experimentado em desenganos; que, na verdade, devia contar com a sua generosidade, evitando aquelle desastre. E deprimido, sumia-me n'uma cadeira larga, commodissima, e um pouco de geito a reparar as torturas mais reparaveis da jornada.

Estive assim dois quartos de hora, succumbido, deante de Maria Peregrina, — que me lamentava, maldizendo o caminho e a minha idéa de jornadas á doida.

Dentro, na sala proxima, conversava-se em surdina.

Levantei-me, quando me senti reanimado a despir-me da poeira, voltando, em seguida, ao salão d'onde fui com a Artista para a casa interior — a das visitas, onde conversavam as duas pessoas que ouvira antes e Peregrina me apresentou: — o prior do Mosteiro e uma senhora de idade, a Morgada de Soutello, tambem da freguezia.

O prior, homem de meia idade, usava batina preta muito cingida, caseada a rôxo a condizer com a volta e faixa larga de seda, e um anel de amethysta, em oiro simples. Tinha o nariz adunco e estreito, sobre que assentavam uns oculos quadrados de lentes grossas a inculcarem pronunciada myopia, que não prejudicava o seu olhar resignando, vasando um espirito intelligente e manso.

Usava o cabelo quasi rente. Era um pouco curvado — typo franzino e distincto. De resto muito sombrio, e no dizer de Peregrina em tudo avesso ao typo classico do abbade minhoto — no geral bonacheirão, e grosseiro.

Que lhe parecia um santo — Monsenhor José d'Andrada — explicava á puridade. Conhecia-o de pouco, visto que o prior chegára ao Mosteiro depois de ella ter sahido: havia annos que não entrava em Lares. Tinha com o padre relações d'uma semana, meras relações de cortezia; mas

d'ellas aferira já uma grande delicadeza de sentimentos, que o extremavam dos collegas.

E acrescentou: E' um apostolo de rara valia. Ao menos assim o inculca a fama. Foi regular de S. Vicente; no entretanto parece que a communitade poz condições aos seus talentos e virtudes, pois que se oppoz ao beneficio da Parochia, e ao titulo que lhe deram.

A morgada de Soutello, D. Maria Helena Alvares Moniz e Sá de Pamplona, tinha sessenta annos, sobretudo gastos em viagens pias, devoções e os maiores cuidados com a saude e instrucção d'uma filha, rapariga interessante, segundo Peregrina.

A velha fidalga era senhora de poucas lettras, conforme o uso antigo nas pessoas da sua prosapia. Tinha, no entretanto, maneiras distinctas, que a absolviam das poucas lettras.

Offereceu-me uma cadeira junto de si. apenas lhe beijei a mão, ao ser-lhe apresentado, e ficámos a conversar.

— A Tia, começou Peregrina, é uma das pessoas que se condoe da minha soledade e me visita com mais affecto. Presumi, ao recolher a Lares, que tinha a contar, somente, com as sombras da quinta. Mas Deus começa a transigir commigo. Nem sempre me sinto só.

— Sabes, Maria, obtemperou a senhora de Soutello, que fui condiscipula de tua mãe no convento de S. Lazaro no Porto; foste minha

filha adoptiva nos primeiros annos de educação; teu pae foi o mais querido dos meus irmãos; que desde criança te estimo.

Tua mãe, já no collegio, era uma santa. E assim a veneram os lavradores do Mosteiro. O carneiro que a guarda é uma casa de milagres. Ah! como hão de doer-lhe no Céu, as tristezas em que ainda hontem nos falavas.

Sempre triste, nem pareces a criança que vi cabriolar ha vinte annos. Emfim! creio que o socego de Lares, quando melhor o comprehendas, hade trazer-te alegrias.

Ha tempos o Monsenhor, quando estavas na Italia, disse-me que eras infeliz. Perguntei-lhe os motivos da tua infelicidade, mas fez-se desentendido, se os conhecia; limitou se a affirmar — que havia temperamentos felizes e infelizes; e tu eras dos ultimos; — que só Deus sabia ao certo as razões das infelicidades d'este mundo — e nós tinhamos obrigação de respeitá-las, as grandes infelicidades, sobretudo.

Na occasião, magoou-me tal noticia. Depois, lembrei-me de que tambem o Monsenhor é homem para exaggerar desgostos, vendo os dos outros como vê os seus, com amargura serena — a que mais impressiona.

E voltando-se para mim:

— Dei razão á Salomé, que ainda ha dias repetia que Peregrina tem o prazer do sofrimento. Vou crendo que seja assim. Como

ella nota, Maria Peregrina não pôde com o bem.

— Ah! a Salomé acha então que eu faço luxo em ser triste, disse Peregrina.

— Pois que duvida?! insistiu a Morgada, olhando para mim de geito a alliciar-me para a opinião da filha: — rica, rapariga de talento, representante da primeira fidalguia d'Entre-Douro e Minho, que mais pôde desejar? Deus nos não castigue.

Que a falar verdade, disse, descendo a voz, e encarando-me, ha um facto que me entristece. Não nos falta prosapia na ascendencia, nem bens, nem honras de toda ordem. E, entretanto, não temos ascendentes felizes. Que immenso drama podemos ler nos pergaminhos de familia!

Não sei se sabe, disse, que no brasão de Lares ha uma linha negra que tarja um dos esquadrelados do escudo, separando os appellidos que inculcam a razão fidalga d'esta Casa.

— Informe-me que tinha reparado no traço, mas lhe desconhecia a origem.

— E' uma historia triste, informou D. Maria Helena. Haverá trezentos annos que um antepassado nosso varou com um tiro n'uma caçada em Granada, por desastre — um principe de Hespanha. D'ahi o ter sido ordenado que no brasão ficasse perpetuado o lucto pela memoria do Principe e desgosto d'esse nosso an-



tepassado — D. Arnaldo Affonso Duarte de Biscaia Alvares Moniz e Sá, que depois morreu no mosteiro de Ancêde, em Portugal, frade exemplar, com honras de justo e suspeitas de santo.

Lembro-me de que aquella fatalidade, expressa no brasão de familia, depois de trezentos annos — domine ainda a historia d'uma descendencia tão illustre como a d'esta Casa.

Mas deixemos agoiros... E' preciso não tentarmos a Deus, conciliou. E, voltando-se para Peregrina: — Entrega te a Deus absolutamente. A tua philosophia, no fundo, vale tanto como os meus agoiros — nada. O que vale n'este e no outro mundo é a grande Lei. Não é assim, Monsenhor?

E pedia o reforço do prior, que ouvira de pé a ultima parte das considerações de D. Maria Helena.

— E' verdade, senhora Fidalga, assentiu. Mas, accentuou sibyllino, cada um tem de servir a Deus segundo os meritos, os talentos, o temperamento que elle distribue... Ora, o serviço de Deus torna-se muito complicado para os espiritos complicados. Não culpe V. Ex.<sup>a</sup> a sr.<sup>a</sup> D. Maria Peregrina pelas suas especulações sombrias. Peça a Deus que lh'as alegre, e lhe transforme a vontade e os nervos, sem prejuizo dos talentos.

— Deus pode tudo, monsenhor, disse a Morga-

da, forte de fé. Mas só Elle sabe a oportunidade de intervir.

Seguia a conversa, animada, quando correu o reposteiro da esquerda, entrando na sala uma linda rapariga de 25 annos, proximamente, loira, olhos azues, rosto branco, muito ligeira e graciosa.

E a morgada interrompendo-se :

— Que tens feito? Estava a ver que tinhas ido só para Soutello. E voltando-se para mim : era capaz d'isso. Não imagina a coragem d'esta rapariga. Sae ao lado dos Pamplonas, que não temiam coisa alguma.

— Não, minha mãe, disse com simplicidade Salomé, venho do jardim. Está luar, e o jardim é um encanto. Não imaginam o effeito do luar sobre os cravos côr de enxofre. E as dahlias? Oh Peregrina, hasde dar-me dos teus craveiros, dahlias e aparas de roseira. O Jardim de Soutello é tão pobre!

— Sim, Salomé, concedeu Peregrina, tudo o que ahi houver e te agrade. Pena tenho de não poder mandar-te o jardim em taboleiros. O que ahi ha, é obra do José Lourenço. Coitado! como sabe quanto gosto de flores, tem o maior cuidado n'esse rendimento sagrado da quinta.

Mas a falar verdade, desde que vim, mal attentei nos canteiros; tenho a impressão de que tambem as flores começam a ver-me mal.

Manda buscar o que quizeres.

— Sempre boa, observou a senhora de Soutello.

— Vou ver, interrompeu Salomé. Tenho ainda um pedido a fazer. Sabes o que é?

— Não sei disse Peregrina, fitando-a; seja o que fôr.

— Nem presumes o que seja?

— Não, confirmou Peregrina.

— Queria ouvir tocar. Ha muitos annos que te não ouço. E os violinos dos outros parecem-me instrumentos differentes.

Peregrina teve uma contracção de desgosto. E voltando-se para Salomé:

— Se tens caridade não me peças tal sacrificio, commuta-me a pena. E' uma fineza... Não toco ha muito tempo. Ha annos que faço por esquecer o violino. Desde o collegio.

E, depois, apontando-me, e retrahindo-se n'um sorriso que mais lhe accendia a contrariedade:

— Este meu amigo deu-se á travessia de Guimarães até aqui n'um carro do Tocaio! E' das maiores penas que conheço. Pois proponho-me repetir a heroicidade, se me dispensares do violino. Não sabes que desgostos me recorda...

— O quê?! interrompeu Salomé. Não mais tocar! Quero ouvir-te — tem paciencia.

Chamando: Violet! Oh Violet! Abriu-se a porta e d'entre o panno amarelo, debruada a vermelho, amarfanhado, do reposteiro, surgiu a

cabeça ingenua de Violet, que vinha saber o que queriam

E Salomé, entre azougada e meiga :

— Vaes fazer-me um favor. Chamei-te porque deves saber onde veio o violino ; traze-o, sim ?

Violet encarou Peregrina, e sahiu apressada, a cumprir a ordem.

Quando ella chegou, Salomé pegou na caixa de ébano — uma especie de esquite de criança, abriu-a, com affectado cuidado, e passou o instrumento, com o arco, para as mãos da parenta, que recolheu tudo com um enleio que me fez pena. De repente levantou-se, e, voltando-se ainda uma vez para Salomé, como quem pede clemencia, perguntou :

— Tem então de ser ?

A um signal d'ella, começou serena a afinar o violino, mas, repentinamente, arrancou do arco e, quasi sem que o esperassemos, entornou em volta de si — n'aquella sala de geito nobre e antigo — uma harmonia extranha, tumultuosa, perturbadora.

Na sua pelle trigueira esparsavam-se reflexos da labareda intima, que a ateava — notas d'um mixto macabro, melancholia, força selvagem, enthusiasmo, exotismo, aturdimentos de arte. . .

A sua figura, d'uma belleza gasta, espectralava n'uma côr e luz de magica, expressões visionarias.

Era o index d'uma alma polychroma, vasando luz, cores e sentir na alma ductil do violino.

Executava um trêcho de Chopin. Nas ondas d'aquella harmonia fatalistamente nervosa e suave, casara-se tudo — o genio de Chopin, a alma do violino, o enredo d'aquelle tecido de musica, simultaneamente divino e infernal, sobretudo a vibração dos nervos dolentes de Peregrina, esquecendo outras cordas . . .

Victoriamol a, quando acabou. O remoinhar d'aquella alma emotiva de mysterioso, communicara-se afinal a todos a tudo. Deixára no espaço — nervos, fios quebrados de harmonia . . .

— Muito bem, dizia a, senhora de Soutello, levantando se, leve de enthusiasmo, a beijar, carinhosa, a artista.

— Soberbo! dizia a Salomé. E orgulhosa: Querias então que fossemos cumplices no teu silencio? Nunca! . . .

E, retirando com Peregrina para o vão d'uma janella:

Que alma emprestas ao violino! Ainda me lembro da penultima vez que te ouvi tocar. Foi na sala do Fogão, ha tantos annos! Era criança, mas recordo-me, como se fosse hoje. Eu fui, com recato, procurar o violino, e quando menos o esperavas, pedi-te para que tocasses. E então, sem as hesitações de ha pouco, fizeste-me a vontade. Lembras-te?

— E' verdade, concordou Peregrina. Tens en-

tão saudades d'esse tempo? Tambem me lembro d'elle, pois que foi do melhor que passei. Mas entro na sua rememoração como n'um templo, onde vivi crenças que morreram. A rapariga de então não existe mais. Sou a sombra d'ella, aquella do pescador — a do conto do Oscar Wilde, conheces? Naturalmente, não. O grande Wilde, disse, ironica, é escoraçado pelas pessoas de trato . . . Emfim, sou hoje a aventureira, que talhou alegrias e paz, que não podia viver.

— E porque não? inquiriu commovida Salomé, beijando-a. E's a culpada das tuas infelicidades, afinal de meras melancholias. Sê o que deves ser. Vê o que se passa commigo, quasi sempre mettida n'esta aldeia, em companhia de mestras hediondas, e, no entretanto, sempre alegre, e até feliz. Tudo me é sympathico, a paizagem, a gente do Mosteiro, mil coisas que me rodeiam. Tu nem pareces d'este mundo.

— Sim, é certo, concordou Peregrina; sou a obra postuma d'aquella rapariga que ha vinte annos era alegre. Mal te lembras . . .

— Mas porque não has de voltar a sel-o? Remette-te á antiga vida de Lares. Procura-te nas recordações, e esquece algumas horas más, se porventura as tiveste. Toda a gente pôde ser feliz, ainda aquelles que os outros supõem mais desgraçados. Em Soutello ha um cego que me condeou quando o vi a primeira

vez. Pois, não conheço hoje pessoa mais alegre. Imagina que vê. Descreve tudo a seu modo. E como tem uma imaginação alegre, só vê coisas alegres.

— Sim, acredite o. O peor não é ser cego. E' termos de conduzir de olhos abertos um temperamento cego.

Salomé olhava, entre commovida e carinhosa, para a Artista. Percebi que ia sendo inconveniente perto d'aquelles dois espiritos que pretendiam ligar-se pelo passado.

Retirei com o monsenhor. Conversamos acerca de Peregrina, da sua Arte. Perorei a apologia condicional da obra d'ella, explicando as minhas reservas para uma parte do seu lavor mental, pelo que ahi havia de doentio.

E Monsenhor, como falando comsigo :

— E quem sabe se o talento d'ella não é a doença? se curando se não faria de si uma creatura vulgar! Não sei porque — murmurou — imagino que a sua obra prende na malha redosa dos seus nervos, que parecem feitos de seda e esparto . . . Repare n'ella! Veja como a alma lhe tatua o rosto, permeavel de soffrimento. Os livros d'ella são a sua physionomia; vivem e exprímem tudo — corpo e alma.

Extranhos commentarios para um padre, antigo regular da Ordem de S. Vicente !

Notou a minha extranheza e, muito sereno, commentou:



— E' curioso como em geral são considerados os padres e sobretudo os regulares. Ou os supõem uns bandidos de batina — estylo *Padre Amaro*, do Eça — ou uns boiões de imbecilidade, enxundias e appetites grossos, cevados entre a casa de pasto e o bordel.

Ora eu posso garantir a V. Ex.<sup>a</sup> — continuou, que lhe valeria a pena e a todos aquelles que se devotam ao mister das lettras descobrir a rede de amarguras e dramas passados nos conventos. A verdade do mundo mystico, excede a imaginação mais requintada. Depois, o confessorio é ainda a escola maxima para o padre intelligente e bom. Que sa isfação eu tenho em perdoar, com procuração de Deus, os maiores delictos e baixezas da materia. E' então que Deus me parece grande, immenso de bondade.

— O meu excellente Monsenhor não me leva mal, observei cauteloso, que encontre a sua doutrina interessante, mas um pouco heterodôxa.

— Ah! sim, respondeu vivamente; ahi está porque prefiro a vida livre do presbyterio á comunidade. Repugna-me mentir. Cada penitente é um doente especial que precisa tratamento proprio. Mas n'uma terra como esta raramente apparecem os casos graves. E a pena de seis padres-nossos e uma esmola purifica uma aldeia. Nos conventos e sobretudo nos conventos-collegios a casuistica é diversa. Ha ahi os temperamentos anormaes em que a reza e o jejum es-

terilizaram a alma para tudo o que não é de Deus, segundo Roma; e ha os outros, os que por educação ou tara, compatibilizam Deus com as fraquezas da carne e da alma.

Os primeiros servem a Ordem, segundo as taes regras. E, com assentimento da Egreja, condemnam indifferentemente os *peccadores*. Os outros, os que chamam a si os casos mais extranhos, para os aperceberem e sentirem, são os zangãos da Ordem, os relapsos que as congregações relegam em nome da disciplina e bem das communidades.

E' claro que ha um meio de illudir contingencias ; é recorrer á hypocrisia — é não pensar alto, seguir a popular doutrina do Frei Thomaz, que pregava, segundo a voz geral, o contrario do que praticava. E este é de facto o uso do mais das ordens. Veio este discurso todo a proposito de D. Maria Peregrina ; por mim, concluiu, lamento-lhe as fraquezas como os talentos, — mas deixe-me informar V. Ex.<sup>a</sup> de que a estimaria menos se fosse escoreita como o seu procurador.

Sou o pastor da Freguezia, o *pae* dos meus freguezes, na traducção do meu primeiro e melhor titulo — o de padre. Como todos os paes, amo de preferencia os filhos mais desgraçados. Ah! de certo, concluiu fatal, estimal-a-ia menos, se a não soubesse infeliz . . .

Interrompeu-nos Maria Peregrina, executando um trecho de Wagner, tempestuoso, sombrio.

Não podia ter melhor interprete o grande compositor. Pensei na transmigração dos talentos e disse-o á Artista . . .

— Não é o caso, contrariou, é que vivi agora um pouco da emoção que tinha deixado arrecadada no Mosteiro. Milagre da Salomé, que me obrigou a resuscitar parte do que fui.

Onze horas. Abriu-se o reposteiro e entraram tres creados de libré azul, conduzindo taboleiros com doce; e a seguir, um anão, de pouco mais de cinco palmos, apertado n'um dolman e calção de seda preta, ar mysterioso, olhos côr de azeite, sardento, cabello ouriçado, face pergaminhosa, idade e physionomia dubias.

Peregrina chamou: — Jacob! E dirigindo-se nos offereceu os vinhos e licores que elle trazia. Recusei servir-me. Queria arrumar os nervos, excitados pela viagem, mais nada. Entretanto, reparei no anão.

— E' um monstro singular, observou Peregrina, dando pelo meu exame. E' allemão; trouxe-o de A'henas, d'uma barraca de feira, onde se mostrava barato. Além do allemão fala o hespanhol, o italiano e vae comprehendendo e conversando o portuguez.

E fazendo-lhe signal para que retirasse:

— E' extravagantemente intelligente e velhaco. Tem vinte e nove annos. Não perdôa a altura e desenvolvimento dos outros. Chego a

suppol-o justo. E, como quer que seja, trouxe-o commigo n'uma hora de humor exotico que só elle podia encher. E' um capricho envelhecido, um monstro que me interessou . . .

— E' tarde, disse alto a senhora de Soutello, levantando se á procura de agasalhos. A'manhã venho á missa ao Mosteiro, informou, voltada para o Monsenhor.

— Será ás onze horas, disse elle, se V. Ex.<sup>as</sup> não mandarem o contrario.

— Havemos de estar antes, replicou D. Maria Helena.

Despedimo-nos; retirei ao quarto, fatigadissimo.

\*

\* \*

Levantei-me na manhã seguinte, eram dez horas e fui dar volta ao terreiro e analysar a Casa de Lares, que vira mal quando cheguei.

Era um edificio renascença authentico, com janellas de curvas abatidas, recortadas em bisel, muito simples, portaes baixos e largos, ornados de corda aberta em boa gran, cornijas de telhão vidrado, fazendo o edificio, e um beirado, quasi rente, á volta.

O portal maior ostentava, por entre os desenhos da cimalha, o escudo de familia. E nos pannos da frente e no que olhava para o ribeiro, appareciam asymericos varios symbolos:—

a cruz manoelina, esferas, caravelas, e o timbre heráldico dos senhores de Lares — um cysne segurando uma aspa bordada de castellos.

Internei-me pelo arvoredado, a rememorar o passado do velho senhorio, que governára em tempos, muitas leguas em redor.

A' direita era o jardim que, na vespera, tinha ouvido elogiar. Fui vel-o perto. Lá estavam os cravos, as dahlias-sangue, flores variadas de enxofre e carne . . .

Ao voltar-me dei com Maria Peregrina, que, na extrema, conversava com a Salomé, sentadas ambas n'um banco de azulejo alto.

Juntamo-nos, trocando impressões sobre a Casa de Lares. De passagem Peregrina chamou a atenção para o mobiliario, que dizia deteriorado, mas authentico, e raridades de faiança portugueza, velhas porcellanas da China, telas, marfim e a sua collecção de esculpturas, copia de bons modelos, com uma ou outra figura assignada.

Entramos em casa á hora em que o sino do Mosteiro annunciava a missa do dia. O Monseñhor devia estar a revestir-se. Violet e Salomé seguiram para a Egreja.

Dei razão ao orgulho de Peregrina, insinuando atenção para o resto de grandeza que podia lêr-se no interior de Lares.

A sala de entrada, coberta por um tecto agamellado, que repetia na face mais larga o es-

cudo dos portaes, era vestida de carvalho, tendo em baixo um socco de vara e meia de alto, almofadado, e com feitios que variavam, segundo o desenho asymetrico dos cachorros.

Entre o roda-pé e o faixado alto entalhavam os retratos de familia, em moldurados em tiras de carvalho bordado, com escudos a marcarem a prosapia dos retratados.

Nos intervallos dos retratos havia contadores hispano-arabes e um cravo; ao centro um bufete enorme de pau santo.

Sobre estes moveis pousavam alguns bronzes, lavores de marfim, exemplares de olaria arabe, contadores minusculos de oiro e tartaruga, joias, — tudo o que podia recordar a belleza passada, o capricho exotico de um mimo fidalgo e senhoril.

Dentro, a sala seguinte era um compartimento pequeno com tecto em castanho, dourado, talhado em xadrez, de florões caprichosos marcando a junção dos quadrados, guarnições do mesmo desenho e um socco desigual. Em volta bancos gothicos, em bom estado, guardavam nos escaninhos preciosidades, bugiganças d'Arte.

Era n'esta sala e sobre umas credencias, muito enfloradas de boa talha do renascimento, que pousavam as melhores estatuetas da collecção.

Percebia-se o amor posto á sua guarda, tão



escrupulosamente tinham sido conservadas. N'alguns pannos da sala, havia telas esbatendo talento, sonho, ingenuidades épicas.

A parede principal era coberta por uma arvore genealogica, tracejada em pergaminho, oleado de velhice — onde uma rêde de linhas descompostas prendia escudos polychromos, manchas de grandeza maltratada . . .

Em frente, no outro panno, pendia uma armadura incompleta que remontava ao tempo de Pedro II.

O resto da casa condizia em mobiliario e arranjo com as duas salas; espalhavam-se pelos compartimentos armarios, arcas, contadores e camas de muitos seculos.

Ao passo que iamos vendo o mobiliario, iamos discutindo algumas peças de que Peregrina fazia a historia, segundo informações de familia e os melhores conhecimentos d'Arte.

De repente viu o relógio, e disse, dirigindo-se-me :

— Tenha paciencia : E' tarde e não posso deixar de ir á Egreja. Vou assistir ao resto da missa, visto que me descuidei . . . Dentro de um quarto de hora devo voltar.

— Tambem vou, informei.



Quando entramos no Mosteiro, urdia Andrada, discreto e avaro de gestos, a ultima parte da *Homilia*.

Fixou-nos, alheando-se logo da nossa entrada, e proseguindo :

.....  
 Vou terminar, irmãos em Deus, aconselhando-vos ainda e sempre a serdes bons.

Os Evangelhos,— são mero processo na vida superior ; a Fé é o exercicio inconsciente da Bondade.

Furtae-vos a julgar os delictos alheios. Os verdadeiros actos culpaveis são as más intenções, mas n'estas só Deus e os 'peccadores podem entrar. Dizei, com David no Psalmo xxv — a ti, Senhor, levantamos a alma.

Mas para que ella suba, despi-a de formulas. E' pela Bondade que se eleva. Não batalheis contra os maus, pois que ninguem sabe ao certo quem são os maus. A vingança dos fracos é esperar a queda dos fortes.

Mas não devemos desejar e menos ainda promover a sua queda. Amae a todos. Fechae os livros santos, pois que elles são formulas, quando sentirdes Deus em vós.

Amae a Biblia pelas suggestões que vos der, incidentalmente.

Quando souberdes amar, não precisaes de ler.

.....

Ao acabar a missa trocamos cumprimentos com o Monsenhor, as Senhoras de Soutello e ainda com um novo personagem que appareceu a reverenciar Peregrina, n'um desconcerto grosseiro, embora amavel de intenção.

Peregrina disse, entre parentheses de sorrisos, apresentando-m'o :

— E' o Sr. Manuel Thomé — o traço de união entre a Democracia e o Mosteiro.

Attentando n'elle e ouvindo-lhe, por momentos a philosophia alinhavada nas brochuras baratas — vi que era um arremêdo de alguns enchedores de gazeta, que sacrificam á terceira refeição o banho diario e as letras asseadas.

Em dez minutos discorreu sobre politica, economia, moral e vida amoral.

Salvou-nos de dissertação mais estirada um pequeno de physionomia antipathica, com geitos de saguí — um Thomé em miniatura, que á semelhança do Pae, usava as mãos descidas, como a procurar vocações no chão.

O pae, o Sr. Thomé, explicou que o pequeno lhe esgarçava os bolsos do casaco, em repeções de fome, pois que era fraco, a missa fôra tarde e elle viera em jejum.

E nós em côro, — Peregrina, as senhoras de Soutello, e eu: que o pequeno tinha ra-

zão; fosse o Sr. Thomé repastar-se com a família, pois era preciosa ao Mosteiro a sua saúde.

Suspirei de allivio quando o vi longe. Maçava-me a ingenuidade d'aquelle phonographo de democracias idiotas. D'aquillo tinha visto em Lisboa. E Peregrina, dando pelo enfado:

— Coitado, é tão nosso o exemplar! Conheço os inferiores de todos os paizes. Mas o typo Manoel Thomé é caracterizada:mente português. Veja o seu desdobramento no parlamento, no comicio, na escola, na chronica litteraria — em toda a parte. E' a democracia soez, pintada de cynismo, a pompear requintes tirocinados em sociedades de infimos.

E, n'um encolher de hombros:

— Vamos tambem almoçar. Sigamos as indicações da Providencia, que, d'esta vez, foi o pequeno.

Dirigimo-nos para o Solar. Conversei as amarguras de Peregrina até ás seis horas da tarde do meu segundo e ultimo dia de Lares.

A'quella hora abraçei a Artista, e parti para Guimarães com um maço de papeis. Este maço compendiava uma parte da sua vida — alguns dos episodios que mais a vinculavam á desgraça, cuja historia prometti escrever.

Vou cumprir. As tempestades intimas que a sacudiram e lhe determinaram as perversões e quedas de vontade ultrapassam a pathologia conhecida.

---

Este livro edita um Novo-Mundo interior. E' a teia de sonhos e delirios d'uma grande Artista, desvairando á mercê dos nervos, — afinal a biographia, um tanto romanceada, d'uma figura singular, cuja obra existe e é o fio-mestre d'esta novella, que vale bem o subtitulo — *Tragedia extranha*.

---



### III

«D. Maria Peregrina Alvares de Lorena e Villa-Verde, filha de D. Maria de Lorena Eannes de Castro e Villa-Verde e de D. Antonio Alvares Muito Nobre de Leite Moniz e Sá, nasceu em 31 de outubro de 1880.

O brasão da muito illustre Casa de Lares explica alguns d'aquelles appellidos. Consta d'um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas reaes de Portugal, pelo appellido Alvares, e no opposto as reaes de Castella, pelos appellidos de Lorena e Villa-Verde, lavradas em mantelado de prata e circuitadas de negro. Destacam n'este leões de purpura batalhantes, bordados d'oiro e veiros de côr á volta.

Por timbre usa a Familia de Lares um cygne, armado d'oiro, segurando no bico uma aspa vermelha, com escudos alternados de Portugal e Castella.»

Assim o escreveu D. Antonio nas *Memorias genealogicas e Nota Privativa* da Casa.

Os escudos lavrados na cantaria do edificio

attestavam a historia do velho solar de Lares, confirmando os archivos.

Maria Peregrina sentia-se extranha ao mais da sua linhagem. E, se a devassava, era para averiguar amôres pouco fidalgos. Comprazia-se em lêr, para além dos escudos, romances de ligações humildes.

A sua alma, exquisitamente vincada e polychroma, rompia os esquartelados e côr dos braços.

Talento, physionomia, fraquezas — tudo reflectia a sua figura de contras'es, que o Destino urdira de nevrose e sombras . . .

Amava instinctamente as fraquezas como os talentos. Sentia que umas e outros lhe espirituallisavam a figura, tocada de Desgraça, e d'ahi — perdoar ás duas avós judias que tinham vindo enlear se na velha arvore dos seus, frondosa de santos, doidos e poderosos.

Por entre a rêde azulada de linhas que lhe prendiam os appellidos, destacava as malhas vermelhas dos bons erros de amôr.

Respeitava estes erros pelo que a explicavam. Entre as linhas de bom sangue que a submettiam e o systema de linhas que lhe davam a figura, sentia o conflicto de duas raças. Era pela desenvoltura do seu corpo de garça, talhado em ambar macio e tostado, — expressão de um povo que vive na penumbra um eterno outomno de genio triste . . .



Que lhe importava que o sangue semita viesse gafar a sua origem fidalga, se ella vivia, sobretudo, essas gottas de sangue extranho, que em revolta com os globulos de raça, a reflectiam n'uma casuistica tão á parte da que inculcava a outra gente.

No seu perfil moreno, tocado de sonho e de tristeza, parece que o Destino tinha escripto uma parte da sua historia.

Perdera cedo o pae, aos nove annos. Da mãe, victima do nascimento d'ella, ficaram-lhe memorias, casos de bondade que toda a gente repetia. Manoel de Sousa Campello e Pamplona, senhor do vinculo e Casa de Soutello, fôra seu tutôr por disposição testamentaria de D. Antonio. Mandou vir uma professora ingleza para a instruir em linguas, licção de coisas e principios d'Arte.

D'uma grande precocidade, Maria Peregrina seguia, com excepcional aproveitamento, as licções de Louisa Huley.

A ingleza era uma aventureira intelligente, muito prendada, que, tendo approximadamente trinta annos, tirocinára o ensino pela Allemanha, Austria e França. Tinha de seu uma grande mala com seis costumes de passeio, o talento das linguas e o ar extranho de quem ensina prendas e vicios para gastar nervos.

Maria Peregrina e Louisa affeiçoaram-se profundamente, exquisitamente.

Extranhava a ama de Peregrina, a velha Clara, a indiscreta afeição da estrangeira, que viera roubar-lhe os carinhos da *menina*. . .

E, da mesma forma, a Salomé, a filha dos Morgados, mais nova cinco annos do que Peregrina, se sentia desfalcada nas attenções da prima, muito carinhosa e prodiga de entretenimentos antes da vinda da Huley.

Os de Soutello exultavam. Que felicidade darem-se bem, dizia D. Maria Helena para o marido. Com o genio voluntarioso de Peregrina o que seria se não se dessem. . .

Manoel Pamplona concordava.

A alumna estudava com a melhor vantagem. Quando acabou o contracto com a Huley (cinco annos) falava e lia correctamente o inglez, francez e allemão, entrando com uma acuidade que mal se comportava na sua idade, nas obras de Belleza que marcam o genio das linguas. E da mesma forma comprehendia e executava musica, surprehendendo a ingleza, muito pratica no seu ensino.

— E' um talento precoce, uma grande sensibilidade, dizia o Tio Manoel, admirado dos progressos de Peregrina, sobretudo da forma porque ella commentava trechos de poesia, esparsos nas selectas, extremando por si a belleza, como os pontos fracos ou extravagantes d'algumas passagens.

Era elle quem a leccionava em portuguez. E

ninguem poderia fazel-o com superior competencia.

Dizia se modestamente um philologo amator, apesar de ser um estudioso e discorrer Philologia na *Revista Luzitana*, *Instituto*, *Portugalia* e algumas publicações estrangeiras.

Era muito acreditado pelas diversões eruditas e conhecimentos miúdos dos segredos das linguas antigas. Os classicos, explicava ao abbade e ao visinho Thomé, parceiros certos do bridge nas longas noites de Soutello — são os meus antepassados em Lettras.

E o abbade, concordando, dizia que o Morgado era o representante legitimo dos velhos cultores do Humanismo: que não era comprehensivel o talento sem a grammatica, que lera ultimamente *A Idéa de Deus* de Arimathéa Coelho — e concluirea que Deus torcêra a Idéa do auctor obrigando-o a dal-a em prosa de saca-rolhas; que lia ás vezes, por desopilar, a chronica d'um gazeteiro de Lisboa, pae d'um livro — *Horas tórpes*, coisas pelintras, que estavam abaixo dos alumnos do seu tempo, quando iam a meio da Arte; que as Lettras iam condisendo bem com o resto. . .

O sr. Thomé interferia a favor do chronista — que não era tanto como dizia o abbade, que auctor das *Tórpes* exteriorisava em parte as suas idéas, que elle Thomé escrevera antes para um semanario de Pindamonhangaba, quando era

ainda moço de loja no Tijuco. Manuel Pamplona intervinha sempre, ordeiro, temendo perder os parceiros; sorria inteligentemente para o abbade como a pedir-lhe clemencia para as idiotices do chronista, em que Thomé era commanditario, e depois de alguns rodeios cahia a fundo, muito socio em idéias com o abbade na ignorancia do grande numero dos plumitivos do tempo, e ainda na obra d'aquelles que não eram idiotas como o exemplar preferido pelo Thomé. Maria Peregrina que precisava encher as noites de Soutello, lia quasi sempre, mau grado as observações da Tia e as reprimendas carinhosas de Manuel Pamplona.

Preferia ler traducções de poesia latina ou grega. De vez em quando levantava-se a inquirir o Tio sobre casos complicados. Queria apprehender a Poesia no mais largo significado. E irritava-se porque, apercebendo-a no *rhythmo*, na idéa simplista da imagem, no trocadilho das passagens extravagantes — não podia desde logo, penetrar na rêde do maravilhoso que envolve a tessitura classica e jogar com o conflicto dos deuses, e todo o genero de sobrenaturalismo. O morgado entremeava os *rovers* de explicações, pigarreando quando tinha de fugir a qualquer ponto escabroso posto em discussão pela sobrinha.

Quando a educanda completou quinze annos reuniu o conselho de familia para deliberar so-

bre o complemento da educação. O curador dos orphãos, homem novo, sabedor da precocidade de Maria Peregrina e vendo o montante da sua fortuna, entendeu que devia promover o fim da educação d'ella no estrangeiro, longe da pobreza e preconceitos nacionaes, e d'ahi o ter requerido ao conselho que fosse internada n'um collegio inglez, segundo o costume das educandas do seu nascimento e bens. Os Morgadoz recalcitraram, e Manuel Pamplona poz á prova toda a importancia e empenho, a ver se impedia o que elle chamava «as modernices impertinentes do bacharel-curador».

Não obteve coisa alguma. Em outubro de 1895 partia com Maria Peregrina para Inglaterra a cumprir as ordens do Conselho.



#### IV

Anno de 1898.

N'esta data chegou a Petersfiel, collegio de St. James, onde Maria Peregrina fôra installar-se, a noticia da morte de Manuel Pamplona.

Tinha ella dezoito annos.

O Collegio de S'. James, em Petersfield, era uma das primeiras casas de educação da Inglaterra, com destino á aristocracia ingleza e a estrangeiros e nacionaes de fortuna.

Havia quatro annos que Maria Peregrina entrara, sendo a primeira alumna do collegio, apesar das extravagancias de genio, que a disciplina ingleza não conseguira modificar e ia indulgenciando em attenção aos seus talentos.

Recebeu a noticia da morte do Tio com pezar. Lembrava-se da velha bulha do *bridge* nas noites de inverno do Mosteiro, entre o Abba-de e o Thomé, a que elle accudia ordeiro e conciliador; das suas licções de portuguez e rudimentos de latim, das velhas recitações que



elle fazia sob os arvoredos de Soutello e Lares das obras de Homero, que ao tempo amava por instincto no seu panhellenismo genial; de Sophocles, o poeta notavel que em si summariava a maravilhosa cultura e floração de Belleza grega, de tudo emfim que Manuel Pamplona lhe ensinara ou suggerira debaixo das boas sombras do Minho — ou nos salões dos velhos solares, d'uma pretensão architectural tão portugueza e ingenua . . .

— Coitado, dizia á predilecta Helen, como era bom na simpleza de provinciano, e sabio de coisas classicas, de que sentia sómente o pautado e regramento do periodo — n'uma pretensão humanista adoravel!

E lembrar-me de que fui eu quem o obriguei á unica viagem que fez! Ah! a confusão que sentiu ao entrar em Londres, memorava. E ainda bem, pois que esse aturdimento lhe anesthesiou o desgosto de deixar-me. Sinto no peito o seu abraço de despedida, o ultimo abraço, como elle disse a chorar. Tinha de ser! . . .

E Helen Green, uma linda adolescente de 16 annos, muito enleada em Peregrina:

— Dize-me, mas a morte do Tio Manuel não prejudica a tua estada aqui, não é verdade?

— Não. Vou escrever para Portugal. Sei vagamente que posso emancipar-me. Vou escrever á Tia Helena, a tomar parte no seu lucto —

deve estar consternada! e ao procurador a mandar que promova a minha emancipação immediatamente. Depois traçarei, á vontade, o novo plano de vida.

— E a emancipação não pode ser recusada? inquiriu Helen.

— Pode, mas não o será, porque vou recomendar ao José Lourenço, que se entenda com os do Conselho de Familia, estimulando-os, sem olhar a despesas. Confio absolutamente n'elle. E' fino, ladino, e... minhoto. E olha que o Codigo de expedientes do Minho, minha querida, vale o mais das leis inglezas, concluiu, beijando Helen...

\*

\* \*

Passaram mezes sobre a morte de Manuel Pamplona.

Maria Peregrina trabalhava no quarto, segundo o costume áquella hora, quatro da tarde, escrevendo vagarosamente sobre tiras esguias, quando vieram annunciar-lhe a visita de um portuguez. Desceu ao salão, intrigada. Quem seria o portuguez? Teve a maior das surpresas. A um canto do salão, discreto, attento á decoração das paredes, dando voltas ao chapeu braguez, de roda de palmo, estava o procurador.

— Oh! José Lourenço, exclamou Peregrina,

como quem chama por uma visão a desaparecer, pois és tu? Em Petersfield! E, vendo-o caminhar para ella, venha um abraço. Quero abraçar o Minho nas abas de Londres.

E o José Lourenço, com os olhos e a voz rasos de lagrimas, baixando-se para a abraçar na cinta, reverente:

— E' verdade, senhora Morgada, vim dar conta do recado de V. Ex.<sup>a</sup> e receber novas ordens. A Maria tambem queria vir, mas lá me pareceu de mais.

Que, a bem dizer, o que aqui me trouxe foram as saudades. Ha tanto tempo que não via a Fidalga. E a Maria, tinha tantas saudades como eu, coitada. Lembra-se todos os dias do tempo em que a apartou. Ainda outro dia lá appareceu um senhor a pedir colheita e ella esteve todo o serão a falar da senhora Morgada, a ponto que se ia zangando porque elle se riu, quando ella disse que V. Ex.<sup>a</sup> era a menina mais linda que havia no mundo. E a falar verdade que féra está. Dá gosto vel-a assim. Que linda! Como a Maria havia de gostar de vel-a!

O tempo corre. E o que faz o sangue! As raparigas do Mosteiro da criação da Fidalga estão umas lambisgoias. A não ser a prima de V. Ex.<sup>a</sup> que tambem, não desfazendo em ninguem, está um anjo — das outras nem falar...

— Pára, José, disse Maria Peregrina desnor-teada com a loquacidade minhota do procura-dor. Havemos de falar muito do Mosteiro, das pessoas que temos pelo Minho, mas antes de mais, interessa-me saber como déste com Pe-tersfield.

— Muito facilmente, Morgada. O vinho do Mosteiro é, como a Fidalga sabe, o melhor vinho de Portugal e creio até que do mundo, pois que elle vae para toda a parte. . .

— Mau, José! Não te esqueças da minha pergunta. Queria eu saber como déste com Pe-tersfield, observou Maria Peregrina, impaciente e muito medrosa da longa historia dos vinhos verdes. . .

— Perdoe a Fidalga, a gente não sabe falar, mas era o que eu ia para dizer. Ia contar que o vinho do Mosteiro é muito procurado, e d'ahi vende-lo cêdo a uma casa do Porto, que tem agentes inglezes. Entendi-me com um agente, que todos os annos vem a Inglaterra. Fizemos viagem juntos e estou certo de que se o perdesse já não ficava por cá. Ia direito para o Minho. Eu podia ter escripto a V. Ex.<sup>a</sup> e forrar o dinheiro da viagem, mas tinha sauda des da Fidalga, alem de que tinha gosto em vir dar parte a V. Ex.<sup>a</sup> de que está emancipada e já ninguem manda no que lhe pertence. Os homens, a principio oppunham-se á emancipa-ção, que era cedo, e não constava um caso

assim, demais tratando-se da maior fortuna do Minho... Afinal, tudo se remediou.

— E's um talento, disse Maria Peregrina. Espera: quero mostrar-te a uma pessoa amiga. E, levantando-se, foi chamar Helen, que entrou, passados minutos, quedando-se, muito curiosa, diante do Lourenço, que a cortejava, mesureiro.

— Que extranha figura, dizia Helen, passeando os olhos de turqueza liquida, sobre o corpo athletico do velho, muito cingido no burel grosso do vestuario, de calça em polaina, bota de prateleira, jaqueta alamarada, abotoando com cruzados de prata, e um grillhão d'oiro á laia de corrente.

— Que curiosa figura! repetia a ingleza, approximando-se mais do Lourenço.

E voltando se para a Peregrina:

— Que vaes fazer d'elle?

— Primeiramente, hei de passeal-o por Londres. Sabes que estou emancipada — o que equivale a dizer que mando em mim. Hei-de leval-o a toda a parte. Quero sentir as suas impressões no Hyde-Park e Camara dos *Commons*. Tenho pena de que o humor inglez não vença as complicações do protocolo da tua Côrte, pois fazia gosto, concluiu rindo, em apresenta-lo em Windsor.

E, dando pela attenção baldada do velho, á conversa em inglez:

— Estava a dizer que iamos passear muito. Quero que leves que contar para o Minho.

— Sim, minha senhora, como a Fidalga quiser, mas eu precisava estar lá para as malhas, d'amanhã a tres semanas, arriscou o Lourenço, reverente.

— E estarás, havemos de arranjar tudo. Descansa.

E ficaram os tres, muito á puridade, no salão do Collegio, estudando, discutindo o Minho.

— Aproveita, Helen, dizia Peregrina. Eu tradozo te o velho. Olha que é a primeira vez que o Minho authentico, atravessa a Mancha...

\*

\* \*

O Collegio de S. James dava á instrucção litteraria o logar competente. As aulas de lettras começavam ás nove horas e terminavam á uma.

Rapazes e alumnas tinham instrucção conjuncta em varios ramos de ensino, e designadamente em *sport*. Entendeu a Pedagogia e bem que era preciso preparar creaturas fortes, e d'ahi o ter a Inglaterra e os povos mais civilizados primado principalmente no seu cultivo. O Collegio de S. James executava á risca os votos dos congressos. Facultava a co-educação, instruindo pelo livro, pratica de laboratorios, trabalho de officinas, jardinagem, etc., isto na maior liberdade de ac-

ção compatível com a ordem, no proposito de extremar vocações e especializar talentos. Rapazes e raparigas aproveitavam as sombras do arvoredor, que abraçava o collegio, conversando, pintando do natural, jogando, muito á vontade, n'uma confiança mutua de professores e alumnos.

Para o inglez a grande mestra é a vida, o culto pela natureza livre, a razão maxima da sua forma de sentir a Liberdade. Maria Peregrina, uma peninsular, com sangue de casas reinantes decahidas, caldeado de globulos extranhos, e uma imaginação escandecida pela sobreexcitação dos talentos, recebeu de começo com mau senho aquella imposição de força ingenua, que dominava o collegio.

Mas pouco a pouco foi-se achando bem. Como tinha character nos defeitos, adquiridos e congenitos, foi aproveitando o que lhe pareceu de molde a servi-los, relegando o mais do espirito do ensino, que toldava do seu hellenismo nascente, collidindo com o genio do Sul de que ella era expressão.

— Ah! dizia uma vez em conversa de camaradas mais intimos, pontificando no *hall*, rimuito dos do Conselho de familia, quando me destinaram para *menina de collegio*. Coitados, entendem que todas as aves se dão em gaiola. E que na mesma cabem pardaes e aguias...

Afinal vim na idéa de ver a Inglaterra e seguir



mundo. Com o pretexto de experimentar collegios, ia vendo terras e educando-me por mim e para mim, como sempre desejei; mas certo é que me tenho achado bem, fiquei . . .

— E' que as gaiolas na Inglaterra são folgadas, disse Edgar Buckley, um bello rapaz do bando, de dezoito annos, typo loiro, irlandez de nascimento e coração, de physionomia severa e sympathica.

— Não é isso, ob'emperou meigamente Peregrina, fitando Helen. E' que achei em Petersfield a creatura que me deu alentos á exteriorisação da minha Arte. Eu tinha latente um amor exotico que não tinha apoio algum exterior, e portanto não podia vir a publico sobre forma alguma. A Arte é sempre uma expressão de amor. Só produz quem ama. Que esse amor seja bom, ou mau, que importa! O que é preciso é amar.

— Maria Peregrina! arriscou Edgar, sabes que commungo contigo na admissibilidade do amor extravagante; mas parece me que este amor deve ser um caso accidental. A'manhã, quando sairmos do collegio, iremos todos cahir no amor vulgar; e, a falar verdade, supponho que sobretudo áquelles que têm talento isso convém. Pois não é certo que o amor extravagante nos degenera e gasta?

— Eu te digo, Edgar, ha duas maneiras de considerar a Vida:— vivel-a para o espirito, para

a Arte — n'uma tensão firme de Belleza, e vivel-a como o commum da gente — almoçando, dormindo, trabalhando á hora, realizando n'um dia trabalho igual ao do dia seguinte, e talhando em 24 horas o programma, a obra de 24 ou 48 annos. Para estes não importa o amor exotico. E convenho que os prejudique se o tentarem . . . Mas para os outros, os da Vida superior, muito longe de lhes prejudicar a obra e o destino, creio que lhes dá em Belleza o que perdem em felicidade. Não leste de certo, o mais do que ha escripto ácerca da cultura dos homens na Grecia? Nietsche, por exemplo, affirma a supremacia do vicio, esclarece — «que as relações eroticas dos homens com os adolescentes foram, d'uma forma que nem nós chegamos a comprehender, a condição unica, necessaria de toda a educação viril; que todo o idealismo da força na natureza grega se baseou em taes relações; que o commercio sexual regular baixava ao passo que se ia elevando a concepção d'aquellas relações».

— E parecem-te, perguntou Edgar, certas, essas theses?

— Absolutamente verdadeiras. Condizem com os estudos a que me tenho dado da civilização grega, e de o entender assim a minha concepção nova de Hellenismo, o Poema que estou urdindo e vou publicar.

— Já agora Peregrina, como teus admirado-

res e discipulos, creio que temos direito a saber o entrecho do Poema. A tua Arte é tambem nossa.

— Claro, insistiram os do grupo, que eram — o companheiro predilecto de Edgar, Hugh, um adolescente de olhar quebrado, muito vago, typo de Ganymedes do Norte, Violet uma rapariga tambem ingleza, de olhos e cabellos castanhos, de andar suave, e fala cantada, e Helen, a predilecta de Peregrina.

— Pois vou explicar-vos o Poema, já que de-sejaes interessar n'elle, disse a portugueza, sentando-se.

Conheceis, de certo, até pelas nossas conversas, a poetiza Sapho. Muito se tem escripto ácerca d'ella. Não ha noticias do mais da sua vida e obras. Pertence principalmente á lenda. As suas *Odes*, como cerca de setenta fragmentos reunidos nos *Lyrical graeci* de Bergk — não são de molde a dar notas seguras ácerca do que foi.

Entretanto um facto é assente — o valor da sua extremada figura. Qual a reproducção mais legitima segundo a Arte? O Vaticano possui uma estatua da Sapho, sentada n'um rochedo, meditando; em Napoles ha uma pintura de Herculanum e um busto em bronze; modernamente occuparam-se d'ella muitos auctores. Tenho reproducções dos trabalhos de Gros, Ramey, Duret, Diebolt, Clesinger, etc. Trataram em opera

a tragedia de Sapho — Angier (musica de Gounod); e Salm (musica de Martini). A idéa dos seus presumidos defeitos deu ainda logar a um romance de Daudet — aliáz inferior, pois que o artista trata incidentemente de Sapho em duas linhas, dando a Fanny Legrand, a sua heroína, aquelle nome, porque ella veste uma historia que tanto podia ser a de Sapho, como a de qualquer nevrotica, dada a volupias e violencias. O que é assente, emfim, é que a critica tem oscillado na sua maneira de entender a poetiza, sem ver n'ella o contraste do espirito grego n'um largo instincto de generalisação e triumpho helenico pelo amor exotico.

Assim a considero e vou cantal-a.

Para mim Sapho foi a mulher de genio que acceitou como um facto a homosexualidade grega, o desprezo transitorio pela mulher, e tirou d'estes factos estimulos para a sua campanha de amor, independentemente de preconceitos de sexo — fundando a sua escola para levar á civilização grega a quota parte que lhe devia a adolescencia feminina, o mundo-feminino, em uma demonstraçào de vicio e genio — que eram parallelos ao genio e vicios que contrastavam as maiores figuras do panhellenismo, os maiores apostolos da Belleza grega,

Ver do conflicto entre o seu valor e o desprezo pelo sexo, sentir o culto de si propria, historiar e reproduzir a hypercivilizaçào grega

e fazer d'essa mulher sublime o ponto culminante, a expressão de synthese da sensualidade d'um povo que aspirava ao *contrôle* da civilização do mundo — tal é, meus amigos, a razão do meu Poema, a concepção do livro que tenciono publicar com o titulo — *Nova Sapho*. Porque é uma nova *Sapho*, concluiu, a que espero desvendar.

Os presentes, alumnos dos mais premiados do Collegio, e de muito industriados no amor grego por Peregrina, com leituras tendentes a desculpar-lhes o peor da vida hellenica — tinham preparação bastante a comprehender a tessitura do Livro. Applaudiam-no, sobretudo, pelo arrojo de lançar a publico a idéa dissolvente do amor extravagante.

Todos se mostraram surpresos, mas cheios de admiração pela creatura invulgar que supremaciava sempre na roda em que estivesse, e que decididamente ia dar que discutir.

— Curiosa faina, dizia Edgar, baixando o olhar . . .

E todos se deram a commentar a intenção e episodios em que a auctora repartia os cantos, até que vieram as trez horas dissolver aquella extranha academia, tão inesperada, n'um collegio, a poucas leguas da utilitaria Londres!

A campanha badalára o signal para o banho. Alumnos e alumnas separaram-se para irem para as respectivas piscinas.

\*

\* \* \*

As casas de banho eram distanciadas, quasi nas extremas do recreio. A dos rapazes era um alpendre espaçoso, com dois pannos de tijolo, columnas e um coberto escuro de lousa miuda, que dava de longe, por entre a ramaria, a impressão selvagem d'um enorme dorso de crocodillo.

N'aquella tarde, segundo o costume, os rapazes correram todos para o alpendre. Em minutos, professor e alumnos tinham despido os fatos. Tudo mergulhou. Só Edgar e Hugh se deixaram ficar junto ao tritão — Edgar muito triste, distrahido, de busto inclinado, parecendo desembaraçar-se da roupa com desgosto; Hugh muito mirado no corpo do companheiro, já nu, de pé, attento e á espera para mergulharem juntos.

Soberbo quadro o dos rapazes que á beira do lago acamaravam com o tritão, n'um grande contraste de belleza.

O Tritão era a força rude, o abraço forte da terra e do mar, meio-peixe e meio-homem, o genio mysterioso, assistindo interessado ao que os dois diziam, n'um silencio de confidente.

Hugh era a belleza vulgar, a media de belleza adolescente, muito firme nos traços, d'uma carnação que era um calendario a marcar-lhe a idade, sem uma nota de imprevisto.

Pelo contrario, Edgar era a excepção:—a belleza á parte, no contornado do seu corpo branco, suavemente tatuado de veias rôxo-lirio, sem um traço a mais, uma flaccidez destoante, um descuido de lançamento.

Inclinado, repuxava os musculos e nervos das pernas, deixando adivinhar as rocas perfeitas da sua nervatura e musculos, que tão bem lhe jogavam a gentileza do corpo, forte e airoso, flectindo-o n'uma harmonia suprema de linhas.

— Que formoso que és, disse o companheiro.

— De que vale sel-o, obtemperou Edgar com tristeza. A natureza quando nos engendra devia logo equilibrar a alma com o corpo e eleger com as nossas tendencias a mulher de tendencias equivalentes que tivesse de pertencer-nos.

— Ah! exclamou Hugh, mudando de physionomia, percebo. Estás apaixonado por Maria Peregrina. E querias que a natureza te destinasse em Londres uma companheira de Guimarães...

— Não brinques. Sei que me é fatal o amor que tenho por ella.

Vamos, que fazem? inquiriu o professor de natação, por entre os gritos e o espadanar da agua que saham d'aquelle lago.

Subito os dois rapazes moveram-se como duas estatuas que resolvem partir; levantaram as mãos em setta e mergulharam na primeira clareira.

A piscina era um lago de carne. Curioso es-



pectaculo! Ephebos de jaspe e rosas, remando corpos desenvoltos. . Eram os amantes agueridos do heroe de Carthago; era Apollo, Adonis, Ganymedes! Memorias tomando banho . . .

As piscinas destinadas ás alumnas eram abrigadas por uma casa ampla, repartida em muitas cellas, com mobiliario e objectos ligeiros de *toilette*.

Havia duas tinas quadradas de dez metros e de diversa altura, para receber as alumnas segundo o adiantamento em natação.

Abastecia-as d'agua uma Esphinge de lavrado exotico: — Cabeça de escoceza de lavoura, peito amplo montado em corpo de leão escanzelado, e tendo á laia de aza pennas ralas de milhafre. Era o monstro de Thebas peorado pelo canteiro inglez, vingando as victimas do Enigma.

Certo é que a filha de Typhão parecia ter resurgido do mar e esquecida do aggravo de *Œdipo*, golphava da boca larga e mal talhada — columnas d'agua.

À hora do curto dialogo de Edgar e Hugh desciam as raparigas ás piscinas.

Lestas seguiram quasi ao mesmo tempo para o patim da piscina alta. Entre Helen e Violet ia a portugueza. A brancura das inglezas emprestava luz ao corpo de mel de Maria Peregrina — que sobresahia pela extranha bel-

leza e desenvoltura de linhas. Todas usavam um calção curto e camisolim decotado, muito justos. A malha de Peregrina era de seda morena, como o corpo que apertava. Não o escondia, sophismava-lhe a obrigação do vestuario, tornando-a mais bellamente nua.

No patim as trez hesitaram, depois foram descendo. A ultima a entrar foi Peregrina que impelliu Helen suavemente pelas ancas, segurou distrahida o cabello farto, anelado e selvatico e ficou-se a seguir com o olhar o corpo branco da companheira, a boiar na tina funda.

Só, de pernas colladas, braços levantados como segurando a cabeça esbelta, Maria lembava um gomil precioso de olaria rica que um principe tivesse ido encher ao lago e ahi esquecesse.

Foi a ultima a entrar e a primeira a sahir. Deu volta ás duas tinas, arando a agua em sulcos d'um desenho desmanchado e sahiu, mau grado os protestos das companheiras.

Um quarto de hora depois partiam todas para as cellas barracas a vestir-se.

Helen ia a entrar para a sua, mas recuou, suppondo enganar-se. Estava occupada por Maria Peregrina que acudiu a chamal-a.

— É esta a tua cella, informou, abraçando-a. Sahi mais cêdo do banho e vim para aqui para te enxugar com beijos.

— Olha que estou muito molhada, dizia Helen, achegando-se do lençol.

— Estás molhada? Não importa. Deixa mor-der o teu corpo velludento de asclepia e fructa. Tenho sêde para te beber toda, dizia d'olhos chammejantes, fremindo os labios pelo corpo branco-humido da ingleza. E sorvendo-lhe as extremidades crestadas do peito: — Sabes a historia d'estas lindas nodoas? Não sabes, minha tonta, vou contar-t'a.

São dois peccados. Deus tinha apartado uma nuvem muito branca para fabricar petalas de magnolia. Sabes que não se pode tocar em taes flores; escurece-as um carinho.

A sua mão deu-se a modelar-te, por capri-cho, d'aquella massa — a das rosas mais sen-síveis.

Poz um cuidado especial no peito que te re-partiu em globos medidos pela sua mão divina, e a que deu a macieza das petalas e o calor das rolas.

Pois o maroto de um anjo que o viu distra-hido foi guloso dar-lhe dois beijos. São estes pedacitos crestados, rematados por agulhetas finas, que ainda ha pouco pareciam romper-te a malha e me beijaram quando as bejei.

— Muito interessante o conto, disse a ingleza, rindo. E abrindo os braços: — Venha lá esse lençol de beijos. Quero sentir os labios que dizem tão lindas historias . . .

\*

\* \*

Passaram mezes. Uma tarde estava Peregrina no quintal a tocar violino junto á Fonte Verde, de costas para a alameda larga, quando ouviu a folhagem . . .

Voltou-se.

— Ah! és tu? disse, com enfado para Edgar, que avançava para junto d'ella, sentando-se á beira da Fonte.

— Sou eu que estou aqui a ouvir-te ha muito tempo. Que bem comprehendes o violino!

— Então dize o contrario, que bem que o violino me comprehende, respondeu ella, pois que improvisava musica sobre motivos intimos.

— Era uma despedida - a despedida de Helen, não é verdade?

— Era, sim: — anesthesiava-me. As ondas de musica podem ser ondas d'ether para a Artista que puder bem mergulha-las. Por mim não posso. Não sei esquecer, pois que despendo muito trabalho a fixar . . . E o culto divino que tenho pela musica não vae até apagar-me os defeitos ou virtudes do temperamento.

— Tens então muitas saudades de Helen? Dentro de breve tempo estará ella nos braços d um dos primeiros *gentilmen* de Londres. Conheço John Brook de casa de meu pae. E' um diplo-

mata de valor, muito querido da aristocracia. E' bastante mais velho do que ella, mas hão de ser felizes. O casamento foi, é claro, arranjado pelos paes. Mas, a proposito, deve dizer-se que ha paes que acertam . . . A que melhor podia aspirar? Bem sei que te doe a sua ida. Persistes em negar a natureza. No fim ha de succeder-te o mesmo; regressarás a ella mais cedo ou mais tarde.

— Não fales assim, Edgar, se tens algum empenho em ser-me agradavel. A um corpo de pagem como o teu vestem mal sentimentos inferiores . . . Tem caridade contigo.

— Sabes, Maria, que é por caridade para commigo que penso assim. Por caridade commigo e por amor por ti. Ha que tempos te amo! Chegava a ter ciumes de Helen, que entrava passivamente nas tuas loucuras. Conversava-a sobre os vossos delirios. Tinha um prazer amargo em acompanhar pela dôr o vosso fremir de corpos, que nunca podiam casar-se. De toda a tua philosophia só para mim resultou um bem: — estar ao pé de ti, ouvindo os echos d'uma alma extranha, despedaçando-se n'um conflicto que tinha um unico suppuradouro — o teu talento. O encanto que derramas, não podia vencer a natureza, subjugando a mulher que escolheste. Conversa-a d'aqui a mezes. Creio que o casamento é breve. Verás que mal se recorda do amor em que a usavas. Ah! mas o en-

canto das tuas palavras, como o talento dos teus defeitos não se perdeu. Tenho tudo no peito. Havia ao teu lado quem te amava religiosamente . . .

— Sem me comprehender, objectou Peregrina.

— Não digas isso. Amar é comprehender. Vê como eu, do Norte, me sinto meridional ao pé de ti. só para te pedir um pouco de tolerancia para este amor que recibes como um peccado. Dize o que queres que faça para merecer-te. Queres que a teu lado seja o pregoeiro do amor exotico, explicando que os nossos corpos se não entendem; que os nossos laços são um commercio do espirito? Comprarei essa mentira por toda a casta de infamia, e irei, de alma lavada, prostituir-me ás casas de pederastia que houver ou tivermos de inventar. Como esbanjas a fortuna dos teus encantos! Tens o talento de te fazer amar, mas não sabes amar . . .

— Basta, Edgar! Bem dizia eu: — não me comprehendes. Não extranho. Eu sou, de facto, um enigma, o arremêdo da Esphinge, que o capricho d'um canteiro exprimiu em pedra á beira do lago. Sou o monstro de Thebas, que resurgiu em fôrmas novas. O que vês é o meu avêso. Não me percebes! Não te devorarei como fazia o antigo monstro, a quem lhe não decifrava o enigma. Petersfield não é bem o mon-

te de Thebas e a Esphinge de hoje tem de ser uma Esphinge civilizada . . .

Vou explicar-te o Enigma que sou. Dizer-te como sou. Tenho a cabeça das mulheres de Granada — talhada em sombra e sonho ; o peito é portuguez ; assento o busto no torso de Leão, que é do escudo das minhas armas e das armas da Peninsula, — a bravura do Occidente ; as minhas azas são o genio judaico — a tara d'uma raça, perseguida, que ninguem acceita, que não acceita ninguem . . .

— E vamos d'aqui, Edgar, concluiu n'um riso amargo.

— Maria ! pediu o inglez, um instante apenas.

— Vamos !

E partiram os dois silenciosos, perdendo-se no borbolino dos que batalhavam o *tennis* n'um recanto do recreio . . .

\* \*

Passou um mez. Chegou a noite das nupcias de Helen.

Meia noite. Maria escrevia sem cessar desde as 9 horas. Subito sentiu mexer na porta. Levantou-se e foi abrir.

A' porta estava Edgar, a tremer de commoção, cingindo uma capa leve, redonda pelos joelhos.

— Entra, disse-lhe Maria.



— E' então certo, meu amor, que te condoeste de mim? Imaginei ao ler o teu bilhete que não era verdadeiro. Não podia ser. Tu não podias querer-me. Quasi me não falavas depois que te revelei o meu amor. E assim, de repente, um recado para que te viesse possuir . . . Que extranha és! Ah! que abençoado momento te inspirou, dizia elle abraçando a . . . Foi o genio do amor que preside a tudo, que sabe quanto a minha vida te merece.

— Vá, vejo-te tão morna, depois d'uma resolução tão nobre . . .

— Maria, sê minha devéras. E conta-me o que te levou a chamar-me. Dize-me que me amas. Que sou o escravo do teu amor. E solto da capa, apertava-a contra o corpo, quasi nú, despidendo-lhe o *robe-de-chambre*, e listrando a beijos a sua carne morena . . .

E ella, afastando-o com mansidão, deslumbrada: deixa-me ver-te com os olhos d'Arte. És bello, realmente; e, desapertando-lhe o calção lilaz — despe tudo isso, quero ver-te bem. A historia do bilhete é simples. Recebi esta manhã carta de Helen. Casou hoje. A esta hora deve estar com o noivo; lembrei-me de tirar uma copia do casamento. Era estúpido ser violada no Céu pelo Santo Hilario, que creio que é o santo a quem o serviço incumbe. Quiz ser possuida ao mesmo tempo que ella, e lembrei-me de ti.

Tu pouparás o trabalho ao santo e no ponto de vista da Arte, não me é indiferente noivar com um rapaz tão bello como tu.

— Qual Arte, Maria! Despe a intelligencia e entrega-te. Veste, como eu, o espirito de animalidade, e deixa a nossa carne entender-se; e, abraçando-a, lançou-a sobre a cama estreita, collando a sua bocca á d'ella, emmaranhando-se-lhe nos cabellos, que, desmanchados, desceram como uma segunda noite, a agasalha-los. . .

Sobre a madrugada Maria Peregrina afastou suavemente os braços de Egdar e disse-lhe com fleugma: — vamos, arranja-te. Creio que não quererás que te procurem aqui.

— Conforme, disse elle, se o facto de nos encontrarem aqui nos obrigasse á união para sempre, gritaria já d'aquella janella o meu triumpho. Porque foi um triumpho para mim esta noite, não é verdade? dizia mordendo os labios vermelhos de Maria. Quebrei o enigma. A Ephinge era uma mulher, embora a mais preciosa das mulheres, a unica que Deus poderia dar-me e tambem a unica, Elle sabe, que eu lhe pedi.

Eu andava ha muito a procurar-me. Perderame a sonhar. . . Encontrei-me em ti. Vi-me á luz negra do teu olhar, fluido de amor e perdição. Os teus olhos são como o genio da aventura: — reflectem amôr, lucto, Belleza dolorosa. . .

Como sinto os enleios negros do seu fulgor estranho, penumbras de sonho e loucura !

Vejo atravez d'elles a alma da tua Raça — aquella que elles discorrem, fataes d'amor.

Adivincho-me junto de ti na primeira hora em que viveste, aquella em que odiaste outra luz, e exclamo . — Ahi está a Artista, uma Raça que vae chorar, cantando; recémnasceu o crepusculo do grande povo, aquella que viveu madrugadas e vae morrer Poeta, amortalhado na sua alma-sombra.

No teu corpo de marfim e seda, realizou o Divino da Belleza um voluptuoso sonho, aquella sonho que Elle viveu um momento, confundindo-se em ti, em mim. Escreveu na tua bocca de dahlia a nova redempção — aquella prophacia de Belleza que o universo syllába a medo e que os teus labios franzem, reprêsos d'amôr. A Vida é o Amor, o nosso Amor . . . Como recordo a Noite! Tudo o que havia de voluptuoso ella attrahiu e teceu, descendo interessada a possuir nos.

Sinto o roçar velludoso do seu tecido de mysterio e vicio. E chego a ter zelos das suas caricias. Só tu devias ser presente. Eu proprio queria estar ausente . . . em ti. Houve no nosso amor um erro, o genio da tua carne que um momento interessou tudo ! — Oh ! como odeio a Noite, a sombra immensa de todos os delictos e voluptias que o Ceo espectra para vingar a pureza, a abstinencia eterna . . .

Soffro e amo o teu genio — o genio do erro que me faz abdicar de mim, mirado nos encantos da tua figura de chamma, ateadada de imprevisto.

Como te amo ! Transformas tudo. Se até solves a nevoa que turva o olhar da minha raça ! . . .

Vê como eu, que sou da nublosa Irlanda, me sinto peninsular ao pé de ti, em ti . . .

Mas que passividade é agora a tua? Então, minha querida, fala ! Olha que já não és a Esphinge . . . E, tocando uma minitura de esmalte, florida de diamantes: deixa ver isto; quero ver, com vagar, o teu unico traje d'esta noite. E' lindo vestir sómente uma joia na noite de nupcias. E reparando: Ah! é a Sapho de Pradier.

— Perdôo-lhe porque esteve calada . . . Foi discreta.

— A peor Sapho para ti, Edgar, não foi ella, fui eu. Digo-te, com desgosto, que a Esphinge permanece. Nem um só minuto vasei a minha alma na tua.

Não me arrependo d'esta noite, pois que consegui o que esperava — soffrer. Foi uma noite que sacrifiquei á minha saudade. E deu-me volupia o soffrimento, como dá sempre. Se isso te consola . . . Mas lembra te de que te vejo hoje peor do que nunca. Eu sou como os aleijados que não perdoam aos que possuem corpos sãos. A minha alma é doente, não perdôa a

tua alegria em possuir-me á custa d'um prazer de que eu soffri o avesso — ondas d'um horror que ha de durar . . .

— Oh! por quem és, não me relegues ao inferno depois de possuir-te. Irei para onde fores. Já ninguém nos separa. Respeitar-te-hei todos os caprichos, até loucuras, que eu sei que o talento as tem . . . Só uma coisa quero — o direito de fundir a beijos o teu corpo . . .

— Basta, Edgar, disse ella, dando-lhe a capa e acompanhando-o até á porta. Deixa-me. Não exasperes a minha sensibilidade, duplicando o meu horror por ti. Vae! . . .

E, fechando a porta sobre Edgar, que descia cauteloso e somnambulo a escadaria d'aquelle andar, foi semi-nua, como que estremunhada, procurar no segredo d'um movei um retrato de Helen, que ficou a fitar por largo tempo.

\*

\* \*

No dia seguinte tentou Edgar falar-lhe. Queria discorrer ainda sobre a noite, aquella noite que lhe custara canseiras e milagres — pois que teve de atravessar pavilhões ás escuras, saltar e assaltar janellas, resolver difficuldades — até que, vencida a mulher dos seus desejos, a via, de subito, despedi-lo como uma creatura desprezível, porque a amava! . . .

Que extranha aventura! Podia ser? Mas quando ia para se approximar, sentia uma tal commoção, depois parecia tão firme o proposito de Maria em afasta-lo, que elle proprio, sentindo por si a repugnancia que lhe inspirava, era o primeiro a fugir, corrido.

Foram passando os dias até que Edgar soube por Violet que Maria Peregrina ia sahir do collegio no sabbado seguinte. Assim o fôra participar ao director. Era uma segunda feira.

Edgar, desesperado, tentou o ultimo reducto. E decidido procurou a hora em que Maria, seguindo o costume, ia abancar junto á Fonte.

Estava lá, de facto. Viu Edgar e baixou os olhos sobre um livro que tinha aberto, sem ler.

Elle chegou junto d'ella e começou a falar-lhe resoluto. Mas, pouco e pouco foi perdendo a serenidade, ao passo que ia lendo na physionomia da amante o horror que lhe inspirava.

— Que queria saber, começou, se era verdade que ella ia sahir do Collegio. Tinha o direito de sabel o, pois que o acaso os juntára, e elle estava resolvido a segui-la, uma palavra sua de amor, de benevolencia apenas, era sufficiente . . .

— Basta! disse ella, fitando-o com decisão. Não me canses. E levantando-se: — respeita a minha sensibilidade, mesmo que não a comprehendas. Deixa-me!

E metteu serenamente pela ala da esquerda,

deixando Edgar aturdido, junto á Fonte, seguindo-a com o olhar.

Na manhã immediata, elle levantou-se, cêdo. Foi para a casa de estudo e escreveu, durante dois quartos de hora; a seguir foi á sala d'armas e d'ahi para a quinta, onde passeou até á hora do almoço — 8 horas e meia.

Acompanhou as aulas até á uma. Foi ao dormitorio vestir um fato ligeiro de *foot ball*, mas mal entrou no jogo. Falou por espaço de meia hora com Hugh; e, enquanto este seguia com os demais alumnos para o *tennis*, Edgar ia, rente ao muro, internar-se nas sombras.

Passado tempo seguia Maria Peregrina para junto da Fonte. Levava o violino para tentar um trecho de Wagner, em que Edgar tinha falado.

Momentos antes, dissera a Violet: Afinal, é sensibilizante a amargura do pobre rapaz, mas não posso soffrer o horror que me causa, a perfeição d'aquelle systema de nervos tão bem ajustados a um corpo magnifico — e tudo ao serviço d'um amor normal, d'uma animalidade de cavador!

De repente, avistou a Fonte, e a seguir um corpo estendido a uns palmos da vasa. Apresou o passo: era Edgar!

-- Edgar! Edgar! chamou. Nada...

Sacudiu-o, e o corpo abandonou-se-lhe, sem



um movimento proprio. Maria Peregrina, recuou; poz-se a examinal-o: estava de bruços, com o ouvido direito collado á areia, o braço esquerdo ao longo do torso e o direito estendido para a frente, tendo na mão um revólver.

Percebeu então; estava morto: — Suicidára-se. Pobre rapaz! disse a meia voz. Que lindo!...

Edgar vestia simplesmente: — camisola de seda preta, calção de linho branco, e sapatos de camurça cinzenta, solados de borracha.

Assim viera do recreio dos jogos.

Maria Peregrina ajoelhou junto ao cadaver e mettendo a mão pelo calção largo, poz-se a afaçar-lhe a coxa luzente. Depois, voltou-o, desceu-lhe um pouco o calção, subiu-lhe a camisola até ao peito. Subito, deu com tres cartas. Leu os endereços: uma era para ella! Lá estava na letra muito firme de Edgar, escripto o seu nome; as outras duas eram — uma para o director, outra para o pae, o sr. Buckley.

— Pobre Lord, disse, como hade ficar!..

Guardou a carta que lhe era destinada, e poz-se a contemplar aquelle corpo, côr de tocha.

— Que bello, no seu ar de crepusculo! murmurou. Mas que extranho rictus o da sua bocca dolorosa!

E, de repente, como obedecendo a uma força intima, baixou-se mais, beijando-lhe a pelle de cera, n'uma violencia brava; cahiu sobre o cadaver, soergueu-lhe a cabeça, collou os labios

á bocca-lilaz do morto, e ficou por minutos, como que adormecida sobre elle...

Depois levantou-se, e poz-se a examinar a mão e o braço com que o soerguera. Sentira na mão um liquido extranho. Era o sangue que borbuhlára do ouvido direito do suicida.

Pousou outra vez na areia a linda cabeça de Edgar. Foi lavar-se á Fonte; compoz o cadaver e ficou ainda uns minutos a contempla lo.

— Que lindo estás! disse-lhe, quasi ao ouvido; e como gostaste dos ultimos carinhos! Já não tens o rictus de ha pouco...

Leio as nossas pazes a luz rôxa do teu sorrir de morto! Parto contente. Adeus.



V

Dias depois do drama de Petersfield, estava Maria Peregrina installada na Praça de Trafalgar, em Londres, no Hotel Metropol.

Acompanhava-a Violet, que sahira do Collegio com ordem da familia, ordenado estabelecido, e auctorização de seguir com ella durante o tempo do contracto — cinco annos.

A's tres horas veio um creado annunciar a chegada d'uma carruagem.

Violet compoz a *toilette* de Maria e esta sahio depois de breves recommendações.

— Manda seguir para a avenida Northumberland, n.º 1013, disse ao trintanario. Pouco tempo depois parava a carruagem.

Maria Peregrina entrou no vestibulo da casa indicada.

Perguntou se estava Helen Brooch, e entregou um bilhete.

— Vou ver, disse o porteiro.

Voltou d'ahi a pouco, e informou sereno está, mas não recebe.

— Como assim? inquiriu Maria.

— Foi a ordem que me deram.

— Manda andar para Hyde Parck, disse ao trintanario, já na rua, voltando as costas ao porteiro.

A carruagem seguiu.

\* \*

Na manhã seguinte, ás nove horas, trabalhava no gabinete de estudo, quando chegou o correio.

D'entre o maço de correspondencia, foi extremado as cartas de lettra conhecida. Leu-as com vagar e interesse, sobretudo as que vinham de Petersfield, dos antigos companheiros de Collegio.

Passou a abrir as revistas, maços de livros, etc. D'entre as cartas por ver tomou uma ao acaso. Como não conhecia a lettra foi ver a assignatura. Leu com extranheza: John Brooch. A carta dizia: «Estava hontem em casa quando V. Ex.<sup>a</sup> veio para visitar minha mulher. Fui eu que prohibi que fosse recebida. Mantenho a prohibição. Helen poz-me ao facto das antigas relações entre V. Ex.<sup>a</sup> e ella. Porque me não conveem n'esta casa e para lhe evitar incommodos

ulteriores, entendi dever dar-lhe parte da minha inabalavel resolução e ordens».

Maria Peregrina leu com attenção a carta. Releu-a, como se quizesse certificar a primeira leitura e escreveu por minutos.

Depois chamou :

— Violet !

A ingleza appareceu quasi logo.

— Lê : e estendeu-lhe a carta de Brooch. Ahi tens a explicação da forma porque fui recebida.

Agora vê a resposta — e deu-lhe a folha recém-escripta.

Violet, leu alto :

Meu caro Senhor !

«Sei o que Helen lhe disse, porque sei o que ella, incapaz de mentir, podia dizer-lhe — a verdade. Não posso culpa-la. Ella teve a sinceridade d'uma confissão que V. não merecia, que ouviu sem comprehender. Nem me honram, nem deslustram os sentimentos que possa causar-lhe. A circumstancia da minha visita, como o complementar da sua carta — são coisas minimas para o meu orgulho, que vê d'alto infellicidades e grosserias.

«Não tenciono voltar a procurar Helen. E, como será a ultima vez que me dirijo a V., de quem sei unicamente isto : — *é um marido*, — vou aproveitar o ensejo para lhe vaticinar que a sua conducta para commigo pode ter realizado

a intenção de magoar me, mas não lhe defende a mulher.

«O temperamento de Helen não se fecha com proibições e ordens como as que deu. E se proseguir com ellas, peor lhe será. Helen dar-lhe-á o amor legal com um horror que no fim hade amargar aos dois; e acabará por apaixonar-se pela costureira, se V., fiel aos seus zelos, lhe vedar a companhia d'outras mulheres. Não se foge ás taras, sobretudo quando com estas se transigiu por muito tempo.

«Quero dizer: o que V. pode obter, é escorraçar de casa gente de sensibilidade e estirpe. Se foi isto o que tentou quando mandou despedir-me, obteve-o.

E é o que tem a dizer-lhe a inalteravel amiga de Helen»:

*Maria Peregrina.*

\*

\* \*

— Podes fechar a carta e sobrescripta la, disse, quando Violet acabou de ler.

E, como falando só:

— Que infelicidade a minha e a dos que me rodeiam! Comecei por matar minha mãe, para entrar no mundo! Perdi meu pae aos nove annos.

Tenho no ouvido as suas ultimas palavras:



— Has de ser, como todos os nossos, infeliz. Não tive tempo de te quebrar o motivo das maiores desgraças — o orgulho. Demais tens talento.

Peior ainda: — talento e orgulho — o que terás de supportar!»

— Cêdo o acaso me accendeu a sensibilidade.

A pobre Louisa Huley foi a primeira a soltar os amores doentios que eu tinha em mim. Quer dizer, o acaso mandou-me da Inglaterra uma creatura affim para tentar-me.

Acabo de receber carta d'ella.

Está perdida, vae para a Suissa tratar as ultimas esperanças de tuberculosa, e pede-me uma esmola! . . .

— E, fitando Violet — olha que não hade esquecer mandar-lh'a.

Helen, essa rapariga de neve e rosas — que foi a suprema alegria da minha vida, porque nós, só nos alegramos quando satisfazemos vicios, — ahi está nas mãos d'um inglez bruto, incomprehendida, bloqueada de ciumes e grosserias.

Edgar, morto tragicamente junto á Fonte Verde, em Petersfield, e eu a detesta-lo quando o seu lindo corpó se encapellou na minha posse e a ter por elle, a partir da hora em que o vi morto, uma quasi paixão. . .

Não imaginas como estava lindo, e sem se mexer, alli, á minha ordem. E eu a gosar-o, só.

Ah! senti-o bem meu n'aquella hora que encherá uma parte da minha vida.

Como soube ler-lhe o corpo lasso. . .

De quando em quando sentia barulho. Eram as folhas a bisbilhotar horrores contra mim.

Eu tinha mêdo que revivesse, que a sua alma regressasse ao amor.

Tu nunca amaste um morto! . . . não, que nupcias assim não se repêtem.

Elle, muito languido, côr de seda crua, a dar-se-me, passivamente, lasso, movendo aos meus delirios as suas coxas d'ambar.

Eu, muito collada a elle, falando-lhe, emprestando amor aos seus membros perros, lendo as linhas do seu corpo bello -- um Apollo de morte, a gosa-lo a sós, sem que houvesse alli mais do que eu propria e a sua carne. . .

Oh! o delirio d'aquella tarde!

— Nunca me mostraste a ultima carta d'elle.

Ah! queres vê-la?

E, levantando-se a busca-la: — ahi a tens.

Violet leu:

Minha querida Peregrina:

«Morro amando-te. Quiz que soubesses que te comprehendí. Beijo-te ao partir. Olha que não levo resentimentos. Sei que não podias amar-me. Que me concedeste o mais que podias conceder-me. Mas eu não podia ficar. Era dolo-

roso sentir que te afastavas tanto de mim, quanto eu procurava approximar-me.

«Creio que morto, te não merecerei a repulsa que me tens dado.

«Presumo que sejas a primeira a visitar-me. Irei suicidar-me junto á Fonte, na idéa de que sejas a primeira a vêr-me, morto.

«Se assim fôr, ao menos então has de pensar em mim. E podes vêr-me outra vez com os olhos d'Arte, que já me não magôas. Pelo contrario, onde estiver, hei-de exultar de orgulho — se o meu corpo lasso te der linhas perfeitas que entretenham por minutos a tua sensibilidade de Artista.

«Procura bem. Olha que a morte é carinhosa com a adolescencia — no fundo é tambem Artista. Eu hei-de ser bello, ao menos na hora do teu encontro

«Vê-me bem. Se a minha carne te merecer um carinho, heide soffrea-la onde quer que esteja. Não quero que dês pela sua sensibilidade, encapellando-se de restos d'amor, porque heide deixar-lhe ainda amor. . . Nem poderia leva-lo todo, tão grande elle é.

«Adeus, Peregrina. Parto com a alma que foi o teu pesadelo. Perdôa-lhe. O corpo deve estar em breve junto á Fonte. Tu amas a passividade, as linhas que podes submeter e emendar nos teus nervos.

«Possue-me, que eu devo ser um exemplar

excepcionalmente tratado pela Morte. A Morte é também como tu — delicia-se, ceva-se na beleza passiva. . .

Adeus, Peregrina».

\*

\* \*

Um anno depois da sahida de Petersfield publicava a Artista a — *Nova Sapho*. O poema accordou em Portugal applausos e protestos. Havia a corrente dos moralistas, scandalizados com os desvairamentos e exotismo da Poetiza; e havia os confrades serenos e prestes ao movimento idealista, em que o poema se integrava. Aquelles aferravam-se á conjectura historica e explicavam que a Sapho segundo os sabios não era a lesbica viciada que a tradição tinha fabulado, mas uma viuva honesta, com filhos e netos — muito erudita e moral. Para os homens de letras mais attentos aos casos de sensibilidade, o poema era uma affirmação de temperamento — padrão de Arte excepcional que, pondo em foco a vida hellenica, devassava o fio conductor d'essa vida atravez das civilizações.

Certo foi que o poema, a despeito dos ataques á moral, desaffrontada pelos folhetinistas dos diarios portuguezes, foi lido; a critica acceitou-o, e Maria Peregrina foi consagrada en-

tre um cenaculo muito pequeno, mas escolhido de cultores e admiradores das Bellas-Lettras.

Quando lhe falavam nos ataques dizia: — Estou como Liza — «Não me custa esperar.» Não escrevo para a gente de hoje.

Enviou exemplares a varios escriptores latinos e ainda alguns da Allemanha e Inglaterra.

Encontrou de tudo: — applausos, repulsa, bemquerença.

De vez em quando os diarios portuguezes insistiam nas primeiras campanhas, em homenagem ao lyrismo de 1850, e ás lettras declamatorias e christianissimas do momento. Datam d'aquelle tempo as suas relações com alguns escriptores inglezes e designamente com Oscar Wilde, com quem se correspondia.

Em março de 1895 foi este escriptor preso por accusações do Marquez de Queensbury. O perseguidor muito aferrado ao *Criminal Law Amendment Act* — fe-lo prender e julgar por actos de pederasta.

Os debates d'este processo, muito escandalosos pelas accusações e categoria do R., apaixonaram a opinião.

Foi condemnado á pena de prisão por dois annos, que cumpriu em 1897.

Maria Peregrina, acerrima defensora de Wilde, escreveu em inglez artigos e opusculos sobre o escabroso processo, já quando elle tinha cumprido a pena e abandonado a Inglaterra.

Conhecida no meio intellectual de Londres, frequentava ás temporadas um ou outro salão, onde e conversava Arte; ia aos *clubs* e especialmente aos de gymnastica, praticando este *sport*, e privando com camaradas em que descobria afinidades de vicio ou belleza plastica.

A idade não lhe contraordenava os propositos da adolescencia. Adulta, crescia em talentos e vicio.

E aos intimos explicava: os meus talentos são os meus vicios, tratados pela imaginação.

Horas tardas, quando Londres deixa os *clubs*, *restaurants* e theatros é que Maria Peregrina sahia só ou com Violet a frequentar o que ella chamava os templos da noite.

— A noite faz em mim o dia, affirmava. A' hora em que tudo está alegre soffro eu a minha Arte. É n'ella que emprego os dias, pois que é de todos os soffrimentos o mais voluptuoso.

Era vulgar ve-la a horas mortas tornear as ruas a oeste de *Trafalgar square*, por *Haymarket*, *Picadilly*, sob as arcadas de *Pall Mall*, errante por entre o rancho de bacchantes, conversando-as, perdida na onda de luxuria que é Londres a taes horas.

Frequentava tudo — o *Savoy*, *Empire*, *S. James*, *Alhambra*. as ruas onde as retardatarias entretêm a fome, sorrindo a quem passa, os logares onde havia luxo, miseria, erotismo, alcool. . .



Os inglezes, como affirma Stendhal, serão os ultimos a acreditar no inferno. E, por isso, elles, sem o entrave religioso que embaraça os outros povos, quando entram no capitulo — prazer, soltam absolutamente o seu espirito animal, n'um desdobraimento que excede tudo.

Eram estes requintes que Maria Peregrina apercebia e queria viver.

Oscar, tinha-lhe escripto um dia :

— «Aquelle que se entrega absolutamente a si proprio, não sabe nunca aonde vae parar.»

Queria lá saber aonde iria ter ?

O que desejava era calar os nervos, a sede d'imprevisto, que a queimava intimamente. Sahia á noite a explorar o vicio. Pelas ruas havia renques de mulheres, d'uma fealdade de arrepiar, ao lado de creaturas mal crestadas do tempo, em que a belleza persistia, apezár do vicio e doenças.

Não era a belleza graciosa, que contrastava a mulher d'alguns paizes, nem a classica, nem a sensual que caracteriza o mundo feminino do Oriente, ou a belleza crepuscular do Occidente e Sul — a belleza que ella encontrava nas poucas mulheres formosas da Inglaterra.

Era uma belleza á parte — a que adstringia á raça, expressiva de falsa innocencia e suavidade.

Tratava de afogar os desgostos em sensações novas, e d'ahi andar pelas ruas onde excepçio-



naes figuras, erravam como sombras - a commerciar toda a casta de prazeres. Mulheres d'uma brancura de linho, carnações de lirio e dahlia, d'olhos anilados e estrigas de cabello — oiro-fulvo, passavam bebadas nas esquinas, dispersando a alma em risos idiotas. Ia no seu encalço, interessada pela historia d'aquellas marafonas, que pareciam ter descido do Céu por tentarem santos e que os homens desprezavam. . .

Ah! o peccado da terra está em não aproveitar bem as creaturas, dizia. Estas, são as flôres da Rua, que valem bem mais do que as que se abrigam sob o crystal das melhores casas de Londres.

E colleccionava as mais perfeitas para uma especie de harem, onde passava em serão algumas noites, emmaranhando, tecendo a sua vida com a desgraça d'ellas.

Conhecia a geographia dos bairros mais mesquinhos da City, percorrendo-os a miudo, bem como os prostibulos onde se vendiam as mulheres de preço.

Ora arrastava *toilettes* da maior elegancia pelo Savoy, ora ia, modesta, e irmã das sombras conversar as mulheres que viviam os prazeres da noite, mais rasteiros e humildes.

De longe em longe, combinava com Violet e iam as duas pernoitar com rapazes de acaso.

Percebia que apesar do odio ás relações na-

turaes, estas lhe acalmavam os nervos para um tempo.

Então, deixava-se abordar pelo mais novo dos presentes ás sucias da noite.

Guardava silencio sobre o nome. Preferia mesmo entregar-se a viajantes, que ao outro dia perdesse na confusão de Londres.

E sahia, enjoada, com odio ao sexo, exasperada d'aquellas noites batalhadas com extranhos, d'uma luxuria que lhe era necessidade e tormento.

— «Usei o hoje meu amargo», dizia para Violet, muito casada a ella pelo gosto.

O amargo era o commercio sensual com o homem, que tinha como remedio horrivel.

Do mesmo passo que percorria o peor de Londres, partilhando o muito que alli havia de perversão animal e vida exotica — tinha em cuidado não perder uma nota da vida superior do grande centro — instruindo-se, apontando tudo, e adaptando-se ao luxo e requinte aristocratico da terra tradicionalista, por excellencia.

Tão depressa era a mulher que se confundia por entre o bosque de gente que se apertava nas ruellas miseraveis de Whitechapel, como a mulher de aspectos nobres, com geitos de duqueza, que passeava a sua prosapia de peninsular para além do *Strand*.

No meio em que era conhecida fazia-se excepcionalmente admirar pela fidalguia de manei-

ras e talentos—e pelo encanto da sua palavra de superior.

Apezar dos desequilíbrios de creatura insexuada, delirando perversões — nunca perdera o geito fidalgo da sua bondade. — A bondade, dizia sempre, creio que virá a ser a minha jangada de salvação.

E, de facto, no privar com gente miseravel, que recrutava nas ultimas camadas — jámais deixava de ferir a nota da commiseração, estipendiando o infortunio com dadivas que lhe inculcavam a fidalguia e procedencia portugueza.

Um facto havia a salientar n'esta maneira de praticar beneficios: — a predilecção pelos desgraçados mais abjectos.

Para ella não havia criminosos, havia desgraçados. E os que cahiam na alçada da justiça ou no odio da opinião eram sempre os mais sympathicos e dignos de affecto.

Londres é a cidade do apostolado. Planta-se uma Religião a cada esquina. Confundem-se n'ella cultos, ritos e seitas. E' a Babel da Alma. O céu da alma ingleza é nevoento como o céu de Londres. Segundo uma estatistica de ha poucos annos havia em Inglaterra e Galles 34:467 casas de religião — das quaes 14:077 eram officiaes.

Ora Maria Peregrina ia muitas vezes assistir ás praticas e devoções religiosas.

— Ando a procurar a minha religião, dizia, e não encontro senão farrapos d'ella em credos oppostos.

O ultimo tempo que viveu em Londres foi n'um torvelinho de misteres desconstrados, á mercê dos nervos.

A sobreexcitação não lhe dava treguas.

Se me aquieto morro do mal-de-viver, acudia ás observações de Violet.

Frequentava cursos de linguas, de Philoſophia, d'Arte e de *sport*; escrevia; passava invariavelmente duas ou tres horas — procurando «o aperitivo sensual da noite» — um caso exotico que lhe aquietasse a ancia infinita de gosar, e recolhia tarde a dormir pesadelos — rebates das canseiras do dia.

Adoeceu. Era inevitavel, dizia a medicina. Tem o mal-do-talento. Nem sabe quem é, nem para onde segue. Precisamos tratar lhe a sensibilidade. E receitava calmantes, repouso o inverso da vida que levava.

Um mez depois levantou se. Estava alquebrada, mas o tempo primava em lhe conservar a belleza, em desconto das infelicidades.

Deu se por esse tempo um acontecimento decisivo para ella.

Paris intellectual, benevolo e esquecido das miserias intimas de Wilde, offereceu lhe uma festa.

Peregrina encontrou no acontecimen'to um

ponto de sahida da antiga vida de Londres. Associou se aos confrades de Paris e partiu a tomar parte na homenagem.

— Adeus, meus amigos, dizia beijando diversos artistas e amigos que tinham ido a bordo despedir se. Não voltarei. E, no emtanto, presinto que serei tanto mais infeliz quanto mais me desviar da Inglaterra. Ahi deixo o melhor e peor da mocidade . . .

---

## VI

Depois de curta passagem por Pariz, Berlim, Scandinavia, Roma e Napoles, entrou Maria Peregrina em Athenas, na tenção de demorar-se. Violet acompanhava-a.

Vivendo a Grecia (sobretudo Athenas) antes mesmo de a vêr, sentiu á chegada uma grande commoção, a commoção de quem encontra uma terra desde muito seguida em espirito.

O mar da Grecia não tem a côr desbotada da massa d'agua no mar alto. Toma, á aproximação do Archipelago, nova designação e côr — como pres'ando homenagem á velha Hellade.

E' um mar de lazulita, seguindo o recorte da Grecia em que salienta a gloriosa Athenas, branca, nos edificios de marmore de Pentelico e Paros.

Aportou a Phalerò.

A breve trecho entrou na antiga capital da Attica, que se estende n'um desenho largo —

terra de neve pela brancura do marmore, uma verdadeira Heliopolis, plena de sol.

As casas são a renovação da architectura grega — copias das antigas marcas do genio hellenico, a que preside a Acropole, vasta cidadella dos tempos gloriosos da idade de oiro.

Maria Peregrina e Violet foram hospedar-se no melhor hotel da rua de Stadio, a principal de Athenas.

Dentro de breve tempo Maria tinha entrado na vida normal, repartida entre os livros, e as canseiras, despendendo nervos e tempo no encalço d'uma felicidade que só de passagem encontrara.

A mais do que as outras cidades que percorrera, Athenas dava-lhe as sombras de um passado que ella ia referindo aos pontos que lh'os recordavam.

— E' aqui que eu tenho de estudar, dizia, a geographia da Belleza hellade — synthese de toda a Belleza terrea, com parentesco no céo.

Suppunha se nos velhos tempos de Athenas e ia pela Acropole, ao entardecer, memorar espiritos desencontrados — poesias fragmentadas de Sapho, a catechese do segundo genio da Egreja — Paulo, tudo o que podia aquiescer o seu talento aventureiro, perdido na ancia d'uma perfeição morta.

Deu-se a estudar afincadamente a lingua grega; ia visitar os museus; matriculou-se na aula



de Arte; procurou a todo o transe encher o tempo, a vêr se a occupação obrigatoria lhe entravava os nervos.

Nos dias em que tinha de feriar o espirito de lucubrações eruditas ou artisticas, ia visitar as ilhas proximas, ou até Phalero, ouvir o mar.

Mas não havia occupação, por mais interessante ou impertinente, que lhe aquietasse o gosto, exigente de origem.

Por toda a parte encontrava suggestões á pratica do vicio lesbico — sem que volvesse a encontrar a passividade amoravel de Helen, dando se lhe n'um corpo que era o sonho da sua alma occidental de decadente.

Pelas ruas deparavam-se-lhe moços espartanos ao lado de raparigas esbeltas — de saiaes tufados, redondos pelo joelho, com o kepi grego de borlas, de jalecas curtas, segurando peitos cheios.

Mulheres e rapazes de Corfú, e demais ilhas proximas, passeavam corpos e trajes bizarros — que prendiam aos restos d'uma civilização de requinte.

Tambem a flora de Athenas, parecia prender-se á decadencia d'aquelle solo que fora a joia do vicio no reinado da Attica.

Tudo a inculcava como um marco da velha cidade da carne e do vicio.

E no entretanto Peregrina, admirando aquella belleza, prodiga de imprevisto, não a sentia;

tomava-a como simples ponto de lucubrações. Era uma belleza que suggeria, não a apaixonava.

— Toda a parcella de belleza se gasta ou transforma, dizia. Não ha belleza em porções, permanente. Ha unidade no Bello, o que é diverso.

A velha Hellada desmanchou-se em holocausto ao mesmo panhellenismo. Era preciso assim. E' o proprio desmancho e renovação de civilizações, o caldeamento do sangue, transfusão das raças, e mistura de genios, que asseguram a unidade da belleza, na sua concepção liberta.

E' em nome d'esta unidade, explicava a Violet, que eu, do Occidente, encontrei o meu elemento affim n'uma raça que me era apparentemente opposta. Posso encontrar n'outras creaturas condições de maior belleza, vendo-as á face da razão e da Arte. Mas o meu defeito de superior faz que o meu procedimento seja cego em materia de sensibilidade. Ha em mim uma força cuja razão mal sinto no vago da consciencia, e que é cega e me cega, que escapa á minha reflexão e não me consulta, caminha, não pede, exige.

— E' que te apaixonaste por Helen, não vês mais alguém, considerava Violet.

— Mas sei lá porque me apaixonei por ella. Se ao vel-a hoje não sentiria afundar-se todo o meu passado n'um mar de nojo feito do amor

que lhe tive e das complacencias que me deu . . .

Violet procurava sondar os desesperos de Peregrina, e tomar o logar de Helen: impossivel! Violet era para Peregrina a escrava, que usava á falta d'outra nas suas perversões de momento.

Helen era um abysmo de alegria — um corpo de risos com nervos de seda.

Era o melhor e peor de uma raça que, junta com ella, estreitava o abraço de duas civilizações a suicidarem-se em pantanos de goso.

— Ah! se ella tivesse vindo commigo, dizia Peregrina, como eu reveria a velha belleza da Hellade! . . . Só vê bem quem recebe suggestões para produzir. Mas só produz quem ama. E só ama quem possue . . .

\*

\* \*

Havia na sua alma, sedenta de exotismos, intervallos d'uma ternura de creança, em que se dava ao culto da simplicidade, tecendo obra ingenua.

Datam da sua estada na Grecia, e mercê d'aquellas horas, os versos que juntou n'um livro curioso sob multiplices aspectos, a que chamou — *O Livro das creanças*.

Os titulos dos capitulos indicam a sua indo-

le. Assim, havia n'elle — *A historia d'uma gotta d'agua, Aventuras d'uma aresta, A conta de crystal, Hostia d'ouro, A camellia côr de mel*, etc., assumptos innocentes, pontos pequenissimos de partida a uma philosophia de desvairamentos para auxiliar os vãos da imaginação infantil, isto vasado n'um metro facil, dicção e rhythmico correntios.

Mas sobre esta innocencia apparente — todas aquellas historias eram um hymno ao Deus-Acasso, tecidos d'um maravilhoso novo expressões simplistas d'um espirito doente.

A *Aresta* da historia era uma heroina, de formas pequenissimas e de alma grande que o vento, as chuvas, a tempestade mettiam em aventura á mercê do acaso, que é o genio das coisas.

A *Hostia d'ouro* era o Sol que um negro do Senegal perseguia no poente, andando de terra em terra a vêr se o colhia para commungar com os da sua tribu — caminhando por montes altos quando o sol tombava, até que morreu de desespero e saudades n'uma terra do Norte, deixando-se matar e enterrar pela neve quando viu que depois de dois mezes a linda hostia não apparecia. No dia seguinte veio o Sol a sorrir, desenterrando o negro, solvendo a neve, envolveu-o n'um resplendor de luz e fez d'elle uma estrella, que ficou no céu a velar a sua raça côr de fuligem e muito especialmente

aquella tribu. A historia da *Camelia côr de mel* resumia o episodio d'uma rosa do Japão que se condeou dos amores d'um indio desprezado por uma mulher branca e trocou a côr com ella. E assim as restantes . . .

\*

\* \*

Passado pouco tempo da entrada na Escola, já Maria Peregrina estava relacionada com varios camaradas que logo deram pelo seu talento.

Era o tempo em que os estrangeiros mais acudiam a Athenas a seguir os cursos d'Arte. Naturalmente a mesma razão que levára ahi Peregrina - detinha lá tambem alguns d'elles, vivendo por educação ou atavismo - memorias da velha Grecia.

Não lhe foi difficil dar por aquelles que mais se lhe approximavam em perversão e requintes.

Dentro de pouco tempo era intima da Princesa de Tuscolo, uma italiana de 35 annos, principalmente gastos em passeios de luxo e prazer e d'um russo, pouco talentoso mas culto, homem de 29 annos, com grande fortuna e muita anciancia de imprevisto.

Iam muitas vezes para Corintho e Corfu, inventando romarias d'Arte, a que não faltavam luxurias.

Mas sempre a mesma sombra de tédio vinha escurecer a imaginação de Maria Peregrina, findos os passeios; é que tinha de roçar as scenas vulgares do que ella chamava a torpeza civilizada.

Ora, uma tarde em que foram todos ao Stadio, vasto circo de feitura recente, para arremêdo dos antigos exercicios olympicos — Maria propoz que se arranjasse uma casa, n'um sitio que os transportasse á idosa Hellade, — onde podessem commungar sensualidades com adolescentes.

Foi a proposta assente. E a casa ficou a chamar-se desde logo *Templo d'Amor*.

Era nas immediações de Athenas, a caminho de Kefissia.

Ficava n'uma encosta, emmaranhada de arvoredos.

Tinha por fóra o geito grego — cujo risco, bastante perfeito, fóra executado com escrupulo.

Dentro, muito casada ao fim de Peregrina, dava, de facto, o aspecto d'um templo.

Havia alli reproducções em marmore da Venus do museu de Napoles, de Milo, Medicis, Capitolio e Troia; de Apollo, e tres estatuas de Sapho, salientando-se a de Pradier, que d'um estrado alto, curvada, parecia presidir ás danças orgiacas, que a sua memoria suggeria; finalmente, uma larga profusão de espelhos,

luzes, e instrumentos de musica, sobresahindo harpas, lyras e psalterios.

As *toilettes* da chegada, no dia da inauguração, lembravam as das velhas festas da autentica Hellade, pelo esmero com que tinham sido reproduzidas.

Só Maria Peregrina pozera um pouco da sua originalidade no vestuario, aliás riquissimo.

Entrou coberta por uma *falteta*, á maneira das que usam as mulheres de Malta, refulgente de finissima renda e pedraria.

Quando appareceu já o templo estava povoado de adolescentes nús; tocavam as harpas muito casadas aos violinos.

As luzes n'um grande desaccordo de côr davam ao templo uma refulgencia que fazia esquecer a Terra . . .

A Princeza de Tuscolo e Ivanwitch que tinham vindo antes, observavam os adolescentes. Alguns eram do Stadio — gymnastas e *jongleurs* precoces.

Outros eram ingenuos camponezitos de Corfu; havia lindas raparigas de Corintho e um anão de Colonia, resgatado havia pouco a uma companhia de zingaros.

Tocaram as harpas o *Canto de Sapho* e depois *Rhythmos de dansa* n'uma harmonia sensualmente dolente.

Maria Peregrina chamou duas negras, que a um canto cortavam aquelle mar de luz com



os corpos de sombra, e entregou-lhes a *falteta*.

O resto da *toilette* era uma simples fita larga, de velludo-musgo, que a enroscava desde o busto aos quadris.

Tirou-a, mostrando as lindas formas em que sobressahia um ventre perfektissimo, especie de salva de metal moreno fulgente, peitos de formas certas que não temiam desmanchar se no ardor da dança, e ancas sumidas, contrastes do typo extranho de *femme-garçon*, de geito a servirem a flexura rara do seu corpo ainda e sempre resumante de sensualidade e adolescencia . . .

Todos se desembaraçaram dos vestuarios. Eram duas horas da madrugada.

Começou a orgia pelas *Dansas sensuaes*. Extranha gente! Eram rapazes, flectindo corpos de belleza sobria, linhas puras de desenvoltura suave, sonhos de Aphrodite, animados; raparigas multiplicando as curvas ideaes de corpos d'amphora, — tudo o que havia de excepcional na concepção excelsa — a melhor argila, os modelos supremos do Divino Oleiro.

E em contraste, como que a desenhar o arabesco entre aquella floração de carne, diversamente colorida, volteava o anão, corpo curto, pernas rectas, movimentos perros mas certos, carne côm de cerveja, face de fauno que sur-

gisse do bosque avido de luxurias e se perdesse n'um labyrintho movediço de Belleza . . .

Começaram as dansas em homenagem aos manes dos velhos mestres da Hellade. A Athenas da Belleza-vicio estava alli. A outra, a cidade nova, dormia somnos brancos, côr do casario.

E entretanto Peregrina dizia, rindo, para os tangedores das harpas :

— De vagar, moderae os dedos. E para Tuscolo e Ivanwitch : Se chega ao Parthenon o echo d'esta festa, temos ahi Socrates, a remir-se pela culpa, com uma fileira de sabios, deuses e artistas. E, como falando consigo : E no Parthenon é que a festa maxima terá de dar-se, bem que o caso pese a Minerva-Parthenia. E' a primeira joia d'Arte do mundo. Os deuses não a conservaram senão para que ahi fosse a grande festa pelo triumpho panhellenista.

Mas quando será ? !

\*  
\*   \*

Em 1900 resolveu sahir de Athenas.

A 28 de novembro recebeu um telegramma de Robert Ross, annunciando que Oscar Wilde se encontrava em Paris, moribundo.

○ romancista, depois d'uma larga tragedia, seguida de peregrinações varias por Napoles,

Corsega, Sicilia e Roma, foi fixar-se n'um modesto hotel da rua das Bellas-Artes (Hotel d'Alsace), e ahi foi atacado da meningite que poz ponto no seu trabalho e desventuras.

Apenas recebeu o telegramma, Maria Peregrina partiu com Violet. E chegou a Paris quando Wilde entrava na agonia.

Não o abandonou até 5 de dezembro, em que foi com raros amigos acompanha-lo a Bagneux.

Era uma triste manhã de dezembro.

A' porta do cemiterio desceram a urna os amigos do romancista, conduzindo-a até á modesta sepultura, por entre fileiras de cruces e arvores nuas de folha. Assim fez aquella travessia boa, decerto para elle a melhor. O tempo calára o vento e a chuva, como por gratidão ao amigo que tanta vez lhes emprestára alma.

Maria Peregrina seguia o grupo, muito pallida, n'um passo senhoril, mas hesitante, arrastando sobre a greda um vestido negro cahido em tulipa.

Era ao longe uma figura extranha. Dir-se-ia representar alli a vida do Poeta — mixto de Dôr-genio, aventura, perversão e orgulho.

## VII

Decorreram dez annos.

Após a morte de Wilde, Maria Peregrina passou á Scandinavia e depois aos pontos mais extranhos, errando por alguns paizes da Asia e'da America e vindo, afinal, a fixar-se em Roma, onde viveu os ultimos dois annos. Não voltou á Grecia nem a Inglaterra.

Em qualquer dos dois paizes espalhára vicios e mocidade, que lhe seria grato reviver, se o reverso das provações mais dolorosas lhe não aguasse a saudade. Não era a desgraça da sua vida que ella culpava, era o rebate d'ella nos meios que tentára, e tivera a ingenuidade de suppor benevolos.

Ainda ultimamente lhe tinham sido devolvidos volumes da — *Nova Sapho* que mandára para as Academias de Londres a Athenas.

Esta devolução desgostou-a. Suppunha ter alli admiradores, amigos, que afinal a abandonavam, a vexavam.

A dôr é nos superiores d'um efeito extravante: — não os convulsiona; magoa-os ou transmuta os. Ha casos, na apparencia pequenos, que lhes decidem o aspecto, — que não mais os deixam rir sinceramente. . . .

Não era o caso: Maria Peregrina tirocinára desgraças desde muito nova, para succumbir inteiramente. No entretanto, sen'iu-se devéras.

Não a incommodáva o debate inferior que a publicação do seu livro tinha levantado em Portugal. Considerava medianamente as letras da sua terra. Mas o desprezo que aquella devolução marcava nos meios de *elite* que frequentára, abateu-a extranhamente, profundamente. Queria reagir. Mas por mais que considerasse a justiça que lhe fora feita como Artista, sentia-se sempre desfalcada, vexada, pelo desprezo que lhe votavam como mulher. Ella própria, sentia em si duas entidades diversas — a que produzia, creava, e a outra, a que não conseguia libertar se das offensas e intriga das Academias. Um dos contrastes dos superiores é uma nota inferior — a crença no fatalismo.

Muitas das infelicidades lançam-n'as á conta do destino: — acceitam-n'as serenos. Não assim as que batalham o seu amôr proprio.

A superioridade, é, como observa Nietzsche, o que está para além do homem; mas isto que o homem superior pensa ao definir o valor alheio não o sente quando *se vê*.

D'ahi o conflicto. O que produz, o que cria é o que está para além d'elle. O que discute competencias, e barulha vaidades é elle proprio — o homem.

Acceitar os talentos e discutir o character d'um superior é levantar competencias com elle proprio: — desdobra-lo em duas figuras que o mais das vezes se desentendem.

A superioridade é uma força á parte, a bem dizer sobrenatural. O superior é que intenta dispor a seu talante d'aquelle valor; e, pois que reflecte a elevação d'uma intelligencia poderosa, pretende chama-la a dirimir os conflictos da sua sensibilidade de semi-Deus com a parte inferior — a que inculca a sua qualidade humana.

Afinal por si se liberta. A sensibilidade do Artista é um excesso de vida emotiva, uma doença que lhe dá altas e baixas bruscas, e o quiéta quasi sempre n'um fundo de melancholia, que é a dôr reflectindo a aspiração intangivel da fusão perfeita do homem e do Deus que o superior tem em si, e para além de si.

A valvula aberta a este estado unico de dôr, reside para o artista na mesma exteriorisação da Arte. Quando produz a obra eleva-o acima de si. E' então o semi-Deus, o creador librandose para alem da miseria humana...

\*

\* \*

Maria Peregrina, ao receber os livros devolvidos, cahiu n'um torpor de doente.

Demais sabia ella que no meio litterario conhecido, por entre os applausos dos que a cercavam, havia más vontades, denunciadas em insinuações, e palavras equivocadas.

Dava por todos: — pelos que lhe não perdoavam o talento e faziam da moral uma arma contra ella; e pelos outros, os que sinceramente sentiam repulsa pelo seu character de degenerada. No meio que frequentára em Londres, sentira dia a dia o reflexo d'essa má vontade, a ponto que ultimamente, para não ser vexada, deixára de todo os salões particulares, onde sentia esfriar relações sem motivo, e d'onde se afastou para que não a afastassem.

Na Grecia era tambem conhecida no meio academico pelo titulo do seu livro — *Nova Sapho*.

Em Portugal continuavam as mais exasperadas campanhas.

Impossibilitados de discutirem a obra no ponto de vista da Arte, os jornalistas, a quem a critica estava affecta, davam-n'a como documento de auto-psychologia, fundibulando grosserias sobre a mulher que tivera o ousio de escrever um



livro indice de temperamento. Que lhe importava o mais dos jornalistas portuguezes? Mas os outros! . . .

E a Artista, que tivera a audacia d'uma obra tão extranha, sentia-se fundamente ferida, porque não havia respeito pelos seus defeitos, não lhe temiam nem comprehendiam o talento.

Ah! ella perdoava que lhe não sen issem a obra. «Tinha tempo, esperaria», affirmava. Mas o que lhe doia era o odio que lhe votavam pelos vicios, que amava além de tudo.

— E nós a tentarmos obrigar o mundo a ver-nos com olhos differentes d'aquelles porque se vê a si proprio, commentava! Como se elle interpretasse a differença que fazemos em nosso favor! Enfim hei-de ver, se ao menos, posso vingar o orgulho . . .

\*

\* \*

Estes e outros factos, denunciativos da fórmula por que era tida nos meios conhecidos, fizeram que nos ultimos tempos em que viveu em Roma, se esquivasse aos homens de letras e demais candidatos ás generosidades dos seus talentos e fortuna. Não queria relações; cansavam-n'a os empresarios de festas particulares ou publicas.

Conheço, dizia a Violet, o bastante em cada

cidade para me torturar sem prejuizo do amor-proprio.

Sei de cór a geographia do vicio e da moral de todas as terras onde tenho demorado 48 horas. Não preciso de informadores. Que necessidade tenho de acotovellar-me com as grosserias dos paladinos das convenções, uns tórpes a occultas que nem têm a grandeza do bem, nem a coragem do mal?

E, fiel ao programma, firmava-se no orgulho das fraquezas, tratando d'alto o mais dos que se abeiravam e fugindo a conviver.

Foi n'este tempo, nos ultimos tres mezes que viveu em Italia, que urdiu o livro — *A Emparexada*, entre quedas bruscas do temperamento, dias de doença e horas de rememoração do drama de Petersfield e Londres.

Este livro, uma auto-biographia, era a expressão maxima dos seus talentos, pois que era a dôr d'um temperamento doente, a consumir se n'uma ancia d'Arte. E, como tal, realizou o maximo de sinceridade.

Era o genio-Dôr, traduzindo-se em melancholia e expressões imprevistas a beirarem a loucura, no encalço de soluções d'Arte que derivava da tyrannia dos nervos, incendiados de desejo. O Poema foi escripto, composto e impresso rapidamente.

— Não quero que a razão me estrague a obra, dizia.

O seu valor, se algum tiver, deve ser o defeito que sou eu propria. Se me dêsse a scismar ácerca d'estes versos, emendava-os. Então o Poema não era eu, era toda a gente, a obra-synthese da Moral, da Arte, da Intelligencia que por ahí corre nas livrarias, academias, parlamentos, por toda a parte.

Ah! não, *A Emparedada* hei de ser eu em conflicto com isso tudo!

A *Nova Sapho* ha de vingar-se da estupidez com que a tratam, librando-se acima da torpeza moral dos que a reputam abjecta . . .

E nervosamente, sempre que os maiores abatimentos lhe davam tregua, escrevia, desdobrando-se no drama immenso das suas melancholias.

\*

\* \* \*

Em abril de 1910 estava a obra impressa e distribuida.

Dois mezes depois entrava Peregrina em Lisboa, seguindo immediatamente para o Minho, acompanhada de Violet e de Jacob, o anão resgatado á companhia dos zingaros.

Foi em junho que nos encontramos em viagem e depois em Lares.

Poucos mezes demorou alli.

Dias depois de termos estado em Lares, morreu D. Maria Helena d'uma lesão cardiaca. Havia muito que a medicina de Guimarães tinha endossado aos santos esta cliente, excepcionalmente devota.

E ella, muito de mal com a medicina, e sempre affecta ao Céu conseguiu viver seis ou sete annos mais do que a sciencia annunciava.

O acaso, muito complacente com a devota, fez que a doença a victimasse a uma sexta-feira, depois dos exercicios do Coração de Jesus, muito confortada pelos sacramentos, indulgencia plenaria e rezas da Congregação de que era presidenta e benemerita.

Entretanto, chegava ao Mosteiro ordem de suspensão de missa a Monsenhor Andrada.

Ao capellão da velha fidalga era commettida a obrigação de pastorear o Mosteiro.

Chegára ao Paço archiepiscopal de Braga a noticia das homilias de Monsenhor Andrada. Escandalizou-se o Arcebispo Primaz das doutrinas com que José d'Andrada enchia as predicas; e, cuidando ser victima de informações erradas, officiou ao accusado para que as explicasse.

Sinceramente respondeu elle enviando uma resenha de algumas predicas, e o commentario dos pontos em que se desencaminhava dos sermonarios que tinham o beneplacito do Paço de Braga.

E, insistindo nas suas maneiras de apostolar, declarava não se submeter a emendas em questões doutrinarias, pois que, accrescentava, tinha para si que os erros emendados ficavam mais compridos — e era peorar os seus humildes discursos, contradizê-los, aspando-lhes o unico merecimento que tinham, a sinceridade que os urdia e expressavam.

Não se fez esperar a suspensão. Foi para Lares onde Maria Peregrina o tratava como pessoa de familia. Pouco tempo alli demoraram. Passados mezes, partiam todos para Lisboa : — Maria Peregrina, Salomé, Violet, o padre e Jacob.

---



## VIII

Um dos escriptores de mais talento de então era um rapaz de 29 annos, que se isolava propositalmente das confrarias litterarias, para viver e reflectir pelo livro impressões que eram o sentir intimo duma figura á parte. Esse escriptor era D. Nuno Alvaro de Sousa e Villar, III.º Conde de Nevogilde.

Oriundo d'uma familia nobre de Traz-os-Montes, com um bom patrimonio em terras, repartidas por tres provincias, — vivia habitualmente em Lisboa, reservando dois mezes para passar n'uma quinta em Entre-os-Rios, e viajando outros dois mezes approximadamente, todos os annos, pelo estrangeiro.

Os livros de Nuno de Villar, como elle os assignava, revelando um temperamento, eram provas do movimento idealista contemporaneo em Portugal, provas raras entre uma flora arrepiada de pessimas lettras, reflexo de auctores



dessorados, perdidos em liturgias d'Arte, ingenuas e pelintras.

Era um rapaz alto, de cabellos escuros, parco em rir, olhos negros, serenos e profundos, nariz de feitio judaico, em bico d'aguia, pallido, expressão triste, um pouco desmanchado de maneiras, que lhe inculcavam lassidão d'animo, sem prejuizo da gentileza de linhas que lhe contrastavam a raça.

Escrevendo, exprimia aquella lassidão n'uma prosa sua, d'uma suavidade e rythmica novas, muito senhor das lettras extranhas que coava conscientemente pelo seu criterio, n'uma ou outra notula erudita, para se librar logo, segundo o temperamento, ás creações e pontos de vista proprios.

Processos seus, idéas extravagantes, formas singulares — taes as qualidades e defeitos que o extremavam.

Os ultimos livros — *O Genio-Acaso*, *Symbols*, *Os Sensuaes* (romances), e a *Vida plastica*, um livro de impressões d'Arte, eram documentos claros do seu talento e distincção de escriptor.

Profundamente individualista, mais do que isso, egotista — esmaltava os escriptos de notas pessoases, que lhe inculcavam o orgulho, que era o fundo do seu character de homem de raça. Em todos os livros marcava o traço do seu declivar de decadente; era fundamental-

mente um negativista. Cria na Arte. Era ella a religião, o seu refugio e tormento.

A'quem d'ella, via a burguezia, que appellidava de utilitaria e estúpida, a moral, a ficção. Para alem. . . nada.

Typo exquisito de superior, era difficil nas relações.

Horrorizava-o a descoberta d'uma grosseria nova. E tinha para si, que conhecimento novo era um cabaz aberto a novas grosserias que tinha de supportar.

Ignorava-se em Lisboa a sua vida. Os mais alviçareiros sabiam vagamente que uma ou outra vez era visitado por mulheres de reputação suspeita, que, no entretanto, variavam nas dependencias do Palacio-Foz, na Avenida, onde vivia.

Andava quasi sempre só. E nos theatros, livrarias e restaurantes em que apparecia, era difficil aborda-lo, pois que se mantinha n'uma reserva educada, que afastava os mais ousados em relações.

Entre o publico e elle estava o editor.

— Os editores, affirmava, são vulgarmente calumniados de pessimas creaturas. Eu prefiro-os ao mais da gente. Não quero saber do publico, nem dos reclamos das folhas, nem dos criticos das redacções, nem do que podem pensar as academias que por ahi praceiam bacharelises.

Basta-me o editor, para me relacionar com algum espirito que me entenda, ou qualquer geração por vir, que lave a Idiotia que ahi corre.

E, de facto, não mandava livros ás redacções, nem academias, nem bibliothecas, nem a pessoa alguma.

— Escrevo para mim e para alguém que não conheço.

Os conhecidos não valem uma linha, esclarecia no *Preludio da Vida Plastica*.

Em volta da sua figura, d'uma gentileza doentia, d'aspecto simples, mas mysteriosa, d'um retrahimento religioso, mal disfarçado na distracção que affectava, cresciam lendas mais ou menos exoticas a que vivia alheio.

Era pouco communicativo, mesmo em casa, affirmava o pessoal de serviço.

Unicamente, conversava ás vezes um pouco com o mordomo, um velho de confiança, igualmente discreto, fechado a qualquer esclarecimento que lhe pedissem ácerca da casa.

Para o mordomo, o silencio era um ponto de honra, em tal assumpto. O seu programma era obedecer sem discutir, e calar comsigo qualquer ordem que lhe fosse dada; assim servira o II.<sup>o</sup> Conde de Nevogilde, um excentrico, e assim tratava de servir o filho, D. Nuno de Villar.

Era, de resto, bem simples servi-lo, pois que á parte coisas minimas, era de natural indulgente

e carinhoso para os inferiores. Exquisitamente methodico, tinha horas proprias para tudo.

Uma vez fechado no gabinete não permittia que fossem interrompe-lo.

— Se á hora em que leio ou estudo, houver um fogo na casa, deixa-me morrer assado — dizia ao mordomo.

Não havia ordem, nem visita, nem telegramma ou acontecimento que absolvesse um creado que lhe alterasse as ordens.

— Que tudo lá fóra mude, explicava ao mordomo, n'esta casa só a minha vontade pôde variar, e depois a dos outros segundo ella.

\*

\* \*

A's onze horas tomava o primeiro almoço.

A seguir lia a correspondencia.

Ora, n'um dia em que folheava a correspondencia á hora do costume, leu no jornal uma noticia de segunda pagina, ácerca dos trabalhos de Ruy Augusto, em exposição nas dependencias de S. Carlos. A folha estampava alguns trabalhos e o retrato mal zincographado do auctor.

Tratava-se de um pintor precoce, tambem estatuario, rapaz de dezenove annos, que merecia as benevolencias da gazêta em artigo banal, salvo uma ou outra nota biographica. Ha de ser

um prodígio como os do costume, pensou Nuno. Pintor e escultor de mérito desde os 15 annos!

Emfim, tenho curiosidade em ver as obras do rapaz.

Chamou: José!

Appareceu o mordomo.

Vae mandar preparar a carruagem para ir a S. Carlos. O mordomo sahio a cumprir as ordens, e meia hora depois entrava Nuno no atrio do Theatro.

A exposição abria por um grupo de intenção inferior e execução horrivel. Denunciava um motivo pagão que o escultor não comprehendera.

Seguiam-se outras obras detestaveis.

De subito, foi Nuno surpreendido por duas figuras, que diziam no suppedaneo — *Ganymedes servindo Jupiter*.

Extranhas figuras! Jupiter era uma criação impossivel, desproporcionado, n uma attitudo artificialissima. Pelo contrario, Ganymedes era um marmore a resumir candura. A sua attitudo, offerecendo a taça do nectar, as curvas delicadas do corpo, as minucias, como o desenvolvimento geral do busto e membros, confusos numa indecisão de sexo - tudo era de molde a devassar o artista que tinha concebido e executado tão extremada figura.

Mas poderia aquelle trabalho ser do mesmo auctor do Jupiter, e do destacamento de esta-

tuetas que tinha visto? Foi andando. Por entre a collecção de obras inferiores deparou, a breve trecho, com dois trabalhos que não desmentiam o *Ganymedes*, — o *Vagabundo* e a *Figura errada*.

O *Vagabundo*, notavel de formas e expressão de alheamento, era um pequeno bronze de meio metro, muito harmonico de linhas e que ajustava absolutamente ao dizer da peanha.

A *Figura errada* era o mais notavel dos trabalhos apresentados. Jehovah pensativo, encostando a cabeça á mão esquerda e tendo na direita uns restos de barro, contemplava indeciso e descontente a figura que acabára de fazer. Esta figura era a expressão suprema d'uma alma que conseguira emprestar ao bronze todo o valor, realizando uma alta intenção.

Reproduzia um adolescente das mais bellas formas, corpo idealmente flexuoso, talhado em linhas suaves, d'uma musculatura branda e boleio irreprehensivelmente plastico.

Mas, na sua physionomia talhada em sombra, havia uma tal expressão de dôr que o bronze parecia ter fixado alli a alma do artista que lh'a vasara.

Lembrava a estatua notavel do mancebo de Praxiteles em Athenas, n'uma attitude nova de horror e desespero. Era a Belleza-expiação!

\*

\* \*

Nuno passou aturdido pelas suggestões de aquella estatueta á segunda sala — a da pintura.

Os demais objectos de estatuaria eram inferiorissimos: — bustos mal acabados, attitudes mal surprehendidas, assumptos quasi idiotas.

Na sala de pintura esperava-o nova surpresa.

Havia a considerar as figuras que eram pessi-  
mas e as paizagens, bellas, sem discrepancia.

Que extraordinario artista! dizia Nuno com-  
sigo: tão desigual! Exquisita Arte!

E, passando mentalmente as figuras que tinha  
extremado: — é curioso que dão o mesmo typo  
em differentes edades e attitudes.

São reproducções d'uma figura só! Mas que  
extranho factó — quasi que só as reproducções  
d'essa figura são notaveis.

O resto é intoleravel!

E, vendo as paizagens, ia recolhendo impres-  
sões.

— É em pintura, dizia comsigo, no que res-  
peita a paizagens, um raro apostolo do movi-  
mento contemporaneo. A sua paizagem não se  
filia em escolas passadas. É a belleza nova  
atravez d'um grande temperamento.



\*

\* \*

Tinha passado hora e meia depois da entrada de Nuno.

Este viu o relógio e chamou o empregado, mandando apartar as estatuetas escolhidas e trez paizagens.

A seguir perguntou: — O artista não está?

— Está além, vou chama-lo, informou o empregado, dirigindo-se a um compartimento da extrema.

Pouco depois appareceram os dois: — Ruy Augusto, seguido do empregado.

Nuno de Villar teve um movimento de surpresa.

O apparecimento do artista foi uma revelação. As figuras apartadas eram variantes d'um modelo, que era o proprio artista!

Este dirigiu-se a Nuno com passo hesitante, flectindo-se desordenadamente n'um enleio de creança. Nuno attentou-o com curiosidade.

Era uma figura pequena, singularmente harmonica, d'uma gentileza effeminada, muito moreno, d'olhos verdes, guardados por pestanas longas; abria os labios grossos n'um sorriso triste, e tinha o cabello em ondas negras e compridas.

Quando Nuno de Villar deu a razão de o ter

procurado, elle, confuso, n'uma grande perturbação, declarou-se muito honrado com a visita de tão grande artista á sua obra, e pelas aquisições feitas; pediu-lhe para deixar estar no salão os trabalhos comprados durante alguns dias e recusou-se a receber logo o preço.

Nuno, cada vez mais interessado, ficou a conversar longamente.

Ruy, muito parco de palavras, flectia-se em gestos de attenção, sorrindo aos elogios do interlocutor.

Quando, porem, Nuno lhe observou as desigualdades, — a expressão branda dos seus olhos de esmeralda transformou-se.

O olhar, até ahi fixado em Nevogilde em expressões suaves d'uma galanteria senhoril, volveu-se rapido n'uma espectração selvatica, vassando em tonalidades extranhas, sentimentos de tal melancholia e dôr que mal se comportavam nos seus olhos de verdete, normalmente de esmeralda desbotada . . .

E Nuno, educado e tolerante : — afinal as desigualdades são naturaes nos artistas. A Arte tem os seus caprichos, as suas horas.

— Não é isso, obtemperou Ruy em voz sumida. Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> a confissão que vou fazer-lhe e que só a um grande artista pôde fazer-se.

— A razão das desigualdades prende á minha maneira extranha de ser. Vejo-me na Arte como

n'um espelho. Melhor do que n'um espelho, pois que me vejo intimamente.

Eu pertenço a uma raça espuria, que vive odiada e odiando.

Exprimo o povo — o bastardo d'uma fidalguia heroica e devassa que nem talentos, nem sangue pode medir. Sou o acaso, a torrente vermelha do Destino, com uns laivos anilados de sangue nobre . . .

Degenerarei em Arte — a feição bella do odio.

Veja que nem tenho appellidos. O meu nome é Ruy Augusto.

Sou rude convivendo; pareço-me extraordinario sonhando, em marmore ou bronze — creações como essas que aproveitou e prendem ao unico modelo que posso interpretar, pois que é o unico que sei sentir . . .

Como vejo com horror ou indifferença as creaturas, não tenho modelos que me impressionem. A Arte tem sempre um fundo de photographia. Mas a minha objectiva recebe grosseiramente o mais das imagens. A sua qualidade deforma, sobretudo, as que geralmente passam por mais preciosas. E, se algumas affinidades mostra é pelas mais humildes: — aproximação de raça.

Depois, a alma soffre com esforços de vontade. Não sente quem quer. Ora, eu desço de olhos fechados a escada que vae dar ao incerto. Isto na vida, assim tambem na Arte. Sigo o

acaso que é o temperamento. A paizagem, não me apparece turvada com a figura humana. E' a belleza que não magoa. Amo, quero dizer sinto a paizagem. V. Ex.<sup>a</sup> provavelmente não sabe, pois que me não conhece, como sou indicado nos meios que frequento?

Chamam-me o *Vagabundo*. E creio justissima a etiqueta.

Fechado em Lisboa, onde trabalho ao acaso, em *ateliers* de collegas, sem recursos o mais das vezes, realizo, de facto, essa figura estranha, que cansada de caminhar por entre paredes — desvaira na paizagem, reminiscencias e nostalgias dos descampados da sua terra, que é a terra da sua raça.

Ora ahi tem V. Ex.<sup>a</sup>, concluiu, a razão porque entre uma feira de estatuas encontrou tres boas — e porque na paizagem a minha Arte é mais harmonica e a reputo suprema como documento dos meus talentos.

— Muito curiosa a informação, disse Nuno.

E de repente, fixando Ruy a sorrir :

— Sabe que conheço o seu modelo de estatuária?

Ruy ruborizou-se, commentando enleado :  
Veja V. Ex.<sup>a</sup> que, a despeito do cuidado que ponho em disfarça-lo, o talento de sentir-me tutela-me absolutamente ; não tenho meio de o esconder, de me esconder.

E Nuno, muito curioso de mais notas, ácerca

do Artista: — diga-me, é certo o que affirmam os jornaes ácerca da sua precocidade?

— Absolutamente certo. Uma das paizagens que V Ex.<sup>a</sup> escolheu é, como verá pela data, dos meus 15 annos.

— Mas isso não tem valor, accrescentou: — cada um amadurece quando tem necessidade de amadurecer. Sou fructa outonada. Meu pae era um velho libidinoso, um morgado de vinculos discutidos, que me engendrou aos 60 annos n'uma lavadeira da sua casa, uma rapariga trigueira e forte como as armas, segundo lá dizem em Villa Alva, d'onde sou natural.

Não conheci pae, nem mãe. Melhor assim! A miseria é a independencia quando bate á porta de um só, quando não temos de reparti-la . . . E, confuso: mas eu estou a incommoda-lo.

— Não está, contrariou Nevogilde. Adeus. Tenho de sahir, mas quero pedir-lhe a fineza de jantar hoje commigo. E' ás oito horas que teremos de jantar.

Muito obrigado, disse Ruy assentindo.

\*

\* \*

Dias depois estava Nuno tomando o pequeno almoço no gabinete de trabalho, sumido n'uma cadeira larga, conversando com Ruy.

O mordomo pediu licença.

— Entra, mandou Nuno.

— Vieram trazer esta carta e um volume.

E Nuno, depois de abrir tudo :

— Quando veio isto ?

— Antes de hontem, informou o mordomo, mas V. Ex<sup>a</sup> entrou depois do correio, hontem sahiu antes da hora do correio, de maneira que...

— Sim, disse Nuno, podes sahir. E para Ruy: E' que sou escrupuloso nas horas de receber. Abri excepção para o Ruy.

E, apontando a carta :

— Sabe que é escripta por sua causa ?

E' de Maria Peregrina, que tambem me offerece a *Nova Sapho*, a pedir para lhe ceder um dos trabalhos que lhe comprei. Quer o *Vagabundo*.

Fica o Ruy encarregado de lhe por o *pertence* em favor da cobiçosa... Escusado será dizer que saldarei a sua importancia.

Ella lamenta-se por não ter apparecido primeiro em S. Carlos, gaba o seu talento, e pede-me a cedencia, desculpando-se por se me dirigir sem apresentação. Mera formula. Lisonjeia-me ser-lhe agradável.

— E' uma mulher notavel, affirmou Ruy. *A Emparedada* é um bello livro.

— Sim, esclareceu Nuno. A sua obra ha de ficar. Não leu este volume — *Nova Sapho*? E, dando pela negativa, pois offereço lhe um exemplar que alli tenho. Ficarei com este que

tem a mais a dedicatoria. Leia-o. E, sorrindo, é o vicio illuminando a Arte — Sodoma e Lesbos resurgindo a arder. . .

E' paralelo em Belleza á *Emparedada*, inquiriu Ruy?

— Não, disse Nuno. Os dois trabalhos completam a artista. Mas a *Nova Sapho* accusa tranquillidade. Parece equivaler a uma quadra feliz da escriptora. Presente-se alli um fio, embora tenue, de amor a dirigir o poema.

E' a belleza harmonica, com apoio n'uma razão intima da vida.

A *Emparedada* é um poema superior. E' talvez a sombra d'aquella paixão, projectada pelo talento — a Dôr-saudade. A auctora viveu n'elle desesperos e melancholias. E, como nada d'isto soffre razões, o poema attingiu o Genio, o desvairamento que é o talento a transpor a primeira zona da loucura.

— Será verdadeiro, Conde, perguntou Ruy, o mais do romance que por ahi corre a respeito da auctora?! . . .

— Julgo que não, disse Nevogilde; corre um romance inferior ao talento das suas perversões. Mas creio absolutamente que tenha raiz na moral nova que apostoliza.

— E' que, só a noticia da chegada d'ella surpreendeu a curiosidade inferior de Lisboa. E, a partir d'ahi, não ha dia em que não corra um episodio novo a seu respeito.



— Pouco sei d'ella, concluiu Nuno de Villar. No entanto, interessa-me bastante tudo que lhe respeita, pois que mulher e auctora, parecem fundir-se nas obras.

Tenciono visita-la, agradecer-lhe o livro. Veremos se tratada irá desmentir-me impressões.

— Tenho pena de não estar em S. Carlos quando lá foi. Soube que appareceu hontem, disse o pintor.

— Ve-la-á mais tarde, se nos auctorizar a visita-la.

— Ah! disse o *Vagabundo*, enleado: — nem me faltava mais nada. Tenho boa disposição e *toilettes*, para apparecer no palacete do Alecrim, por entre as maltas de tom...

— Engana-se Ruy. O nome que lhe advem do talento, e encanto da sua figura, como as immunidades de artista, fazem que todos o recebam e julguem bem.

E, se lá fôr, vae para conversar a mulher superior. Que vale o resto?

Ruy levantou-se e foi ler perto as horas d'um relógio-Imperio que sobre o fogão pulsava o tempo.

— E' tarde, disse, vou deixa-lo. O Conde dá-me licença...

— Dou, disse Nevogilde, mas espero-o para jantar. Appareça. Não esqueça a recommendação sobre a estatuêta. Mande mudar o *per-tence*. Até logo.

## IX

Havia mezes que a Artista se installára em Lisboa, n'um palacete da rua do Alecrim. Não lhe foi indifferente aos nervos a curta estada no Minho; socegou. Mas o Minho deu-lhe todos os attractivos em pouco tempo; cansou-a a serenidade.

Entretanto, estava grata á pobre terra que lhe dera um arremêdo da antiga felicidade, na companhia da prima, a Salomé, ingenuamente linda e condescendente.

Mas, d'este proprio facto, as condescendencias sensuaes da Salomé, tirou estimulos para ir fixar-se em Lisboa, na ancia de viver melhor a nova affeição.

O Minho pareceu-lhe pequeno para theatro d'aquelles amores que lhe traziam, sem enthusiasmo, um bem-estar, que não sentia ha muito.

Em volta de Peregrina, mexeu-se Lisboa *snoob*. Apareceram os que desejavam folgar na Casa do Alecrim, como pertencendo á sua parente-

la, e havia os recémvindos das letras, que thuribulavam a Artista de elogios, na presença; e andavam pela cidade, contando as extravagancias que presentiam ou derivavam da sua conversa livre.

Ella, conformada pelos novos amores, mal dava pelo cisco que remoinhava nos seus salões.

E, aos certamens do sabbado, acquiescia, benevola, dispensando attenções e espirito. Entretinha-a brandamente aquelle gaudiar de gente que ia alli explorar-lhe o luxo e destinava a prender a futilidade minhota da Salomé. Entretanto, para si preferia outros dias, aquelles em que tratava á puridade os intimos, que eram os da casa, Nuno de Villar e Ruy.

Nuno de Villar procurou-a, para agradecer a *Nova Sapho*, e offerecer o trabalho de Ruy; e ficou, de logo, um amigo da casa, a quem Peregrina tratava com a maior distincção e affecto.

Ruy, apparecia muito esquivo, de olhos baixos, cobrindo o orgulho de humildades.

Peregrina, tratava-o por tu, gabava-lhe o talento, tomava-o carinhosamente por uma creança superior, que era preciso animar, ria dos seus enleios, a ver se conseguia dar-lhe á alma selvatica tranquillidade, e estados mais felizes.

Não havia meio.

Era, como frisava Nuno, o genio do povo, o Principe da Plebe, irreconciliavel com outras camadas.

Frequentava os meios aristocraticos, por curiosidade. A Arte dava-lhe admissão aos salões. Mas trocar affectos com outras raças, não podia. A sua Arte era a concepção do homem da serra, que conversa de perto a natureza e a exteriorisa, sonhando alto.

Elle sonhava em tela e bronze. Era poeta, pintando á sua maneira. Os pastores da sua provincia, vagabundeavam com os gaços com quem trocavam expressões de olhar. Mas estas expressões davam-n'as entre si, misturando, desvairando a alma, na alma livre dos campos.

Reflectiam-n'as, desgarrando cantares impregnados de nostalgia arabe. Fóra dos descampados, eram outros.

Tambem Ruy, ainda nos salões, dístrahido, permeava expressões mansas de cordeiro.

Mas, se o chamavam á vida e fixava os que o cercavam, expectrava logo denuncias d'uma alma irreconciliavel.

Quasi sempre calado, brando á vibração das inferioridades como dos talentos alheios — era nos salões de Maria Peregrina, como que um alumno que apparecia a tirar a falta.

Entretanto, a Casa da Artista era uma verdadeira academia, aos sabbados.

Romancistas em começo de vida, homens de Estado, jornalistas, pintores, poetas de primeiro vôo — tudo ia alli privar um pouco com a

Poetiza, e dizer discursos ácerca d'Arte, philosophia e até politica.

Maria Peregrina, tolerante, ia acompanhando aquella Babel de convenções. E a Nuno, que a increpava educadamente da generosidade, accusando-a de subsidiar os apóstolos do que chamava a philosophia do Pôdre, dizia muita vez :

— A collecção do sabbado é o meu narcotico. Aquelle barulhar de idéas disparatadas, auxilia-me a esquecer o passado, a viver o presente.

\*

\* \*

Uma noite estava no Salão-verde, só e muito attenta a um volume de Spinoza, que lia havia horas, quando entrou um creado a annunciar :

— O sr. Conde de Nevogilde e o sr. Ruy'

— Que entrem, mandou.

E vendo-os : Como vão ? E para Nevogilde : Não quiz vir hontem ? A noite esteve desagradavel... Tem escripto muito ? Que bello ! o ultimo folhetim para o *Jornal do Rio*.

Como o Nuno consegue ser original sem diatribe, crear sem demolir. Ainda quando desvaira é dentro da raça. E' dos poucos que se excede, escrevendo.

A' puridade, na conversa, tem ainda impertinencias. Escrevendo, só edita o homem superior.

Admiro-lhe, sobretudo, o alheamento da vida commum, a elevação do espirito *nuançoso* e exotico quasi a frio, a forma porque consegue percorrer notas tão extranhas dentro da mais perfeita serenidade do dizer.

— Vamos por partes. A conversa é para mim uma distracção, um vicio. Practico-a como pratico os demais vicios, tal como os nervos, as influencias intimas ou extranhas m'a suggerem. A conversa não sou eu; são os outros e eu.

Tenho para mim que a companhia desdobra de nós uma creatura differente da que formamos intimamente. E quanto mais intelligentes somos ou nos julgamos, peor é — mais ingenuos somos tambem, mais facilmente cahimos na tal rêde de suggestões...

Até Maria Peregrina é, acompanhada, uma pessoa tão diversa de si propria...

— E' verdade, Nuno, confirmou. E no entretanto quando estamos sós, é que mais soffremos.

Por mim, contrariando o proloquio, prefiro estar mal a acompanhada a estar só. No entretanto, convenho em que precisava viver isolada o mais do tempo.

E, premindo o botão da campainha:— Vou mandar chamar a Salomé e Violet; com a leitura não sei d'ellas ha muito...

Veio Jacob, fez uma mesura a distancia e quedou-se, cabisbaixo, á espera d'ordens.

— Anda cá, disse meigamente Maria Peregrina, passando-lhe os dedos pela face de pergaminho: — Tu vaes, meu velho, dizer ás senhoras que as espero, sim?

E, voltando-se para Nevogilde: Gosto muito d'este anão porque é menor d' que a sua maldade, e a maldade d'elle profundamente legitima dentro do destino. Não imagina, vale a pena conversa-lo a sós. O mal não tem que ensinar-lhe coisa alguma. Depois, tão intelligente e commodo nas suas formulas... Veja como entrou respeitoso. Eu uso-o como uma extravagancia, de longe em longe; a alma d'elle é um frasco de essencia exotica que entorno sobre mim ás temporadas.

Salomé e Violet chegaram á sala ao mesmo tempo. Nuno, levantou-se para cumprimentá-las, mas antes que tivesse tempo de fazê-lo, já Salomé o inquiria sobre a falta da vespera, e aversão ás reuniões do sabbado.

— Estava agora para explicar a Maria Peregrina, a razão da minha falta.

Ainda bem que a sua chegada a tempo, me salva de repetir-me. Ia dizer que não gosto das reuniões do sabbado porque me aborrece o cabaz de lettrados que geralmente juntam. Alem do chronista, que é sujo, effectivo na immundicie e nos serões do sabbado — ha os dois poetas que reputo d'uma pelintraria intellectual abaixo de tudo, deputados, os dois



ministros — todo o indice da familia portugueza que trato a distancia. Não sei como pode aturar-los, concluiu, olhando para Peregrina.

— Aturo-os bem, e divertem-me: são originaes na sua ingenuidade letrada. E eu quando vejo alguem original exulto. A vida é tão monotonica, a gente escorreita tão pouco interessante . . .

— Sabe? interveio Salomé, voltada para Nuno: tambem ahi esteve hontem a mulher do pintor.

Vinha pasmosa de côres, e *toilette*. As tintas do cabello e da cara, desacreditavam, de vez, o marido.

— Se é o marido quem a pinta ou lhe inspira a côr, o que nunca ouvi, objectou Violet. O contrario é que parece verdadeiro; é ella o modelo, a razão d'arte e infortunios do pintor.

— Coitada, commentou Peregrina, que pena me dá. Deus deu-lhe um cerebro estreito, que mal chega para a moral burgueza. Em todo o caso, teima em ser *alguem*. Quando, afinal, nem tem vontade de ser boa, nem talento para ser má.

O horror que deve ser — o conflicto da carne escandecida pelo snobismo sem a menor centelha de talento que o aproveíte! Emfim, vale-lhe a propria inconsciencia.

— Ah! obtemperou Nevogilde, essa, apesar

de tudo, é sympathica no seu remoinhar de *toilettes* de rainha pobre de tragedia.

Quem eu não aturo são os outros.

Umás creaturas tão enfezadas, tão pobres de corpo, como d'alma . . . Que miseria ! Ah bom Vallada ! Estava servido se vivesse hoje, e no antigo mister de arrematar litteratiços de mamma.

O Flavio Josepho, refere-se discretamente ao escravo Callixto, o *forro* de Caio. Que libertos ou forros o pobre Vallada teria de usar nos seus vícios, se vivesse !

— Nuno ! observou a Artista, delindo as palavras n'um sorriso : — não me faça arrepende do conceito em qu' o tenho. Demais, esse luxo de parecer forte denuncia fraquezas . . .

E que mal lhe fizeram as minhas visitas de sabbado ? Seja bom ! A inferioridade dos outros é que faz o nosso talento.

Nevogilde ia a replicar quando sentiu refo-lhar o reposteiro e surgir a cabeça quasi branca de José d'Andrada.

— Olá ! Monsenhor ! Então que vae ?

— Uma optima temperatura n'esta sala, replicou o padre. Estou certo de que é o unico compartimento civilizado de Lisboa, pois que tem tudo — espirito, luxo, calor . . .

E sorria, n'uma expressão boa, encarando Peregrina e os companheiros de serão.

— E' verdade, observou Nuno. E, entretanto, se o Monsenhor não viesse de fóra, do frio, já

nem agradecia esta temperatura e companhia.

Eu creio que até no céu haverá dezembros para que haja camaras mais reconditas onde Deus alumie e aqueça os escolhidos. Não lhe parece, Monsenhor?

— Sei lá! respondeu Andrada. Nunca me dei a averiguar se o céu tinha calendario, mas creio que não, pois que, apesar de relapso, segundo os vigarios de Deus na Terra, quando leio o Breviario não dou pelo tempo . . .

— O Monsenhor quando morrer não chega a estanciar no purgatorio, tão lavada é a sua vida n'este mundo, não é verdade?

— Não sei, sr. Conde, como Deus vê as nossas obras! Se as avalia pelas intenções, estou certo de que nos absolverá a todos, seja qual fôr o conceito que o mundo faça de nós.

Elle vê-nos ainda informes. Sabe o que o destino vale contra as creaturas. Creio que castigará a maldade, mas será bom para a desgraça, perdoará os nossos erros, afinal os seus caprichos . . .

De certo ha de prosperar-nos no céu segundo as intenções.

Por ellas saberá quem são os limpos de coração.

— Como ha de passar no céu sem a Mouraria! disse Nuno, rindo, voltado para Ruy.

E dirigindo-se a Maria Peregrina: — Não ima-

gina: — é uma sereia bohemia. Como sente a vida humilde dos que viciam por essas ruellas e sabe insinuar os imprevistos que por lá existem! Vagueamos hontem, horas mortas, por ahi. Rocei a miseria da pobre gente, que se afogava em alcool, o seu elixir-alegria . . .

— Ahi está um emprego que me dirá bem, affirmou Ruy na sua voz cantada: serei o informador junto de Deus da miseria que sei.

— Deus dispensa-o de tal trabalho, disse Andrada, a sorrir. Vive na consciencia de cada um. Julga os nossos julgamentos e joga para isso com factos que nos passam despercebidos. Mas deixemos o assumpto se V. Ex.<sup>a</sup> o permittem.

Discutir Deus é es'raga-lo. Basta crer n'Elle, aceita-lo no maximo de bondade que pudermos pedir ao temperamento.

Outro assumpto, uma novidade: — acaba de chegar a Lisboa o novo ministro inglez. Vae ao Paço na proxima semana, apresentar as credenciaes.

— E quem é? perguntou Nuno.

— E', deixe V. Ex.<sup>a</sup> vêr se me lembra: E' . . . John Brook.

— Brook! disseram a um tempo Peregrina e Violet.

— Conhecem? perguntou Nuno.

— Sim, conheço, quero dizer, sei quem é, informou Peregrina. Uma pessoa da familia d'elle foi do nosso tempo em Petersfield. E

disfarçadamente olhou para Salomé, que conversava baixo com Violet.

Appareceu um creado.

— Está lá em baixo o sr. dr. Amaro Sanches; pergunta se V. Ex.<sup>a</sup> pode recebe-lo.

Peregrina fez um gesto de cansaço e disse de vagar, hesitante: que entre . . .

-- Nuno ia a levantar-se.

— Ah! fique, peço-lhe, implorou Peregrina.

— Se assim o deseja, fico. Mas custa-me muito aturar um capello, e então aquelle — lente, filho de lente, neto de lente, que horror! Tem as caldas todas.

— Deixe lá, replicou Peregrina. O genero é antipathico em Coimbra. Fóra é toleravel Verá que é discreto . . .

Momentos depois entrava na sala o dr. Amaro Sanches, pequenino, precioso, á busca de expressões, anecdotico, muito preocupado com a maneira de estar.

Explicou que partia no dia seguinte para Coimbra a reger a cadeira. Falou das aulas e contou de enfiada, as partidas do velho Lourenço, José Braz e anedotas do Quental.

E Maria Peregrina, que via disfarçadamente a attitude admirada de Nuno, como a desviar-lhe a palavra:

— Então esteve na Granja, não é verdade? a despedir-se da terra. Divertiu-se? Agora vae extranhar; muito trabalho . . .

— Ah! V. Ex.<sup>a</sup> não imagina. Este anno a praia esteve animadissima. Disse lá umas conferencias na Assembléa sobre a Pedagogia na Allemanha. Sou um apostolo d'este grande paiz. Fiz lá o melhor do meu apprendizado scientifico. Estou gratissimo ao ensino allemão. Será o meu guia na aula. Os meus collegas na Faculdade vêem de maus olhos este exclusivismo pela Allemanha. Mas V. Ex.<sup>a</sup> sabe que é a primeira em tudo: — em Medicina, Philosophia, Arte, Politica, etc. Sou tradicionalista como um allemão. Quero Sciencia, Arte e Politica tudo á allemã. As creaturas disciplinadas a uma só ordem — á auctoridade, que é no governo uma individualidade de poder, na aula o professor... Por mim serei um dictador. Um mestre a bem dizer é na cathedra um governante. Tem de impor os methodos.

E, n'uma confusão de assumptos, verboso, descrevendo methodos de ensino, as dansas da Granja, tudo o que ia lembrando — passou uma hora. Até que pediu licença para retirar: — tinha de levantar-se cêdo...

Houve um movimento que tanto podia ser de attenção á despedida, como de allivio.

Nuno, vexado, abreviava os agradecimentos ás offertas do professor, muito importante, convidando-o a ir a Coimbra ver o progresso do ensino.

— Que fosse; o ensino estava ao par do que vira no estrangeiro; não era só a Me-

dicina que honrava Coimbra, a antiga capital intellectual do paiz; — eram todas as faculdades e designadamente a de direito onde o professor Alves, que ensinava Direito Patrio, remontava o estudo da sua cadeira ás edades paleolithicas — que fosse ao menos assistir á festa d'um capello, aconselhava com interesse: era uma festa academica por excellencia.

E para Maria Peregrina e Salomé: Porque não vão V. Ex.<sup>as</sup> tambem? Deviam gostar. Haveria em breve o capello d'um rapaz que se doutorava ao mesmo tempo em philosophia, mathematica e medicina e ia ostentar na festa um capello tricolor; não imaginavam: — era uma summidade, com vinte e cinco annos!

Que fossem, insistia com empenho; já o pae e o avô, que tambem tinham capello, falavam com unccão da grandiosa festa.

— E os presentes á uma, para o calar:

Que tinham o maior desejo de ver a tal zebra insigne. Era possivel apparecerem. Haviam de combinar.

Emquanto falava, Amaro Sanches fitava Salomé, que parecia a unica a interessar-se por aquella loa coimbrã.

Afinal despediu-se, promettendo voltar breve. Ia muito sensibilizado pelas reuniões dos sabbados.

E, depois de salamaleques varios, arrastando cadeiras, lembrando ainda os dictos do Dr. Lou-



renço, sahiu, afinal, muito contente de si e da Universidade, depois d'um aperto de mão prolongado a Salomé, que o fitava com ternura.

Quando sahiu tudo se calou como a descansar a desordem da conversa. Depois Nuno levantou-se, esfregou os olhos como se tivesse accordado d'um pesadelo, e disse, voltando-se para Ruy: — Vamos.

— Já? inquiriu Peregrina. É cêdo; são onze horas.

— Estou fatigado, contuso. Tenho a impressão de que o homem varreu sobre mim toda a caliça dos paços de João III.

Quando a torre cahir não faz tamanha bulha.

A cabeça d'este lente rehabilita o chaos. Aquelle cranio é uma terrina de salada russa, de môlho erudito, e pimenta anecdotica.

— Adeus Maria Peregrina.

— Espere um pouco, disse ella, fixando-o.

Coitado! Depois de successivas sabbatinas d'aula, successos na Granja, triumphos em theses, capello amarello, retrato entre o papá e o avô, cumprimentos dos rapazes, um meio pêco e idiotamente romantico, que queria V. que o homem fosse?

— O que eu me perguntava, no decurso d'aquelle desapontado de coisas, — era no que redundaria a geração que tem educadores de tal jaez? . . .

Que viveiro!

## X

Dias depois, estava Peregrina escrevendo, quando foi interrompida por Jacob, que trazia um bilhete.

Leu: Helen Broock.

— Está no vestibulo esta senhora? perguntou.

— Está, informou o anão.

— Acompanha-a aqui.

Momentos depois entrava Helen, e abraçava Peregrina n'um transporte de alegria e desmancho pouco britannicos.

— Ha que tempos nos não vemos! dizia. E beijava a antiga companheira na bocca e nos olhos, muito incendida de côr.

Maria Peregrina recebeu-a com moderado enthusiasmo. Quando ella se distanciou, mirou-a curiosamente.

Helen não era já a esbelta rapariga de Petersfield. Era uma figura quasi vulgar. Debalde Maria Peregrina procurava n'ella a linda pelle

de seda que a tinha arrebatado tanta vez, as fôrmas excepcionaes, a flexuosidade e candura do movimento.

— Estou mudada, não é assim? Tu não estás resentida commigo?! Sábés que tive um grande desgosto com a carta do John. Coitado, agora é um cordeiro. E' se quizer. Tenho vingado a grosseria que praticou contigo.

Então, minha *Sapho!* dize alguma coisa á tua velha amiga, abraça me — e beijava-a com ternura.

— Que queres que diga? Que és junto de mim o passado! O acaso, veio juntar-nos, quando estamos tão longe do que fomos.

Não imaginas o estado de indecisão de espirito em que ando. Depois que te deixei, a nostalgia de Petersfield pautou-me toda a sorte de extravagancias. Queria encontrar alguém que te substituisse, e entretanto ia enchendo o tempo, pervertendo-me, para não pensar no perdido.

Não encontrei quem procurava. Nem tu, segundo acabo de verificar, podes substituir-te.

Não sei se sabes que vive commigo Violet. E' uma pobre creatura que me é docil como a minha carne. Talvez por isso a veja com amargura. Está ahi outra rapariga, minha parenta.

Já percebi que amo n'ella a simples frescura da mocidade, talvez a candura dos seus enleios de provinciana.

Mas o vago d'uma aspiração suprema, persiste em mim. Eu queria, sabes? — o goso tranquillo, pôr um fim onde só encontro o indeterminado . . .

Ainda hontem á tarde sahi só. Caminhava a pé pelo alto da Avenida quando vi um cego que pregoava alto cautelas, cantando numeros.

Ao tempo que eu passava, pregoava elle o numero da tua casa em Londres, 1013, a casa d'onde teu marido me despediu.

Associei sensualidades á coincidência. O cego era um lindo moço. Procurei um quarto para arrendar nas proximidades, e encontrei. Tratei com o cego a sua entrada alli. Eu propria cortei os talhões do alto da Avenida, conduzindo-o pela mão.

Era um moço loiro, d'uma idiotia sympathica, muito risonho. Preparei-o n'uma tina branca a trasbordar d'agua. Quando sahiu lembrava um terra-nova, polvilhado d'oiro, muito cerdoso e brilhante, de pêlo russo, meigo, a fitar-me com os seus olhos de estatua . . . Exaltei o divino estatuario: — fôra para mim que elle cegara aquella carne, pensava, agradecida. Seduziu-me a aventura. Foi emquanto durou o seu enleio, mixto de sensualidade e idiotia. Apenas o acheguei de mim, encontrei logo o animal. o bruto muito experimentado em sarilhos de lupanar, folgando sobre mim como arlequim de feira em colchão de palha.

Um horror, tudo aquillo !

E assim é sempre. Não tento uma aventura que me pague a imaginação de urdi-la.

— Pois calculei que eras feliz. Tinham-me dicto que recebias a melhor gente de Lisboa, das festas, etc.

— A melhor gente de Lisboa é pessima. Excepcionalmente encontrei uma figura rara, o Conde de Nevogilde, um excentrico, escriptor de merecimento, por quem sinto a melhor devoção. Vale-me n'alguns serões, conversando Arte.

Vou por estes dias passar algum tempo á sua casa de Entre-os-Rios, a Villa-Feia.

— Extranho lugar, disse Helen, se o titulo não mente.

— Não mente, creio. Aquella Villa é um capricho da natureza em favor do proprietario, um espirito raro.

E' um scenario novo, com flora á parte, cheio de imprevisto. Tudo ahi é curioso. E não imaginas o enthusiasmo de Nuno Nevogilde pela sua Villa, como sabe estimar o encanto do Feio.

E' um rapaz adoravel. O seu interesse vale mais que o seu talento.

Ser interessante é ser tudo para os outros. O interesse é bem mais raro que o talento.

Este pode ser monotono, impertinente; o interesse é o imprevisto, o encanto derramado

naturalmente, filho d'uma razão que escapa, adstricto a um genio cujo enredo nos move sem que possamos defender-nos das más consequencias que pode dar-nos.

Não é o que elle diz, é a forma porque diz. E' insinuante, — muito crestado de viver, apagando-se junto dos humildes, pasmando perto dos tolos, soffrendo o que vê, o que adivinha . . .

— Vaes então passar uma optima temporada, disse Helen triste e muito morna aos entusiasmados de Peregrina.

— O que te não lembra é Petersfield: — outros tempos, novos amores . . .

Pois eu, minha querida, vivo ainda na recordação dos velhos tempos. Não te enganavas quando respondias ao John, annunciando-lhe que eu permaneceria fiel aos teus ensinamentos. Cada vez tenho mais horror ao homem, sobretudo ao que me deram por companheiro. Ainda bem que a *diabetes* promette liquidá-lo breve . . . E' a sua nota *sympathica* — a doença.

— Olha que nos meus ensinamentos não cabe tal ferocidade. Ha coisas que podemos pensar, mas devemos envergonhar-nos de dizer a nós proprias. O pensamento nem sempre joga com a vontade.

Eu sou feroz commigo: tenho-me desejado a morte. Gosei a morte de Edgar como nunca esperei gosar coisa alguma no mundo. Mas não

lh'a desejei. Ter-lh'a-ia evitado, se a adivinhasse. Ante o facto consummado o meu espirito exultou. Espirito e corpo n'um abraço como jámais se deram, possuiram aquelle lindo morto ou antes a Belleza-morte, no maior elasterio de sensualidade . . . Mas, vigiar dia a dia o que vae dar-nos a felicidade de morrer, perscrutar-lhe os passos da doença, porventura promover-lh'a — isso não é digno de ti.

-- Ah! minha Peregrina, tu não sabes o que é sentir o amor do homem que detestamos. Olha que é peor do que o contrario: — amar a pessoa que nos detesta!

— Mas afasta-te d'elle. Deixas de ser ministra de Inglaterra, mas és a mulher digna, ainda que vivas como uma rameira, d'amores com outras rameiras. Sê a mulher livre; nada ha peor do que a honestidade legal.

Só a hypocrisia é crime.

Os olhos de turquesa da estrangeira nublaram-se de lagrimas; cahiu a soluçar sobre o peito forte de Peregrina, que a afagava friamente. Bateram á porta. Era Violet e Salomé.

— Esperem um pouco, disse a Artista, saio já.

E dentro de breve tempo sahiam as duas a encontrar-se com a antiga condiscipula e Salomé.



## XI

A Villa-Feia, sobranceira a Entre-os-Rios, assenta na encosta que domina a junção do Douro com o Paiva.

Este ribeiro desce obliquamente, como um fio de platina a fundir-se nas aguas d'ouro do Rio, que segue como um grilhão mysterioso, a perder-se no mar.

O antigo paço senhorial da Villa-Feia é um systema de torres e torreões extravagantes, casas afiladas de frestas altas e seguidas, que dão de longe a impressão de linhas pontoadas; e quadrados enormes, atarracados, beirados de ameias grotescas, frestas em losango, que põem na cantaria verde-negra, um recorte de retinas extranhas, attentas ao mechanismo liquido das correntes, e á paizagem roxa dos montados.

Tanto o paço torreado como o plantio da maior parte do arvoredado da Villa-Feia, foram

obra d'um velho templario que, segundo a Lenda, veio esquecer alli as canseiras da guerra.

Aquella architectura, informam os do povoado, foi idéa do templario. A deformação das arvores e outros *signaes* da Villa-maldicta, foram castigo de Deus, irritado com o porte de D. Alvaro de Castro Leite de Villar, um dos maioraes da Ordem que, em 1312, Clemente V, aboliu.

Corre a fama de que o grande cavalleiro fôra um dos que mais justificaram a liquidação da Ordem militar e religiosa dos Templarios, pois que escureceu o brilho dos feitos mais ousados com actos de desenfreada sodomia.

O seu temperamento, fôra do natural, delinera um castello desproporcionado e á parte, alheio á architectura do seculo.

A natureza requintou em lhe deformar as arvores, dando á Villa-Feia uma Flora-monstro, invertendo o tempo das flores e fructos e afeiando as plantas de melhor raça. Mas não é sómente nas velhas arvores, que os do povo inculcam como plantadas pelo Templario, que as deformações se notam. E' em todas as arvores que ahi se disponham. Quanto mais formosas são fóra, mais afeiam lá dentro. Ha-as, chloroticas, abraçando-se n'uma adherencia de enxerto; outras, communicando serpentes de ramaria e braços a muitos metros dos troncos; raças humildes, attingindo desenvolvimen-

tos notaveis ; eucalyptos, geralmente desenvolvidos e que alli figuram de anões, enfezados, exiguos.

Desenvolvimento, florescencia e fructos, parecem obedecer a leis especiaes. A Villa-Feia é um capricho da Natureza : a bem dizer, uma pagina de Pathologia vegetal.

O mais dos fructos são acres ; as flores em meios tons, e d'um recorte exquisito, não teem aroma, o que faz que os camponios supponham que a sua aproximação lhes veda o olfacto.

Tudo alli é extranho. Cada arvore toma um aspecto diverso das mais da sua raça em outras terras. O choupo-chorão abre em traços rectos ; o *ulmus pendula*, de braços geralmente curvos no sentido do tronco, revira os ramos em hastes de novilho ; cactos hirsutos, prodigiosos, vestem o sopé da encosta, formando cordões farpados ; pinheiros bravos abrem-se em umbellas rôtas, de agulharia verde-escura ; os cedros parecem arvoresitas de Natal, ramos de presepio ; cyprestes bastos, tragicos e colossaes, põem pontos de admiração na paizagem ; chorões, flexiveis como vimes, descem em tufos emmananhados as suas lagrimas verdes, longas até aos pés ; medronheiros de grandes troncos, herpeticos de musgueira, de folha rôta, mal vestidos, ostentam simultaneamente floritas brancas e fructos exiguos de coralina.

Os sobreiros jámais deixam o tom acasta-

nhado que usam n'outras terras ao abandonar a cortiça: — põem na Villa-Feia uma *nuance* de sangue velho, erguendo-se rachiticos, como adolescentes morenos alcançados pela phthisica.

Nos recantos mais sombrios o chão é hirsuto de tojeira, cerdoso de espinhos bravos, bastos como pelligem de javali, salvo nas ruellas, abertas em lacêtes, tortuosos, de uma colleação mysteriosa de labyrintho.

Domina a Villa um penedo enorme, simulando uma figura-gigante, deitada na tojeira, que se desdobra em volta como uma pelle.

E' uma figura nua, guarnecida de musgos velludosos, ostentando signaes nitidos dos dois sexos; lembra a figura de Hermaphrodita que um artista ensandecido tivesse trabalhado ha muitos seculos, e postado alli como um amuleto maldicto do mundo sensual.

Corre entre os lavradores que o Penedo fôra trabalhado por D. Alvaro em noites brancas de janeiro, de collaboração com o demonio, que em baixo no Ribeiro de Cobre referve coleras.

E rapazes gastos e velhos sensuaes, crentes na sua virtude, vão horas mortas, pedir-lhe forças desbaratadas.

O Encommendado não se cansa de predicar o peccado em que incorrem os que veneram o mysterioso granito.

E velhos menos confiados, contam casos de creaturas tolhidas, quando foram de romaria ao

Penedo, depois de encontrarem a alma-penada do Templario, em companhia do demonio a rever a obra.

O Ribeiro de Cobre ganha a primeira altura da encosta d'um salto, borbulhando tufos d'agua escura, que rasam em madria pelo açude. D'alli partem levadas que cortam em leque os campos baixos.

Vogam na madria aves d'agua, pequenos cysnes e enormes gansos, de pescoços de cobra e bicos de fava, remando de vagar os corpos gondolosos, vestidos de pennas, tufadas como ramos de chrysantos negros.

Tracto singular de paizagem, onde esparsos Olivêdos põem nodoas de saudade em cinza!

Parece haver o maior parentesco entre o Ribeiro de Cobre, assim chamado em razão da côr e o arvorêdo em que predomina o acastanhado dos sobreiros.

O povo guarda se cautelosamente de pescar no Ribeiro, se bem que seja abundante em peixe e sobretudo em trutas, que lembram desenhos fugidos d'algum jarro precioso do Japão, a refulgirem escamas de prata e oiro por entre o cobre liquido do humilde corrego.

E que desde muito se conta n'aldeia que D. Briolanja, a ultima morgada da Villa, fôra victima de peixes alli pescados: — que ceicara as endemoninhadas trutas n'uma vespera de Anno-Bom e amanhecera sem fala, muito branca,

fazendo esgares, até que morreu, depois d'uma agonia mysteriosa, ao cabo de poucas horas.

Para alem da madria, ha um velho moinho redondo, de grande circumferencia e pedra tosca, de juntas tomadas a verdura, com janelas oblongas e uma roda de dentes podres.

Semelha um carão horrivel, de olhos azeitados, comidos de ophthalmias, sobranceiras rentes de musgueira verde limo e bocca enorme, a que a roda de dentes cariada, dá a expressão confrangida d'um riso diabolico de dôr.

E' a agua que a bocca do moinho espuma em camarinhas escuras, través a roda gasta, que vae sumir-se a distancia no lagedo amarello das alluviadas, que escondem o ribeiro n'um tracto de dez passos. E é sob o lagedo que a agua espadanada contra a penedia baixa, referve coleras d'inferno, resoando n'aquella abobada d'acaso as presumidas falas do diabo, segundo a voz corrente n'aldeia.

Sobranceira ao moinho, na outra margem, fica a *Eira de Vidro*, uma escama natural de mica luzente, que ao meio dia, quando o sol ahi bate, refulge, a meio da Penedia-amuleto, cordas de luz branca.

Circuita o exotico miradouro uma escarpa de granito rendilhado, que lembra o espaldar e braços d'uma cadeira gothica de Cathedral.

Finalmente, é d'este poiso extranho que os



valles proximos escutam e repetem os dizeres dos que ahi falam.

Condições de acustica desconhecidas, põem no espaço tríos de arremêdo!

Tal a descripção da Villa-Feia, conforme um inedito de Nuno de Villar, III.<sup>o</sup> conde de Nevo-gilde e ultimo representante do Templario.

Era ahi que o Artista villegiava quando a Cidade o aborrecia, ou sentia necessidade de dar azas á sua erudição e Arte. Ahi escreveu *Os Sensuaes*, o melhor dos seus livros, e varios capitulos da *Vida Plastica*, opusculos criticos, afóra artigos. Dava-se bem com a paizagem monstro que o cercava, e sorria, benevolo, sempre que perguntava e ouvia a historia do Templario. Os camponezes interrogados é que o não indulgenciavam pela transigencia com o execrado cavalleiro. E á puridade, aventavam suspeitas:

— Que o representante de D. Alvaro parecia seguir-lhe as pisadas; que não era facil fugir ás leis do sangue; que na Villa-Feia tudo se deformava, os homens como as arvores... E discutiam as figuras que pernoitavam no velho casarão senhorial.

Maria Peregrina tinha dicto a Nuno que ia ser hospeda d'elle, quando este falou em ir para Entre os Rios.



Nuno, muito cortez, agradeceu a visita e aceitou-a. Intimamente aborreceu-a. Queria afastar-se do mais da gen'e. A Artista era a mulher superior, que estimava como irmã de Letras, mas de quem escondia o mais da vida.

Convidara o *Vagabundo* para o acompanhar, Queria mostrar-lhe aquellas sombras. Não sabia porque impressionava-o bem a convivencia d'aquelle desequilibrado, que alternava com elle grosserias e carinhos, ora o abordava com humildades de rafeiro, ora o perseguia, desdenhando a sua Arte, nobreza e privilegios de figura á parte.

Maria Peregrina era a mulher absorvente que, apesar de tudo receava, com quem não queria intimidades.

Era preciso attende-la. Era uma creatura excepcional. Mas, por isso mesmo horrorizava-o o excessivo carinho que lhe notava, sobretudo ultimamente. Admirava-a como mulher, mas temia-a. Era uma sensual que tinha percorrido a gamma do mais exquisito teclado da vida. Queria acaso matar um novo capricho? E elle que só usava creaturas inferiores, que percorria altas horas os becos mais suspeitos a recrutar mulheres de acaso, como se haveria diante da mulher invulgar?!

Ah, se encontrasse pelos prostibulos mulheres d'aquellas formas!

Mas ter relações sensuaes com ella, uma in-

tellectual, que havia de estar a ver, a frio, as suas attitudes de animal enfraquecido, cahindo, segundo o costume, na hysteria, que é a carne entregue a si propria, a velocidade adquirida do prazer a derivar em loucura !

Isto, se a commoção lhe deixasse ver n'ella a *mulher!* E, muito triste, com a ida da Artista ia contando os dias, n'um horror de frade que treme da primeira tensão da carne.

Ah! elle era bem culpado, pensava. Podia ser como toda a gente. Se se deixasse de requintes não temeria mulher alguma. Mas degenerára-se.

Exigia sempre nas relações sexuaes uma certa liturgia; d'ahi o seu pessimismo litterario, o pessimismo em tudo.

E, involuntariamente, lembrava as palavras da *Allemanha Moderna*, de Lichtenberger: «O pessimista é um degenerado, um doente que deve curar-se ou partir, mas que não tem o direito de empeçonhar a existencia dos sãos, de desmoralizar os potentes, de calumniar a vida».

Como sentia aquellas verdades!

Era assim... Claro que tambem Peregrina era uma doente; mas por isso mesmo lhe não perdoaria. Demais o seu horror por ella ferir-lhe-ia o amor proprio.

A doença odeia a doença. O que nós procuramos nos outros são as qualidades que não temos, pensava Nuno. Por isso elle era um for-

te, entre uma seara de mulheres, castanholando modas e vendendo alegrias.

Mas, na Villa-Feia, com Maria Peregrina a trocar beijos e impressões de letras — que horror!

E era fatal a ida. Equivoca situação! Já tinha percebido que ella o desejava.

Por sua vez Peregrina, enthusiasmada, nem parecia a mesma.

— Tu lembras a antiga alumna de Petersfield, dizia Violet.

E vendo-a muito cuidadosa com as *toilettes*: — Já percebi, vaes noivar.

— Talvez, disse Maria Peregrina, rindo; não sei. Os programmas nunca antecipam muito os meus desvarios. O mais das vezes vicio sem elles. A surpresa é afinal a vida. Irei ver como as arvores da Villa-Feia me recebem. Corre que o antigo Paço tem a fortuna de afeiar o que é bello e engrandecer o que é humilde . . .

\*

\* \*

Passados dias partiram os dois, Nuno e Peregrina, os creados do Palacio-Fóz e Jacob.

Nuno esteve inquieto até á hora da partida; esperava Ruy.

Esperou de balde: minutos antes da sahida,

recebeu carta d'elle, explicando a falta, com o motivo de ter de seguir n'esse dia á tarde para Villa-Alva. Era-lhe impossivel ir a Villa-Feia, informava. Esperaria Nuno em Lisboa.

Nevogilde, contrariado, entrou para a caruagem.

Em Lisboa ficára a Violet, Salomé, e José d'Andrada.

---



## XII

Decorreu um mez sem que ao palacete da Rua do Alecrim chegasse qualquer noticia de Villa-Feia.

Salomé partiu para o Mosteiro, a pretexto de visitar as propriedades e passar alli algum tempo.

José d'Andrada recolheu á cama myelitico, dias depois da sahida da Artista,

Violet, muito á vontade, e senhora da casa continuou a receber aos sabbados a velha collecção de hospedes, e mais assiduamente Manuel Brito de Miraz, da *Folha da Noite*, sobrinho e continuador do publicista das *Horas Tôrpes*. Em breve tempo se entenderam intimamente, o chronista e a ingleza. O acaso fez amante de Violet o mais crapuloso e inferior do bando que passeava os salões de Maria Peregrina. Horas tardas, se o chronista não apparecia sahia ella a visitar os bairros mais suspeitos, trocando-o por e fadistas.

Um dia chegou Peregrina, sem prevenir.

Violet correu a abraça-la, e a saber da villegiatura em Villa Feia. Achava Peregrina cansada, mas alegre.

— Então muito conciliada com o sexo feio? pergun'ou. Era certo que Nuno podia excluir-se da designação do seu sexo — pois que não era feio; e ria para a Artista que a ouvia serena.

— E' verdade, disse por fim, estive bem.

Nuno resume hoje para mim tudo. Como o acaso é bom! E eu a correr mundo á procura *d'alguem*. Achei, sabes? A minha selvageria sensual amedronta-o, perturba-o; é um animalzinho, lindo de formas e docilidades a submeter-se-me, a gostar dolorosamente os meus maus tractos, porque o maltracto, e a entregar-me, assustado, o corpo de raça, que veste n'aquellas horas uma alma de mulher e de laçao. Ah! sei afinal o que é o amor...

Mas, não sei porque lembro-me de que não pode durar a nossa felicidade... E por cá?

— O peor, informou a ingleza. Salomé foi quasi logo depois da tua partida, para o Minho a tratar de negocios que me pareceram pretexto para sahir.

O Monsenhor está no quarto, impossibilitado de andar, inutilizado por toda a vida, segundo o medico.

— Uma noticia triste — a do padre, disse Peregrina. A de Salomé nem vale discuti-la;



chegou-lhe a nostalgia do Minho. Foi folgar as cirandas do Mosteiro, contar a diferença que vae d'esta á sua aldeia. Voltará breve.

Mas o padre, coitado! Vamos ve-lo. E subiram as duas até aos aposentos do doente.

— Então que vae Monsenhor? perguntou Peregrina da porta.

E depois, correndo para elle a abraça-lo enxugando-lhe, commovida, as lagrimas: — Não se excite, ha de melhorar.

— Não melhora, minha senhora. Os milagres nunca desmentem a razão. O que fazem é esconde-la ás vezes. Ora, a razão contribuiu-me irremissivelmente com uma doença incuravel. Eu devia adivinha-la. Te-la como fatal derivação da minha vida.

— V. Ex.<sup>a</sup> está admirada! Já me explico; mas antes queria pedir lhe que me não tomasse por um tôrpe. Não toma, que V. Ex.<sup>a</sup> é generosa com todos os desgraçados. Eu tenho o mal dos que passaram a vida a vibratilizar os nervos com prazeres inferiores, para esconder do publico as impertinencias da carne.

Expulsaram-me do convento como um vicioso. Ainda na oração e no culto vivi uma tolerancia que scandalizou os superiores. Como não havia de ser tolerante, sobretudo para os amôres alheios, se sabia por experiencia, o que era o inferno e penitencia de soffrea-los.

Emfim, aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> o mais acabado

exemplar de miseria que podia bater á generosidade da sua nobre estirpe, a pedir a esmola d'um quarto e d'um talhêr.

Sou o *index* de faltas e excessos. Se algum dia escrever o romance da sua vida, — e creio que terá assumpto, peço-lhe que não esqueça de associar á sua peregrinação de mulher nobre, tão nobre que tem nos escudos symbolos de duas nacionalidades — a tragedia simples d'um padre que batalhou deveres e nervos para vir acabar, miseravel, entre grandezas — as que V. Ex.<sup>a</sup> quer repartir com elle. Pois que está em moda o romance social, não deixaria de representar bem o clero de duas Potencias historicas a desfazerem se ...

Maria Peregrina e Violet sensibilizaram-se. A confissão d'aquelle homem, precocemente velho, a trasbordar amarguras, veio aguar o entusiasmo da Artista, que pensava encontrar nos amores de Nuno uma nova epocha. Quem é feliz ou imagina se-lo, quer ver em tudo felicidades. E magoa-se se os fados lh'as desmentem. Mal encontrava palavras a consolar Andrada. Sinceramente seu amigo, doia-se d'aquelle miseria, consciente.

E vingava-se, prodigalizando-lhe cuidados, andando em volta d'elle a adivinhar-lhe os desejos.

— Quero tornar-lhe superfluos os movimentos, dizia.

Ha de ver: — quando puder mover se dispensar-se á de faze-lo. Terá a vontade confortada de preguiça, com pouca vocação para ordenar lidas.

E abraçava-o carinhosamente, enquanto Andrada lhe beijava as mãos a chorar.

\*

\* \*

— Vou a casa de Nuno, disse ella a Violet, no segundo dia depois da chegada.

Estou surprehendida do socego d'elle. E' exquisito que não tenha vindo. Está a abeberar os excessos de amor que trouxe da Villa-Feia.

E' um exame de consciencia que naturalmente está a fazer. Tem medo de que não saiba dar lhe impressões novas. Como é creança em amores. Mas vou educa-lo. Hei de pagar com usura os encantos dos seus receios de noviço. Vá, Violet, manda preparar o carro. Um quarto de hora depois chegava ao palacete-Foz.

Nuno estava no quarto que communicava com o gabinete. Á hora do correio entrou o mordomo, segundo o costume; e, depois de entregar a correspondencia, informou que havia meia hora que Maria Peregrina esperava no salão.

— Ah! disse Nuno, admirado, porque não mandaste entrar? E depois: — Mas, não; como te não tinha prevenido... Olha, quando vier manda logo subir.

Mas não, depois falaremos ácerca das visitas. Convida-a a entrar. Já! . . .

E, muito confuso, levantou-se quando lhe presentiu os passos.

Peregrina entrou, encarou-o a distancia e depois de curto exame foi beija-lo nas palpebras. Começou a cofiar-lhe o cabello e depois a revoltar-lhe as ondas d'uma negrura luzente; ora o abraçava, ora o repellia . . .

Nuno recebia aquellas caricias d'uma sensualidade selvagem, medroso, d'olhos baixos, humilde.

— Então não recibes antes d'esta hora? Nem a mim que sou senhõra dos teus nervos e posso subjugar-te n'um momento! Anda cá, deixa morder a tua bocca! E' um fructo de desejo . . .

E mordia-a suavemente. Depois, afastando-se:

— Vae buscar aquella pelle de urso. Cobre o escudo d'essa alcatifa. Extranha idéa—brasonar tapetes! Que os outros pisem os nossos braços vá, mas nós! Deita-te aqui, minha creança.

E, desabotoando o vestido cõr de hortensia:

— Faze o mesmo que estou fazendo, despete, anda! Já! . . . Vê como as sedas da pelle do urso se levantam. Como a pelle lhes transmite erotismo! E olha que é d'um urso do Pólo!

Nada resiste ao genio sensual! Prepara-te, vamos lá soffrer de goso! E, de repente enla-

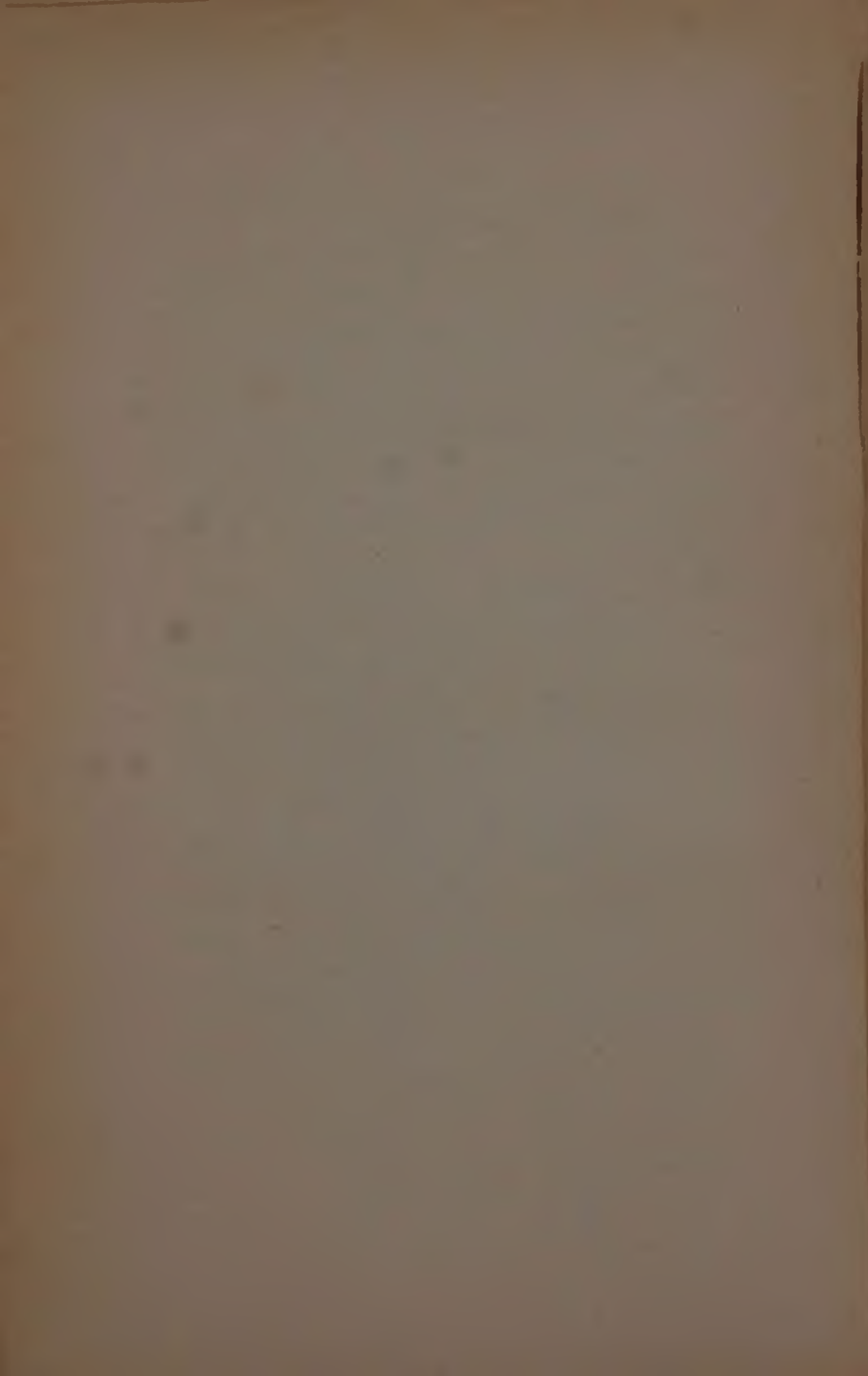
çou-o pela cinta, fazendo-o tombar, passivo e trememente, sobre a pelle branca.

Subito encapellou-os um fremir desordenado. Resteas de sol zebavam os dois corpos. E a columna de luz, que partia da janella, movia serrim doiro — poeira de corpos que pareciam cortar-se. . .

Extranha batalha, sem ordem, desigual! A physionomia de Peregrina espectrava a alegria selvagem da louca, que, n'uma ancia de luxuria, se preparasse para devorar o amante, depois de esfarrapa lo.

A expressão de Nuno era de dôr acceite. Lembrava um religioso a deixar-se maltractar, sorrindo aos cilicios, crente n'um céo a apparecer!

Subito ergueu-se sobre o corpo de cobra da amante, e, n'um momento, desmanchou-o uma extranha furia; cahiu em coma, voltou a soffrer sereno o martyrio d'aquella mulher, cilicio d'amor, simultaneamente divina e infernal, sagrada pelas fórmas e demoniaca no capricho das perversões! Por fim, cresceu, de novo, em tempestade; e, sobreexcitado, inconsciente, sacudiu-se em crise hysterica, e impelliu Peregrina, que tombou exánime, ao longo da alcatifa. . .



### XIII

— Quem está? perguntou a Poetiza, ouvindo mexer a porta do gabinete, e suspendendo a escripta d'uma folha de papel que levava em meio. Não recebo a esta hora.

— Está lá fóra, informou Jacob, o sr. Miráz que pede para entrar; promette demorar pouco.

— Bem, disse Peregrina, entre aborrecida e condescendente: — manda entrar.

Miráz chegou, muito desmanchado, cumprimentou, abrindo a bocca n'um riso enigmatico e sujo, e sentou-se, cruzando as pernas.

— Então que deseja? perguntou ella.

— Venho propôr a V. Ex.<sup>a</sup> um negocio.

E' um negocio que não deve parecer-lhe pesado. Entro n'elle sem rodeios, pois que V. Ex.<sup>a</sup> conhece o mundo, sabe o que é a vida.

Quando a necessidade entra pela porta, diz o proloquio, sae a virtude pela janella. Eu creio



que nunca tive virtude para baldear da janella  
O que tenho são miserias.

Mas estou de posse d'um manuscripto que vale certo dinheiro. E digo que vale, pois que fui ver por quanto o editor m'o pagava. Offereceu-me vinte libras. Para editor é bastante; mas para V. Ex.<sup>a</sup> vale mais.

Emfim, preciso de um conto de réis. A V. Ex.<sup>a</sup> não lhe faz differença esta quantia e a mim aproveita-me. É uma somma salvadora. Verá que jámais comprou socego por tal preço...

— Então de que se trata?

— A publicação vae intitular-se — *Sapho em Lisboa*. Insere episodios que V. Ex.<sup>a</sup> conhece bem, documentados com uma carta do ministro inglez.

E, desdobrando o maço, leia V. Ex.<sup>a</sup>: — confio-lhe o manuscripto, na minha presença.

Ella tomou o maço, muito serena. Leu a primeira folha: — era a carta de Broock, despedindo-a de casa. Viu algumas paginas com vagar.

— Onde e como obteve esta carta? perguntou depois.

— Permitta-me que não responda já.

E' segredo. Posso vende-lo tambem, mas caro, pois que interessa terceira pessoa.

— Esse segredo escuso de pagar-lho, disse ella.

E continuou a ler. Passou algumas paginas e de repente disse, fitando o :

— E' uma historia incompleta, pessimamente feita. Não me perturba a idéa de ver praceados os meus delictos. Mas a historia ha de apparecer mais tarde, como deve ser, honestamente documentada e escripta.

Isto, accrescentou, é uma torpeza idiota. Vale, como documento para v., bem mais do que para mim. E' um caso simples de *chantage* a illustrar a vida d'um jornalista de terceiras paginas, tambem *souteneur* e ladrão! Está bem na *Folha*, enquanto não houver casas de reclusão bastantes...

— Pode V. Ex.<sup>a</sup> pensar e dizer o que quizer. O que não quero é demorar-me; preciso saber se tenho de contractar o manuscripto com o editor...

— Demais, estúpido... Então imaginava que eu, de posse d'esta carta, que é minha, lh'a daria sob qualquer ameaça ou violencia?

E, destacando-a, atirou-lhe com as tiras sujas do manuscripto, premindo o botão da campainha.

O Miráz levantou-se, rubro de colera, derrubou um pequeno movel que o separava de Peregriana e cresceu para ella, que amarfanhou a carta, preparando-se para defende-la, e encarrando-o n'um mixto de arrogancia e nojo.

Elle dei'ou-lhe a mão ao pulso e ia a torcer-

lh'ò, quando se abriu a porta e entrou o creado, surpreso.

— Põe lá fóra este velhaco — disse Peregrina.

Immediatamente o creado agarrou o chronista pela golla do casaco, arrastando-o ao primeiro patamar e fazendo-o rolar sobre a passadeira até á porta.

— Não o maltractes, disse Peregrina, do gabinete.

Era ao tempo em que elle, já da porta e muito confundido com o tapete, bolsava para o alto os peores adjectivos da *Folha*.

Mas, sentindo o creado, sahiu rapido, tapando com as mãos grossas os rasgões do fato, esfrangalhado.

Peregrina mandou chamar Violet.

Ella entrou, confusa.

— Vejo que déste pela scena. Leio-te na côr o delicto... E, mostrando a carta de Broock:

— Quanto recebias do conto de réis que elle queria por esta carta? Devias ter a melhor parte...

— Perdôa-me. Não lh'a dei, roubou-m'a, n'um dia que veio ahi ficar. E' um miseravel. Pois que me faltava aqui? Dinheiro!

Elle sim, era precisado. Imagina que o satisfazia ir ao Tavares commigo, cear. Só tinha comido lá seis vezes, confessou. Que miseravel! E sujo!

Oh! perdoa-me Peregrina. Não sei que lou-

cura foi a minha. Estive a conversar demoradamente ácerca de ti. Contei-lhe, de boa fé, a historia da tua vida. Mostrei-lhe a carta. E elle, o miseravel, roubou-a quando sahi do quarto á mistura com uma trancelim de platina e umas notas do banco que tinha na mesma boceta. Perdôa-me!

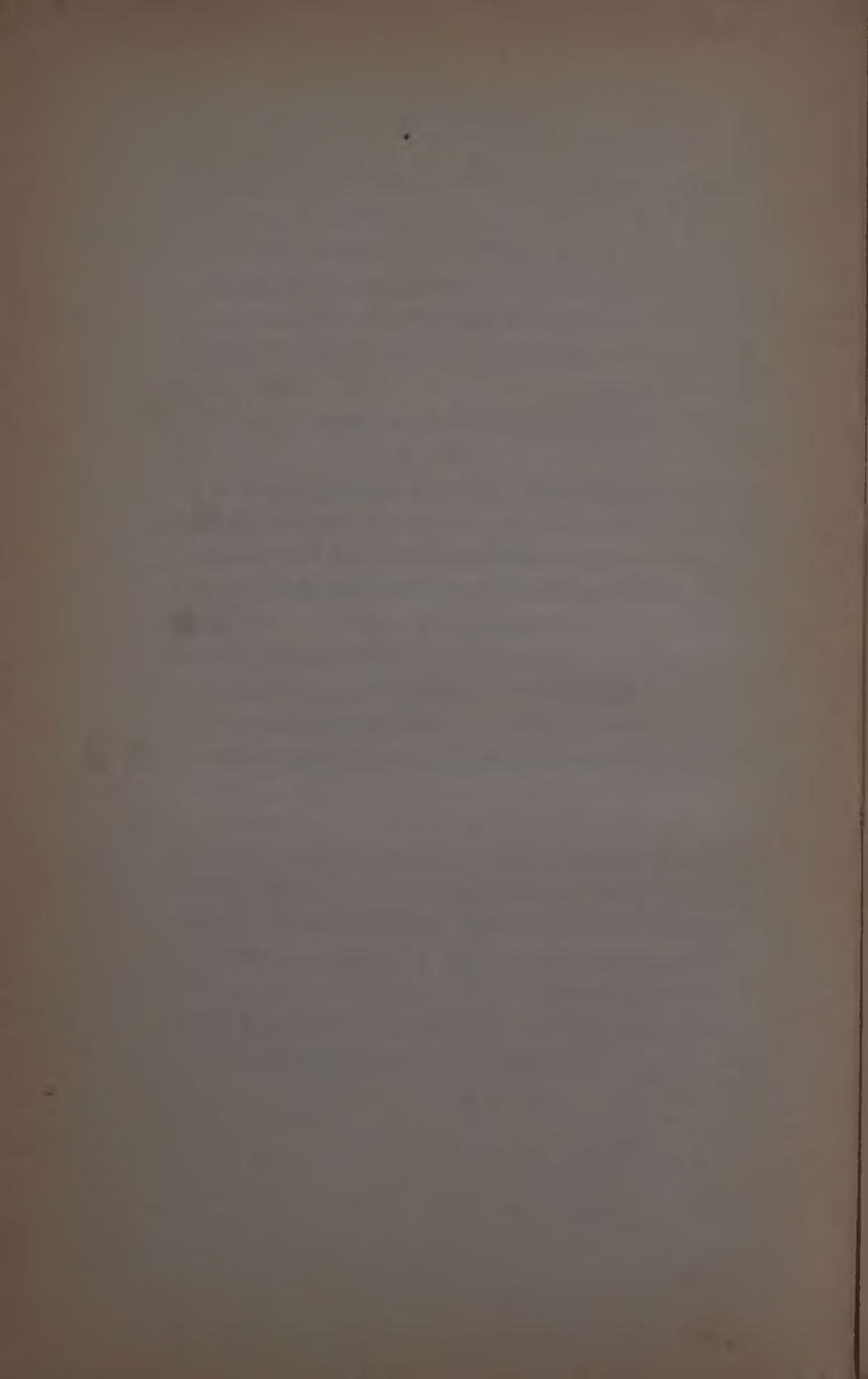
— Perdôo. Entretanto não podes continuar aqui.

O que succedeu foi uma fatalidade, mas eu dou por todas as indicações da fatalidade. Irás abraçar os teus. Tambem vou sahir de Lisboa, d'esta villa, com pretenções a terra civilizada e que só tem de civilização o peor: — alfobres de litteratos — genero-Miráz, gafaria de toda a ordem, a especular escandalos.

Vaes para Londres. Eu vou escolher um ponto retirado, á beira do mar, esquecer-me. . .

Na mesma tarde conversava Nuno com a Poetiza, ácerca dos episodios do dia. E combinavam ir os dois passar o outomno á Figueira, a viver o socego da praia, á hora em que os banhistas retiravam.

Nuno demoraria quinze ou vinte dias, a liquidar negocios. Maria Peregrina partia immediatamente.



## XIV

—Porque és tu tão esquivo aos meus affectos, depois da convivencia que temos tido? perguntava Nuno a Ruy, sentados ambos n'um banco de azulejo arabe, sob as lizandras no parque do Palacete Fóz.

— Vês a incondicional devoção que tenho por ti, como sei ouvir-te os casos mais estranhos da sensibilidade . . .

Senti o prazer amargo das tuas confidencias: — os amores innocentes com Paulina, aos treze annos; e as luxurias de dois annos de collegio com escolasticos e padres anemicos. Vis-te a cordura com que ouvi tudo, — sonhos e misérias adolescentes. Estimo-te como o destino te engendrou. Que prevenção é, pois, a tua contra mim? A cada passo sinto que me repelles . . .

— Sim, disse o Vagabundo, separa-nos a raça. Attribuo o mais das batalhas intimas aos fios de sangue nobre que me laivam o tempe-

ramento. Vejo mal as figuras de privilegio; como já te disse, só vivo os affectos que me não magoam. Não sei o que vale a amizade. Dou pelo interesse extranho, e raramente por uma ou outra figura de Belleza-humilde. Propriamente culto não tenho por ninguem.

Nem sei porque, seduz-me o teu espirito, mas vexa-me o teu affecto. E' um caso de sensibilidade, que nem apercebo bem. Mas não falemos n'isso. Conta-me os teus delirios com Peregrina.

— Sei lá o que hei de contar:— amarguras. Tambem nos afastam razões de sensibilidade. Diante d'ella, sinto-me abdicar de mim. Sou uma força que o seu amor explora. Goso e soffro segundo o seu capricho. Dá me um amor que me faz ganhar a eminencia de sensualidades supremas, e me despenha cégo ás minhas fraquezas, onde tropeço com nervos e hysterias. Um horror! Ainda bem que partiu. O mêdo que me causava!

Vou escrever a denunciar-lhe este mêdo e o proposito de jamais a encontrar. Doe-me a desillusão que vae sentir. Mas, deixemos isso...

Agora sou eu quem relega o assumpto que deste. Outro:— canta alguma coisa; quero ouvir-te. Pode ser o *Fado triste*...

— Vá lá, disse o Vagabundo, tangendo a guitarra que levantára da extrema do banco. E interrogando-se: Que letra hade ser? Será uma



velha *Cantiga*, a ultima que me ouviu Paulina, em Villa Alva. E, desviando os olhos de Nuno para os espalhar, num alem de reminiscencias, cantou em voz branda, os treze versos :

«Senhora, partem tão tristes  
Meus olhos por vós, meu bem,  
Que nunca tão tristes vistes  
Outros nenhuns por ninguém!  
Tão tristes, tão saudosos,  
Tão doentes da partida  
Tão cançados, tão chorosos;  
Da morte mais desejosos  
Cem mil vezes que da vida!  
Partem tão tristes os tristes,  
Tão fóra d'esperar bem  
Que nunca tão tristes vistes  
Outros nenhuns por ninguém!» (1)

Nuno fixava, perturbado, o Vagabundo.

— Vaes deixar abraçar-te, disse quando elle acabou.

— Não, contrariou Ruy, esquivo e já de pé, entornando o olhar verde pela folhada mysteriosa do arvorêdo . . .

E' tarde, vou sahir.

— Espera um pouco. E, dando por detonações, longe: — que é? ouço barulho . . .

— Deve ser o desabar d'um regimen, informou

---

(1) Cancioneiro de Resende. *Cantigua*, *partindo-se* de João Rodrigues Castello-Branco.

o Vagabundo. Já vês que não perdia o tempo enquanto conspirava pelas alfurjas, no segredo e abraço dos meus irmãos de crime.

— Ah! então conspiravas com essas figuras de patibulo com que ás vezes te via de braço dado, ás noites, pela rua? Tenho prazer com a confissão. Não sabia que um artista, como és, podia tropeçar em coisas politicas, e suspeitava das tuas companhias. Pensava coisas peiores...

O odio que me causavas quando te via encarar esses homens esguios, alvacentos, de torso recurvo, que o vicio planta nas esquinas, como postes de infamia, electrizando, vendendo-se á nevrose dos que passam...

N'um dia em que o teu olhar se misturou no riso d'uma figura assim, senti gelar a alma, todos os sentimentos no riso que te desafiou. Confundi-te com a larva que me pareceu essa figura...

Afinal, não podia ser; tu não podias dar-te áquelles farrapos.

Entretanto, intrigava-me, profundamente, o mysterio que encobria os teus serões.

Em que passavas o mais do tempo? Era o que me perguntava em vão. Como havia de suppôr-te a conspirar! Tu a urdires a desgraça d'um regimen!

Vem cá, minha creança. Deixa lá os regimens. Elles são o que valem; e valem os povos que inculcam.

Os povos são como as mulheres feias ; culpam os espelhos que lhes reproduzem a hediondez !

Alegra-te aquelle barulhar de cobiça ? Não é um systema que tomba. São as monarchias do Occidente — os povos que ellas inculcam, as tradições que resumem, tudo. . .

Mas que vale a quéda, se a Arte e os artistas ficam ! Não teem patria as grandes memorias. . .

Ainda te entretens com a cabala publica ? Para quê ? Qualquer quota de esforço que lhe dê te diminue. Comícios, revoluções, conjuras, que é isso ? Que valem, que entram ?

Nada. Uma nação moribunda a *fazer* phrases. . .

Coincidencia curiosa : — sonhei esta noite que tinha ido ao Paço das Côrtes, que não servia já o actual regimen, mas um outro. Entrei. Havia deputados e senadores, escolhidos d'entre a primeira gente e a ultima corja da nação — dispostos atabalhoadamente pela sala em carrara, granito e gesso. Vi-me afflicto entre aquellas figuras de museu politico, que mal conhecia, com quem não queria privar.

A um canto barafustava um velho a Elegia do passado. Era uma figura moldada pelo tempo em granito e gesso.

Subito, vi mexer o busto do Propheta, que estava ao centro do salão, — nariz em bico d'aguia, testa alta, rêpas finas e ralas. Jorrou

dos olhos redondos de mocho velho duas columnas obliquas de negrura, desfranziu a bocca de satyro, e falou assim :

— Nacionalidades ! Patrias ! mentiras de poetas. . .

Heroes são poetas de mentiras !

Systema latente é trapaça a chocar.

Videntes são loucos a sonhar, cegos a vender luz !

A Vida é o que cada um quer. Só a Arte vale, a Arte o fio — mestre da Vida.

Nacionalidades ! Patrias ! — mentiras de Poetas. Portugal ! Hespanha ! — Versos, trastes velhos !

— Não achas curiosa, Ruy, a coincidencia ?  
E como no fundo o sonho é verdadeiro.

— Sabes o que vae ficar, provisoriamente ?  
Quem vae governar ?

Não sabes. Vae ser um arremêdo do Grão-Lama.

Não conheces, nem imaginas quem seja ?

Vou explicar-te essa figura, já que não lês o Escriptor-santo, em cujas obras vem retratada.

O Grão-Lama é uma figura que os chinezes conceberam perduravel — um homem eleito Deus por uma casta da China antiga, rodeado de ritos, uncções e virtudes, substituído cautelosa e secretamente, apenas morto, por outro, semelhante em parecer ; no nosso caso se-lo á por outro

semelhante em manhas, até que o Destino funda providencialmente embustices e embusteiros, em sacrificio a uma civilização por vir. . .

O Grão-Lama do Occidente ha de ser um litterato que somme a Idiotia das academias, tenha a presumpção da visão dos tempos, e seja um mixto de Bandarra e Gongora, prenhe de muita democracia e letras.

Se era estã a figura que trabalhavas. . .

— Sei lá para que trabalhava. Sentia necessidade de privar, já te disse, com os meus eguaes, não se foge ás affeições que o Destino impõe. A affeição é do Destino. . .

O Destino pode ser a raça. A bem dizer, de politica nada sei, nem quero saber. A raça mandou-me suppurar na Politica o odio innato, viver na loja secreta o mais da miseria intima.

Ahi tens a razão da minha solidariedade com as revoluções. Sou affim de todos os que odeiam!

Ha pouco discorrias suspeitas sobre as minhas fraquezas. Exquisitos reparos! Que direitos podes arrogar-te a discutir-me? Convenho que repugne á tua Arte a minha predilecção pela Belleza-humilde, que me discutas como artista. . . Mas aventar alto sespeitas, a generalização de miserias intimas, provaveis! Nego-te esse direito, e d'ahi não responder precisamente aos teus reparos.

Em todo o caso quero dizer-te que no mo-

mento, curo sobretudo, de vingar principios, e no numero das liberdades que batalho entra a liberdade do vicio. É a prevençào do doente, que não sabe bem onde os nervos, a educaçào e as taras podem arrasta-lo...

— Adeus Nuno.

\*

\* \*

No dia seguinte passeava Nevogilde no gabinete de trabalho.

Parou por momentos diante de um contador, e esteve a afagar um gomil esguio e depois as curvas puras de dois boiões, pó de-pedra, esmaltados de flores de linho. Volveu a passear a diagonal da sala, e foi junto da secretária premir o botão da campainha.

Veio um creado.

— Ainda não chegou o mordomo? perguntou.

— Veio ha instantes.

— Que appareça immediatamente a falar-me.

Minutos depois entrava o mordomo.

— Tão grande demora? Recommendei-te pressa!...

— Ah! sr. Conde, estava a vêr que não dava com o paradeiro do sr. Ruy. Que a bem dizer, mais valêra não trazer noticia alguma. Sei quanto V. Ex.<sup>a</sup> se interessava por elle! Coitado...

---

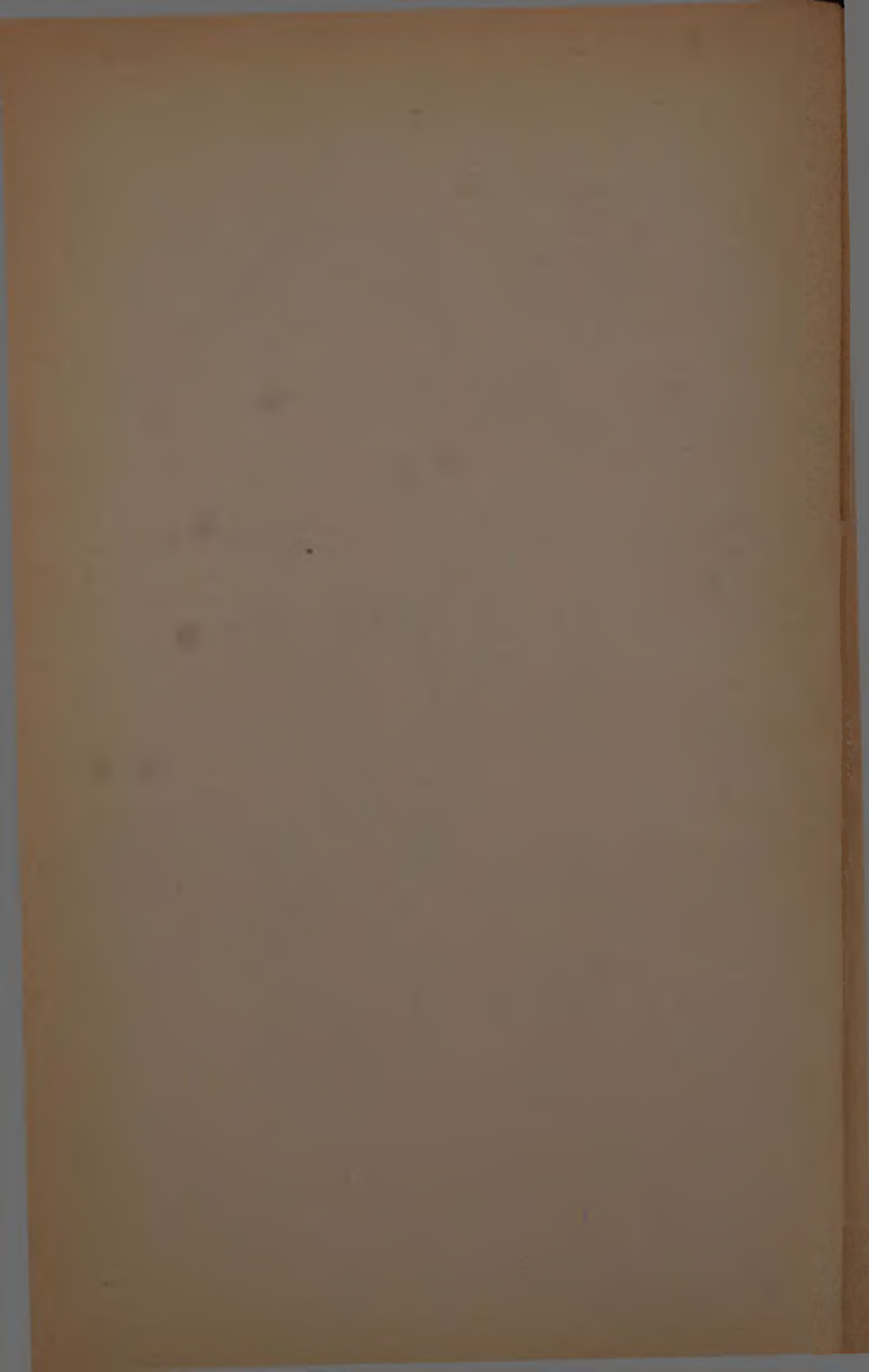
— Está doente ?

— O sr. Ruy, disse o mordomo sereno, morreu ha poucas horas . . . Cahiu ás primeiras balas das tropas fieis, junto ao monumento da Restauração, na Avenida, entre outros revoltosos . . .

— Sae, disse Nuno, succumbido, cahindo sobre um *fauteuil*.

---





## XV

Maria Peregrina, que chegou á Figueira muito fatigada e neurasthenica, no começo de outubro, foi installar-se na pequena vivenda de Mira-Mar — á extrema da cidade.

Passou os primeiros dias n'um torpôr de contemplativa de quem mal dá pela vida externa.

O mirante e alegretes da Mira-Mar eram pontos de vôo á sua imaginação doente para um paiz de bruma, que nem bem sabia onde era, e a bem dizer só existia em si propria.

Esse paiz era ella mesma, nevoenta como o espirito que o creára, para si.

De Mira-Mar avistam-se as terras barrentas do Cabo Mondego a morrer na agua, o lindo casario da serra, branco e religioso como um systema de ermidas, bellos poentes, tudo o que o abraço do mar e da serra pode dar de grande como expressão de paizagem voluptuosa.

Do Mirante distingue-se, nitida, a linha do Cabo que lembra as navalhas recurvadas que usa a gente do norte, e em que o mar figura como uma lamina, resplandecente de sol a certas horas.

A paizagem da Cidade, rica de luz e notas imprevisas é das que mais convidam a noviciar amores.

Mas Peregrina, crestada pela vida, muito oxydada d'alma, passou os primeiros dias do outomno recolhida n'uma rememeração de si propria, que nem o mar, nem toda a belleza da terra seriam capazes de delir.

E, no entretanto, havia uma grande affinidade entre ella e o tempo.

É que reflectia o outomno na sua physionomia de sombra, vincada de traços melancholicos, que signalavam uma belleza de occaso, especie de imagem de marfim antigo, a viver o crepusculo d'um idolo abandonado . . .

Aquella physionomia, talhada em sombra e chamma suave, não era já o involucro, a mascara; era a mulher toda — a alma a esbater-se em luz de outomno.

Na segunda quinzena de outubro fez-se-lhe no espirito alguma trégua.

Sahia ás tardes a percorrer a praia, embevecida no scenario discreto da linda terra de pescadores.

Aves marinhas andavam aos bandos, mistu-

rando o som rouco da sua voz á voz da agua inquieta, e esvoaçando sobre o mar que parecia uma geleira arada, muito riscado de fitas brancas, ondas regulares, certas, espreguiçando-se, com volupia, n'uma luxuria rhythmica.

Bandos de raparigas e rapazes, quasi toda a adolescencia morena da praia, affrontava nua o mar, confundindo a sua carne côr de mel com as vagas serenas d'aquelles restos de oceano.

E Peregrina, d'olhos fitos n'aquellas formas, batidas pelas ondas — vivia então aquella belleza em massa, muito irmã em amor d'aquelles bronzes que para alli boiavam doidamente, sentindo n'alma aquelle mar, aquelles corpos humidos e macios, tudo . . .

la ao outro lado n'uma bateira branca até aos areaes de Lavos, muito sensivel á musica dos remos, espadanados por dois moços fortes.

Tardes côr de graphita.

Era á hora em que as gaivotas, as rôlas e as negrelas põem accentos circumfléxos na tarde, limitando a altura, n'um sub-céo de azas.

Passava horas nas praias fronteiras á Figueira, esquecendo-se.

O mais das vezes deixava-se dominar por aquella belleza de chromo, e vivia as cambiantes do céu de outubro, d'uma belleza intima e serena.

Nuvens côr da terra accrescentavam o Cabo até ao Sol que primeiro se projectava em am-

phora de luz, e depois morria n'uma braza a boiar no mar.

Já noite, tomava um remo, ao lado dos moços da bateira, e ahi vinham todos, muito certos e irmãos n'aquella labuta embaladora — d'olhos fitos no pharolim — que se ergue entre o Mondego e o oceano — um polyedro verde que lembra um pedacito de mar-esmeralda, gelado para nortear noctivagos da agua.

N'algumas tardes ia até á explanada, junto do Forte, para sentir a maré contra a muralha e avistar d'ahi o recolher do sol.

Passava o tempo a ler as côres em que se dispersava o dia — as tonalidades rôxas que preparam a passagem para a treva.

Marca a extrema do Cabo o casario da mina e o pharol alçado em redôma.

Noite alta, mandava o pensamento em derrota pela agua, e figurava-se a passear por entre as arcadas da mina ou pelas escarpas do fim da serra.

Vieram as chuvas e as primeiras tempestades.

A Figueira, no verão tão cheia de luz, veste de escuro o outomno. Amanhecem os dias um céu de cinza que pouco e pouco melancholiza e adoece os campos.

Abrem-se em agua a cada hora nuvens de chumbo, emquanto o vento revolta a paizagem, arremessando a agua e escramalhando as pedras, a areia e os ramos.

Em tardes de granizo e trovoada, quando os elementos se assanhavam, Peregrina recolhia ao Mirante a vive-los de perto, emparedando-se ahí como n'um biombo de vidro.

A tempestade, aquella agua batida, a dispersão electrica do fogo das trovoadas, davam-lhe impressões que se casavam muito aos estados da alma em desarranjo.

E então ella, nostalgica das tardes da Grecia, procurava viver uns trêchos do passado; e, fazendo do Mirante um arremêdo do *Templo d'Amor*, mandava vir adolescentes dos mais formosos, fundindo-se com elles n'uma tempestade esteril, ás tempestades de fóra.

Juntavam as vozes em orpheon, cantando as modas creadas pela toada undisona e suave da bahia. A' beira do mar tudo condiz: — a voz das aves, o canto rouco da marinhagem, a surdina do mar.

Mas os arrancos da trovoada abriam clareiras n'aquella toada de porão, pois que as creanças a suspendiam a espaços, agoirando castigos.

Os relampagos, que pareciam abrir o vidro em letras chinezas, quebravam em linhas de fogo contra os bellos corpos de topazio.

Havia sempre na ronda um predilecto com quem Peregrina trocava especiaes lascivias, ineffavel de sensualidade. . . .

Illuminada pelo fogo d'uma paixão inconsumivel transfigurava-se, fundindo a alma em corpos

eleitos que vestia de delirios em dispersão de beijos. Beijos mudos, impressivos e rubros como a alma que os mandava, parecendo romper a seda-lacre dos lábios que os imprimiam . . .

Entretanto as dansas continuavam, como um pretexto de enleio d'aquelles corpos atarantados, rematados por faces pallidas, esbatidas de penumbra, de risos brancos e gelados - inculcando o torvelinho a que se entregavam por mero capricho d'uma artista louca.

la para o mar n'um yacht oriundo dos estaleiros de Portsmouth. Vivendo na attracção dos perigos, sahia de preferencia em horas de tempestade, pondo á prova a coragem dos companheiros, em geral éphebos nauticos.

Era em dias em que o mar respira fundo, erguendo-se em violencias de desæjo.

As ondas, que na praia são rolos brancos a morrer em torvelinhos de cataracta, tomam na barra a expressão aguda de fundos verdes, quebrados, de garrafa, esfarrapando cambraias.

Seguia o Yacht, côr de turqueza, desenhando letras de alfabeto liquido, mysterioso.

E Peregrina, muito casada pela alma áquelle tumulto verde, ia afogando pensamentos no remoinhar de agua em desespero.

O Yacht, ora arremettia contra as ondas, despedaçando-as, ora as subia suavemente.

Se subia, era arfante e lento, n'um rumor de



dyspnéa que attingia o alto d'aquellas cordilheiras d'agua. Ao desce-las quasi cahia de chofre, sacudindo e batendo os corpos da tripulação extranha.

Cada onda que partia espiralava alto camarinhas de leite que morriam n'um véo sem côr.

Nos postos, os da tripulação systematizavam o trabalho aos signaes do mestre.

E Peregrina da camara rôxa de crystal que simulava na amurada uma amethysta, ia seguindo e vivendo aquellas violencias, anesthesiando-se em ondas de som, crente de que aquella instabilidade a destinâra, para o seu caso, o Deus das almas que lhe pedem esquecimentos.

Animava-se a barra, e havia lugres, escunas e yachtes a solicitarem para terra a intervenção da pilotagem.

Peregrina, que conhecia o significado das côres, lia de prompto as bandeiras alternadas nas barcas, senhoreando-se do programma de manobras.

Seguia com interesse aquella faina á procura de incidentes, aliás vulgares.

Assistia ao arranco das ondas, despedaçando de raiva os troncos de corda que a'avam as barcas aos reboques. Interessava-a o espectáculo d'aquellas refregas.

È então que a marinhagem se méde com o mar, e amargura as intimidades do mar, gosadas em marés suaves . . .

As ondas empoadas, atravessando as barcas, abraçadas em docéis de espuma, quebram dentro os seus abraços. E as barcas, escramalhadas, apparecem, desaparecem, nas diffeças d'agua, que ainda ha pouco era planicie e de prompto se abriu em sulcos de quebrada e montanhas de cordilheira movediça.

Segue a labuta da marinagem em litigio com a agua.

As tripulações enxergam ao largo leguas de terra; e, apesar de correrem perigo de abalroar, não se vêem.

Lançam os do reboque a nova amarra a cada aproximação das barcas; e a amarra, que fluctua na agua em traço d'oiro, colleia, desmanchada, as cristas das ondas que a retorcem e simulam enguli-la n'uma raiva doida.

Singular belleza que empresta tumulto ao animo, e só é tragica através de almas pequenas!

Não têm almas pequenas os marinheiros que falam alto para que se entendam, e para que o mar os entenda.

A meio da faina, passada entre um cyclone extranho, de odios e orvalhos transparentes, ha grita da tripulação. Mas esta desordem é suggestão do mar. É a voz de quem vive o elemento, syllabando forte, em ondas roucas, a linguagem da agua.

Afinal lá vingam atar de novo a amarra. Soa

o grito aspero da sereia do vapor, abrindo notas de falsete na tempestade.

E as barcas uma a uma lá vão transpondo a barra

Se a tempestade acalma, céu e mar invertem-se nos tons : — o mar simula uma caixa azul, em em que o céu branco, fôfo de brumas, tampa o espaço.

Chega a noite, passando a sombra as figuras tragicas dos maritimos. Aves longas flecham o espaço em traços rectos. Patos bravos, em bandos negros, como gondolas á ventura, regres-sam ás aguas fundas.

Peregrina regressava ao caes. Era á hora em que os lampiões dos molhes zebavam de luz a ultima agua.

A Artista ia sahir ao molhe do nascente, junto ao candieiro rôxo.

E era ahi, áquella luz de alecrim, sob o docel mysterioso do arvoredado, que despedia os companheiros, recolhendo cêdo e só a Mira-Mar.

\*

\* \*

Recebia cartas de Nuno de quando em quando. E escrevia todos os dias.

Elle, sem coragem para dizer o seu tormento, mentia por cobardia, e ainda por amor d'ella.

Contemporizava. Ella, sentindo as sombras

da antiga tristeza, curava de illudir-se, enchendo o tempo com passeios e ritos de velhos cultos. Entretanto chegaram novas de Lisboa e do Mosteiro.

Helen tinha resvalado ao ultimo degrau da torpeza, fugindo do marido para ir viver n'um pateo escuso com a *Manola*, uma creatura da peor especie, marafona e bebada.

O marido pedira transferencia para uma legação de inferior classe e sahira penitente das vergonhas da mulher. Assim o annunciavam os jornaes.

A Salomé dava-lhe parte do casamento proximo. Resvalára aos braços do lente Amaro, avido de cevar a sensualidade erudita n'aquella loira de carnes brancas e pennugentas, e prompto a embolsar os duzentos contos que tinham ficado dos Pamplonas — em terras e inscrições.

Maria Peregrina via fugir tudo o que a prendera, á excepção de Nuno.

Concentrava no amor d'elle o culto intimo. De resto ia entretendo a carne. A sua imaginação vestia a Figueira dos encantos de Phalero. E no mais das horas ella era a *Nova Sapho* do Poema. . .

Mas, ao mesmo tempo que sentia o correr dos dias, via avisinhar-se cada vez mais a antiga melancholia — uma tristeza que mal explicava.

Uma tarde conduzia pelo braço, segundo o

costume, monsenhor Andrada até o eirado emi-  
nente ao mar.

Seguia-os Jacob com duas cadeiras leves,  
fechadas.

O ataxico movia as coxas com esforço, ati-  
rando ao acaso as pernas de fantoche, dondas  
como travesseiros de moinha. Sentaram-se os  
dois, o padre muito amparado por Peregrina.

— Sabe, disse esta, que escrevi ha duas noi-  
tes o meu testamento? Posso morrer breve. . .

— Suggestões da minha miseria, disse o Mon-  
senhor. Eu hospédo metade da morte. Sou o  
caixão de metade do que fui. Lembrou-se da  
morte por minha causa. V. Ex.<sup>a</sup> a pensar em  
morrer, uma creança! A morte é para velhos  
doentes, como eu.

— Engana-se. E' facil morrer, sobretudo  
quando temos o culto da Morte. Entendi que  
devia empreitar obras póstumas. Vou ler-lhe  
a minha ultima vontade. E, desdobrando uma  
folha de papel azul, leu:

— Eu, Dona Maria Peregrina Alvares de Lo-  
rena e Villa-Verde, filha de Dona Maria de Lo-  
rena Eannes de Castro e Villa-Verde e Dom  
Antonio Alvares Muito-Nobre de Leite Moniz  
e Sá, natural do Mosteiro, cidade de Guima-  
rães, resolvi fazer o meu testamento pela forma  
que segue:

Primeiramente elevo a alma a Deus, sagrado  
em si e nas minhas desventuras; foi reflectin-

do-o, que soube sentir a majestade do Infortunio. Que ninguém cuide dos meus funeraes; o acaso os cuidará.

Dos bens de fortuna disponho assim:

Lego o usufructo de cem contos de réis ao antigo prior do Mosteiro — Monsenhor José d'Andrada, presentemente em minha companhia.

A' sua morte passará este capital para o meu procurador José Lourenço e mulher, ou para os filhos, se estes não sobreviverem ao usufructuario.

Lego o usufructo de cento e cincoenta contos ás minhas antigas condiscipulas Helen Green, residente na Mouraria, em Lisboa; e a Violet Ioung, actualmente em Londres.

O capital passará á morte da ultima para a administração de Petersfield, Inglaterra, que pelo seu juro creará uma aula de musica com a designação — Instituto-Edgar, destinado a adolescentes musicos.

Lego cincoenta contos aos creados que me servirem ao tempo da minha morte, e vinte e cinco contos ao anão teutão Jacob.

Finalmente, faço minha herdeira a cidade de Coimbra para que liquide a minha fortuna, resto das maiores casas da Peninsula, e faça construir uma grandiosa Escola d'Arte grega com a designação — Parthenon do Occidente, tendo na fachada os symbolos heraldicos de Portugal



e Castella, cujos desvarios e sangue represento.

Haverá annualmente premios para os dois adolescentes mais bellos do Parthenon. Serão eleitos pelo collegio dos alumnos da Cidade. O premio destinado ao alumno eleito designar-se-á — Edgar, em homenagem a um antigo companheiro de Petersfield; o outro chamar-se-á — Helen, em memoria do meu antigo culto por Helen Green.

Faço meu testamenteiro a D. Nuno Alvaro de Sousa e Villar, III<sup>o</sup> Conde de Nevogilde, natural de Traz-os-Montes, escriptor, actualmente em Lisboa, a quem offereço as minhas obras, á excepção do Poema que vou urdir, e desejo fique no Archivo do Parthenon. Na sua falta zelará as clausulas d'este testamento a Municipalidade de Coimbra.

*(Segue a approvação, e assignatura das testemunhas e testadora. Foi rubricado nas trez folhas).*

Quando Maria Peregrina acabou de lêr o padre soluçava.

Ella passou-lhe a mão pela cabeça encanecida e disse-lhe n'um sorriso triste:

— Chora antecipadamente a minha morte?

-- Não: abenço em V. Ex.<sup>a</sup> a mulher sagrada por toda a especie de tortura. É preciso ter soffrido para subscrever um testamento assim.



Sou insuspeito. Irei adiante para informar o Céu dos peccados dos *honestos*, e das virtudes *peccadora*, segundo o mundo. E preciso pecar muito para ser bom... Mas quando tivesse de ficar, não podia receber o que V. Ex.<sup>a</sup> me lega. Apesar de relapso segundo a Igreja, considero-me da Igreja. Sou frade. Não infringirei o voto de pobreza. E' tão facil ser pobre!... Ah! assim eu pudesse ter honrado o outro, o da castidade. Mas não, não podia; Elle, onde quer que esteja, ha-de ter assistido á tremenda lucta que me prostrou...

Emfim, uma herança recebo eu, que essa não m'a veda a Igreja — os carinhos que V. Ex.<sup>a</sup> quer pro elar além da morte.

E soluçava ainda, abalando a cadeira leve.

Na extrema do eirado, Jacob, de pé, firme, n'uma mudez de esphinge, e attitude de deus-Termo, fixava o olhar amaréllo-metal sobre o collo alto de Peregrina. E dos seus olhos de azeite, exiguas lampadas de altar-mór, expedia filetes de luz d'uma melancholia lubrica e mortíça.

O padre e Maria Peregrina conversavam...

---

## XVI

Certa manhã, lia ella sob os loureiros, uma lenda scandinava.

Era uma lenda triste e prophetica, como o genio do Norte. O vento ramalhava as pernadas seccas de louro, crepitantes como ralas. A paisagem era d'um rôxo delido, melancholica como a lenda, como Peregrina.

Chegou Jacob com a correspondencia. O sol, até ahi hesitante, desapareceu mysterioso.

Peregrina encarou a altura. Depois, descendo a vista, pareceu-lhe ve-lo na salva d'oiro que Jacob segurava, cheia de cartas.

— Deixa vêr, disse impaciente. E, apartando a de Nuno pela lettra: — leva o rest'o.

O anão expressou um *rictus* novo na physionomia de pergaminho, sublinhou o olhar de bilis com um riso branco, e sahiu a caminho do alpendre.

Maria Peregrina abriu a carta, sobreexcitada, nervosa. Leu-a, releu-a, espectrou os mais desen-

contrados movimentos d'alma, e quedou, muda, por muito tempo, a olhar para as pernas secas de louro, mysteriosas, crepitantes. . .

A carta, dizia :

Peregrina :

Repugna-me continuar a mentir. Não posso mais procurar-te. Beijo as ultimas palavras da tua carta, que denunciam um amor que jámais alguém teve por mim. Mas o proprio enthusiasmo d'esse amor me atemoriza, do mesmo passo que me lisonjeia. Eu sou a contradicção de tudo — de mim mesmo. Acquiesço com a razão aos que me querem; mas só amo os que me desprezam. . .

Tu comprehendes-me se olhares para dentro de ti, porque fundamentalmente somos eguaes. Cada um de nós é o abysmo de si proprio.

Chamavas-me outro dia, no amor dos maiores delirios, o teu Phaon. Ah! como eu visto de razões o proceder do desejado da antiga Sapho! De razões, quero dizer de fatalidades: — o amor nada tem com a razão. E' o Destino, a loucura. E' o Deus e o Demonio que temos em nós, rompendo livres, indifferentes aos nossos gosos e torturas. E' a fatalidade a entruddar com o sentimento.

Ao despedir-me de ti, não tenho uma palavra de conselho. Nem sequer insinuo que te consultes a ti propria.

O mais da vida está acima e abaixo dos superiores: — a bem dizer n'outra esphera. Pois que somos a essencia d'ella, alando-nos pela Dôr, não podemos entreter esperanças em expedientes. Tratar casos de supersensibilidade com as cabalas que a vida fornece, o mesmo é que utilizar a materia a remediar queixas da alma, no fundo a aggravar dôres insophismaveis.

O mundo tem revolvido tudo. E, no entanto, a sua especulação erudita ainda nem sequer chegou a converter em dogma a Liberdade moral.

Nós, que ha muito conquistamos esporas de ferro em materia de Desgraça, é que sabemos até onde pode ir a nova sciencia por crear — a *Philosophia sensual*.

Quero dizer, nós é que sabemos como o mundo de hoje é ridiculo, quando pretende subjugar a alma! E' que vivemos na consciente e superior ignorancia do mais que somos. Para mim, passou o tempo em que acastellava illusões. . .

Presumo que seja um pouco do que reflecto nos livros — um museu de bellezas mutiladas. Tu eras irreprehensivelmente perfeita no conjuncto bizarro das degenerescencias, para que me pertencesse e te pertencesse. E, entretanto, jámais gosei soffrimentos como os que me deste nos teus abraços.

Ah! porque me não matou o delirio das nossas hysterias, quando nos confundiamos na fo-

lhada exotica da Villa-Feia, abrasados de volupia!

Ha pouco me interrogava eu ácerca do teu amor, do nosso amor. . .

Fui ver-me ao espelho. Encontrei a silhueta do que fui na adolescencia.

Reconheci o rapaz de ha dezeseis annos, sombreado pelo tempo — a idade de hoje.

Vi ainda nos olhos a negridão da minha antiga virtude atarantada, imprecisa, a procurar o céu na continencia, e a sophismar sensualidades na oração; volvi-me ao tempo em que fitava os idolos com os olhos da carne, gosando-os com a alma, lubrica de sonho. . .

Sou o mesmo mysterio sensual, medroso e desequilibrado: — reflecto, impotente, n'um mar de desesperos, um mundo de desejos.

Ora, tu soubeste exaltar estes desejos, assaliar-me, de chofre, os nervos, vibratiliza-los...

Mas foi então que dei por forças intimas, que augmentam os meus receios. Sei lá se ainda tenho nervos á espreita! Que seria de mim? . . .

Põe na imaginação braseiros de incendio, brancuras e frios de nevada, asphyxias, essencias de requinte, torturas e suavidades religiosas, harmonias bízarras de harpas, psalterios e violinos, saltos macabros de demonios intimos, visões, o Céu, o Inferno, e terás uma parte do que me fizeste descobrir áquem de mim, da minha fraqueza.

Eis um pouco do que tecia o extranho dos nossos amores. . .

Emfim, não podemos mais encontrar-nos !

Perdôa a sem-razão d'estas linhas, na logica d'uma razão que sinto pelos effeitos, mas que não apercebo bem : — a tal fatalidade que nos juntou, a fatalidade que nós afasta.

Adeus, Peregrina ! Esquece-me.

Do

*Nuno.*

Passou uma hora, sem que ella se levantasse.

A manhã sangrou uma chuva miuda, porque mal deu, meia occulta pela ramaria, abstrahida dos caprichos do tempo, n'uma contemplação dolorosa.

Veio um creado lembrar que era a hora de dar o braço ao Monsenhor, que recolhia do alpendre.

— Lá vou, disse. E sahiu a dar o braço a Andrada.

D'ahi a momentos caminhavam os dois muito collados e oscillantes. A distancia, mal se extremava o doente.

Symbolizavam as carcassas de dois poderes que o habito juntára, e agora somnavam fraquezas. . .

No poente, uma nuvem escorria agua. Do norte, um arco-iris desdobrava as sete côres. E o povo dizia, sahindo ás portas dos casaes : — E' Deus que está de bem connosco.

E, levantando as mãos:— Louvado sejaes, Senhor!

E Maria Peregrina, em blasphemia suave, encarando o arco:— Deus em alliança com os homens n'esta hora, que ironia!

\*

\* \*

Sahiu da carruagem, demorando cerca de uma hora. Ao chegar, o trintanario desceu do *coupé* varios embrulhos, que levou ao Mirante. Peregrina conversou por espaço de trez quartos de hora com Monsenhor Andrada. Depois abraçou-o, commovida. Só nos veremos tarde, disse, vou escrever. . .

A's quatro horas tomou uma refeição leve, e avisou:

— Que não vá alguém interromper-me. Vou trabalhar.

Noite alta, trepava Jacob pelo gradil do nascente, que cerca o Mirante, ganhando o peitoril da janella, fronteira ao Mondego.

Sobre um pequeno buffete renascença, pousava um pergaminho mal enrolado, que pendia até meio da armação boleada.

Jacob, muito confundido com a noite, cauteloso de que as trepadeiras que vestiam o Mi-



rante barulhassem a sua presença, quedou, n'uma estabilidade de simio mal accommodado, esgarçando os olhos á procura de Peregrina.

Ella estava de costas para elle, que a via mysteriosa, mexer uma mascara, de applicação desconhecida, vasando ether sobre pastas de algodão.

Pelas frestas da janella xadrezada, mal colada ao peitoril, sentia Jacob o aroma estonteante do liquido extravazando.

Subito, viu-a deixar o contador alto, e recostar-se sobre um canapé João V, cujo estofado de braza, lhe illuminava a figura marfilenea, vincada de sombras. Recuperára a antiga postura fidalga.

Os traços de amargura, que lhe tatuavam a physionomia, não lhe venciam a raça: — era a mulher fraca, simulando força. Tinha o aspecto de quem despreza a vida; cumpria um destino. E, ainda no seu cumprimento, ostentava restos de vontade.

A sua figura desbotada, mantinha-se como n'um tablado, como se tivesse de dar contas a si propria. Nem vigílias, nem dôres tinham conseguido diminui-la.

Pelo contrario. A artista parecia vigiar a mulher.

Preparava-se para morrer. Mas o instincto, e o habito da Belleza, velavam a sua figura estatual, suprema de altanaria.

Ondas fluidas, forças aeriformes, enchiam aquelle quadrado de crystal, em parte opaco pelas folhas das trepadeiras — agora leve como uma aza. Tudo alli parecia voar. . .

Ella diaphana, n'uma transparencia de visão, segurava n'uma das mãos a mascara que tinha como que á espera, do mesmo passo que applicava ás narinas brancas, compressas humidas d'ether.

E a bocca, da cõr das farripas do algodão, delia-se em risos de madrugada, expressões de sentimentos sobrenaturalisados.

O ether, fluindo livre, parecia vaga-la pelo espaço; arrebatava-la pela altura. Mira-Mar, era já uma camara alada. . .

Subito, sentiu um repelão forte na janella estreita do lado do Mondego. E, a seguir outro, que lhe partiu a fecharia, escancarando-a.

Uma lufada de vento dispersou, rapida, aquella atmospha de morte e sonho. E Maria Peregrina, como que voltando d'um mundo de nevoa, encarou, somnambula, o anão, que cavalgava, audaz, o peitoril da janella, com a cabeça rente aos lados da ogiva.

— Que fazes? perguntou n'uma voz de surdina, que parecia magoar-lhe os labios de lirio pisado.

— Venho impedir que te mates. Ao menos, concede-me esse direito. E' o direito de quem abdicou de tudo, desmentiu até hoje a raça.

passando de nomada a escravo, muito de vontade.

Eu sei que tens tido amarguras. . . Ainda esta manhã *elle* t'as causou, a ponto de resolveres esta loucura.

Estamos sós. Deixa-me falar á vontade. Era como exigias que te falasse quando sophismavas o amor commigo. Não é o anão, o rafeiro nomada quem fala. E' a alma que a natureza acobertou n'um corpo infame ; e que, no entretanto, abençõa a sua forma só porque ella foi alguma vez bem possuida.

Na logica dos teus desejos eu fui o histrião e o tapête. Tudo, até mulher dos teus amantes ! E ria, n'um riso de metal. Hoje, do mundo só te acceito a ti. Cabe na minha humildade o maior rancôr.

Dizias que vestia animo de lobo em pelle de ovelha. Pouco me importa hoje que me descubram o animo.

Odeio o mais da gente ; e sobretudo o odiava a *elle* que, recebendo-te corpo e alma, te vexava e me vexava, tratando-me como um farrapo. Imagina : — dizia procurar em mim a alma do pintor, que lhe despertára vícios adormecidos ! Como era immundo ! . . .

— Cala-te ! Vae ! Quem te permitiu a entrada ? Sobretudo quem te permittiu que viesses discutir Nuno ?

Não te condemno ; a tua intelligencia é mal-

dade e a maldade um facto como qualquer outro...

Acredito o que insinuas — que se serviu de ti n'um capricho sensual! Que mais vae que se servisse elle ou eu?

Como és inferior! Entraste miseravelmente n'uma liturgia que não merecias.

A materia é una, percebes? As almas é que são differentes.

Pois que os superiores não encontram as almas que procuram em corpos bellos vão até vasculhar as dos monstros...

Não pudeste comprehendê-lo. Foste o demonio a cerimonia de religiosidades, a vibora enroscada, que elle, o superior desvairado, tomou por uma flôr exotica e quiz colhêr...

Deixa-me! Sae! e apontava-lhe de novo a janelle. Já!

— Espera um pouco: — olha que estive ha horas com elle, e ria n'uma contracção de possessão. Has-de querer novas, vou dar-t'as.

Mas antes quero contar-te um sonho. Sonhei a noite passada um crime.

A imaginação da noite vestiu-me o somno de delicto. E eu não tomei o delicto como pesado, senti-o como um bem...

— Ris da exiguidade do meu corpo! Pois não imaginas como é grande o odio que arrasta! A tua philosophia permite o genio do mal. Pois que sou o avesso dos felizes — o animal

corrido pelos sobejos do bem — sinto-me a expiação de extranhos crimes, e é por horas tardas que o instincto do delicto surde e me embriaga em sonhos de morte. A noite é a camara escura onde revelo os perfis tragicos das victimas, que são todos menos tu!

A noite passada foi *elle!* Estavamos na Villa-Feia. Lembras-te do eirado que domina o Ribeiro de Cobre? Foi d'ahi que o vi contigo, d'aquella Eira de Vidro, d'onde tanta vez espri-tei os vossos enleios, d'uma luxuria que eu sentia cá em cima esporeado por infernos de ciume. Vós estaveis sob o docel fresco e branco das magnolias . . .

— Cala-te! mandou Peregrina.

— Ah! não queres que fale; calarei as novas que te trazia d'elle . . .

Não acreditas que tenha estado com elle? Afirmo-t'ó, juro-t'ó. Juro? Como heide jurar, se não tenho religião alguma!?

Creio que sou o unico assim, em todos os mundos. Até o demonio tem a sua, pois que é proprietario do Inferno, precisa tambem de cabalas para explorar, negociar almas.

Eu nem inferno tenho! . . .

— Jacob! se sabes alguma coisa de Nuno, dize. Mas não me atormentes.

— Vou então completar o sonho. Eu beirava a eirado da Villa Feia, encostado ao galho meio pôdre, metade florido d'um medronheiro de mui-

tos pés d'altura, testemunha dos meus zelos. Subito, o ramo partiu, e o Destino precipitou-me sobre os dois, sobre vós. Tu mergulhaste na agua suja do Ribeiro de Cobre que foi rapida levar-te ao Douro, que no dia seguinte era mais d'ouro, correndo como um grillhão immenso para o mar, conduzido por força mysteriosa. Horas depois, eras o Mar! . . .

*Elle* ficou na minha frente, mudo e estúpido, como a Innocencia que o Destino empreita para fazer mal.

Foi então que, desesperado, o retalhei com uma lamina de aço que recebi do momento. Quem m'a deu? Não sei. Ninguem . . .

E talvez fosse prenda do Destino que lhe deu a elle a passividade que te servia e me despenhava!

Fosse quem fosse, certo é que lhe bebi o sangue, inundei-me d'elle, sentindo-me afogar . . .

A vida partia, ia morrer. Sentia no coração uma *rhythmía* extranha. Phantasiava já um cortejo de velhacos, conduzindo-me em caixotim de pinho para o cemiterio dos criminosos em Plootzenseel. E eu a pedir-lhes que me levassem no cofre de ébano das tuas joias, aquelle cofre onde uma vez me metteste, a rir . . .

E, a um gesto d'ella: — espera! Depois acordei; foi para cumprir o sonho.

Encara-me bem! Assim . . .

Os sonhos são avisos do Destino. Esta manhã recebi recado secreto para ir falar-lhe.

Fui. Simulei a antiga passividade. Vinha miseravel de abatimento, saudoso do Vagabundo, que no seu orgulho de humilde jamais se deixou possuir por elle. Vinha suffragar commigo a paixão pelo artista, morto providencialmente n'uma lucta de pretextos, no momento em que o tempo batia para a vossa Historia a hora indecisa . . .

Pois que eram differentemente gafados não podiam entender-se; distanciava-os a casta. Pois que era um monstro, eu não tinha casta! . .

Aprazamos o novo encontro á beira-mar, junto ao Forte, perto da gruta. Era ahi que o fidalgo queria ainda usar o farrapo!

Vinha delir saudades do pintor, cevar-se immundamente no monstro, contractado pela amante para servir os dois! . . .

Mas enganou-se. Em Villa Feia, dobrei-me a todo o enxovalho da sua vileza, porque elle era uma parte de ti propria. Eu era o teu escravo; servindo-o, servia-te: — entreguei-me.

Mas aqui, depois de despedir-te, de te enganar, commetter a abjecção de me preferir a ti, que vales um mundo de Belleza! Eu, mulher do homem que mais detestava e rival da mulher que adoro — do meu unico idolo! Era muito, era mais do que tentar a Deus porque era tentar um monstro! . . .



Ah! elle não sabia, os superiores como os infimos não sabem, o enigma que a fealdade encerra!

— Que fizeste Jacob? implorou Peregrina. Dize!

— Que fiz! e, encarando-a a rir, — cumpri o sonho; adquiri uma lamina com que sondei o coração que te affligiu e me vexou.

Lá está na areia! Ficou-me num abraço...

Sinto ainda saudades do sangue que lavei para vir falar-te.

Bello noivado na praia — o do monstro com o fidalgo!

— És a fatalidade! disse Peregrina, correndo a abrir o Mirante. Não podias faltar ao ultimo acto da minha vida.

E's imagem do monstro que fui tanta vez!

A nossa distincção está em que eu puz a indifferença onde lançaste o odio.

Vejo entre nós o corpo branco de Edgar, tatuado de fios rôxo-lirio. Vejo-o, tão lindo! Elle perdoou-me, o Destino é que não... Como sempre tenho a consciencia serena, embora o coração me dêa...

E rapida, n'um passo incerto, sahiu do Mirante, desceu pela azinhaga aleada de louros que lhe embarçavam o vestido côr de pervinca, e caminhou ao longo da estrada de Buarcos, que se desdobrava em fita pelo Cabo, listrando a noite.

Subito parou; ia errada. Voltou-se; lá estava o pharolim do Forte. Era alli que o morto quedava, dissera Jacob. Até lhe parecia ouvi-lo, de longe, a chama-la! Estugou o passo; tinha pressa de ve-lo, de senti-lo.

Desceu á praia; correu sobre a areia côr de zinco, pintada de luar.

A distancia seguia Jacob, como uma sombra.

Era a madona d'uma Cathedral a silhuetar um monstro! . . .

Subito fixou, ainda de longe, o morto. Abrandou o andar, como quem reconsidera. . . Depois foi-se approximando n'um passo miudo de alvé-loa receosa. Elle estava deitado de costas, membros abandonados, descomposto, n'uma nudez de ephebo, morto mysteriosamente á beira d'agua.

Os olhos de vidro, salientes do caseado das palpebras, muito abertas, lembravam os d'um santo de capella pobre – contas escuras de camandulas, a despedirem traços rectos de suavidade.

Era serena a sua face livida, muito irmã da luz d'aquella hora, mal cortando o luar.

O peito era de seda crua, côr da camisa aberta em sanefa.

Floriam-lhe o seio glabro redondos signaes vermelhos. Cada punhalada era uma tulipa de sangue.

Peregrina ajoelhou.

A areia phosphoreava em redor luz de sonho, irradiações de pedraria extranha . . .

Ella esteve a mira-lo, com uncção de penitente. Curvou-se a procurar os traços de luz vaga do seu olhar de vidro.

Depois olhou em redor como quem accorda ao ruido de passos que não espera.

Era o anão que andava á volta d'elles como um cão somnambulo, atado a um baraço imaginario, preso á tulipa semi liquida que marcava o coração do morto . . .

— Que fazes, bandido? perguntou ella. Podes ir! Já me não perturbas. Segue o Destino!

Erra, segundo o espirito dos cães do teu sangue. Apprende como se transmuda a missão d'uma raça! Vae dizer aos teus a suavidade das nossas taras e amarguras. Se o genio teu-tão as comprehende! . . .

— E' cêdo, volveu o monstro, como falando comsigo.

Peregrina voltou a encarar o morto. E de repente, como que batida de luxuria, começou a agitar-se n'um esvoaçar d'aguia tonteada, envolveu-o no seu olhar de treva, falou-lhe, sacudiu-o, afagou o, até que cahiu sobre elle, mordendo-lhe os labios de camelia pisada, lubricos de morte . . .

O mar tinha sobre a madrugada uma rhythmia extranha. Parecia ter recebido dos rios e das

fontes que xadrezam a prata, a paizagem portugueza, uma melopéa gemente de melancholia . . .

As ondas evolucionavam mysteriosamente, encapellando se ao rhytmo das proprias queixas. Já duas vezes o mar tinha circuitado a renda aquelle grupo, d'uma selvajaria suave.

A' terceira investida Maria Peregrina sollevou a cabeça morena, n'uma attitude de quem trata com o mar como irmã.

Era a descendente de heroes, a mulher de raça, a desafiar novas fainas e conquistas, agora para alem da terra, para alem do mar . . .

Era a Artista a medir a morte, superior á terra, maior do que o mar! Subito veio uma onda enorme. Surdiu ao longe como um Pegaso, de azas e crinas crespas, requebrando a sua anca azul travéz a praia.

Maria Peregrina, que a viu, levantou se como a espera-la. A agua quebrou junto dos dois n'um lago de saphira. Ella impelliu o amante n'um carinho de noiva; e esteve um momento a ve-lo partir entre um roldão de cambraias . . .

Veio uma segunda onda. Espatulou na areia uma lingua d'agua, foi até á muralha do Fortim, e resacou para o mar, chovendo os restos em orvalho de pureza.

Peregrina, que sentiu a onda abrir-se atraz d'ella como uma concha liquida, deixou-se impellir, avançou com ella, e foi mergulhar na

resaca da primeira vaga que a esperava com o morto.

E seguiram os dois. . .

Na areia estava Jacob, fixo como o deus — Termo dos campos, n'uma serenidade inquietante de mysterio.

Quando as ondas remoinharam os dois corpos n'um funil de espumas, a sua physionomia visajou infernos, como se partisse interiormente elasticos que tivesse a arrepanhar-lhe o carão alvar. Trepou como um gano a escarpa do Fortim, arregaçou as palpebras, parecendo rebentar os olhos d'azeite, n'uma tensão de myope que tenta vêr, que quer vêr. . .

Fixou a primeira agua, muito attento ás flôres de neve, hydranjas d'espuma em que as ondas se volveram; depois o mar fundo. Nada! Tinham desaparecido n'um funil de espumas. Olhou mais, esfregou os olhos, e olhou ainda... Fixou ao longe o vago liquido d'aquella massa immensa.

E, de repente, como quem encontra o que procura, illuminou a physionomia da sua faceira glabra, n'um sorriso de idiota manso, que se foi abrindo em riso brando, e mais, e mais até que lhe distendeu as maxillas de simio, n'um gargarhar continuo. . .

Desceu, vagaroso, as primeiras desigualdades

da gruta, depois tombou, n'um novello, levantou-se, descreveu a curva de terra, fronteira á linha d'agua; e, a correr, em gargalhar paralelo ao som rouco das ondas, seguiu o desenho da bahia, a esparsar a loucura em movimento, e sempre a rir, a rir, n'um cascalhar pavoroso! . . .

Era manhã. Um lençol de nevoa intensa, vestia as armas reaes do Forte. O tempo concedia aos mortos um lucto branco, um lucto á parte! . . .

Tudo mudára. O mar, ainda ha pouco azul e branco, fez se rapido em campo glauco.

Era uma larga esmeralda d'agua. Nem a antiga côr, nem a velha altanaria!

O céu, pouco antes zebrado de vermelho-e-ouro, côres heraldicas de Castella, cerrou em nuvem de sangue.

Só ao longe, para os lados da Grecia, uma nesga de azul delido rompia suave, como para informar que os Deuses velavam os mortos que haviam de resurgir com a velha Attica! . . .

Entretanto, o mar toava a mesma *rhythmia* extranha.

Emquanto do outro lado, rente ao Fortim, e eminente á escarpa, um moço marinheiro cantava. Era um maritimo trigueiro, de olhos de velludo e noite, guardados por pestanas longas,

que desciam mysteriosas como gelosias, vóz de levada, corpo flexuoso de ephebo da beiramar, a reflectir nas linhas a belleza inconsciente d'um Povo. . .

Pleno dia. E a sua alma dolente, côm dos olhos, a desgarrar em voz de levada, a *Cantiga* triste do vate-fidalgo :

Comigo me desavim :  
Vejo-me em grande perigo !  
Não posso viver comigo  
Nem posso fugir de mim !  
Antes que este mal tivesse  
Da outra gente fugia :  
Agora já fugiria  
De mim, se de mim pudesse !  
Que cabo espero, ou que fim  
D'este cuidado, que sigo  
Pois trago a mim comigo,  
Tamanho inimigo de mim <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> F. de Sá Cancioneiro de Resende.

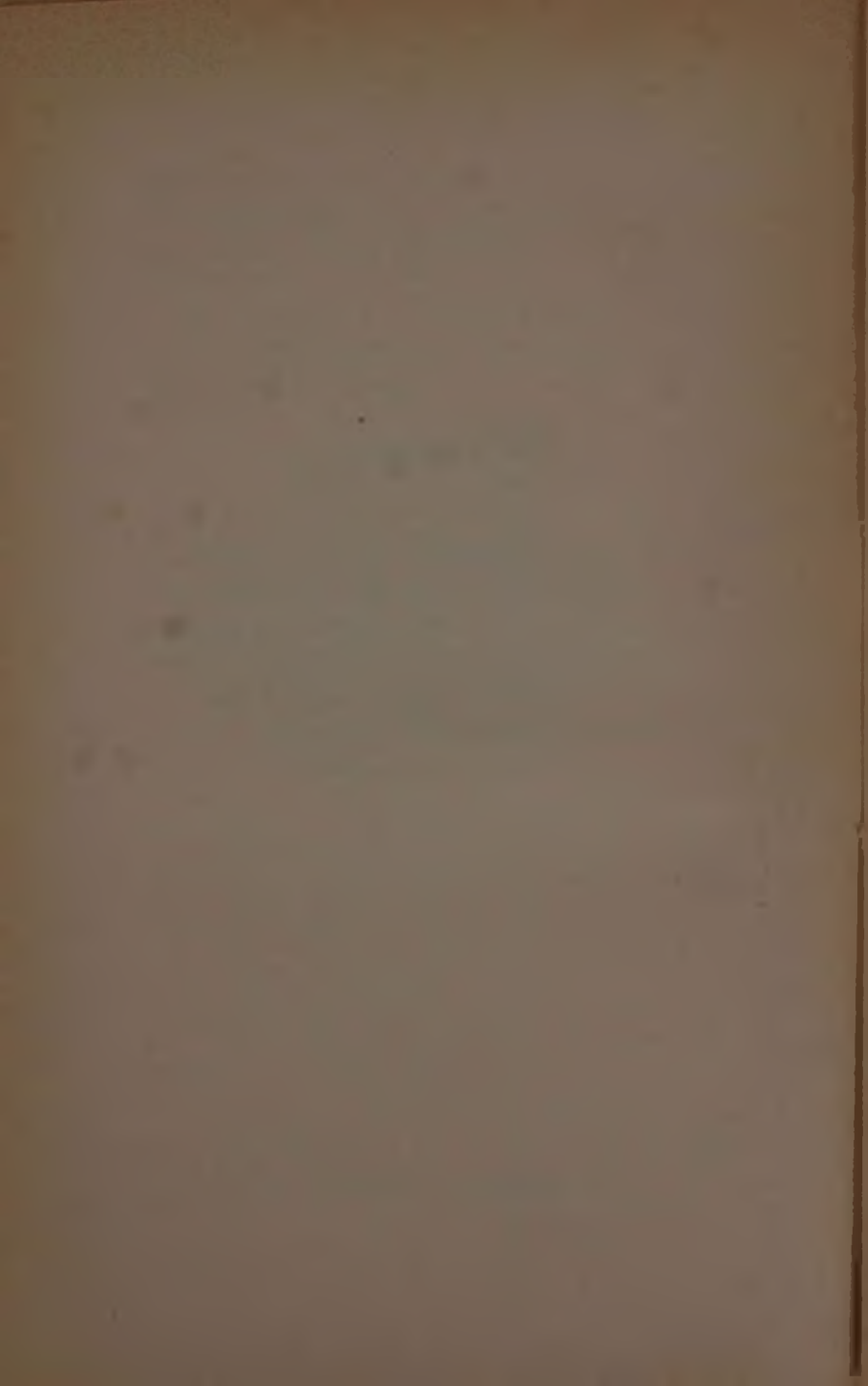


## Advertencia

---

*O rôlo de pergaminho, meio desdobrado sobre o buffete em Mira-Mar, continha, em letra muito bordada, semelhante á d'alguns manuscriptos do seculo XVI, o ultimo canto de Maria Peregrina: — Elegia da Morte.*

*Imprimimos textualmente o Poema.*



## Elegia da Morte

---

### POEMA RELIGIOSO

Este Poema é o preludio da Morte, annuncia a Libertação !

Pela primeira vez, depois d'uma travessia longa, accidentada e rude, venho repousar á sombra do que fui, sonhar alto o mais do que tenho occultado.

O sentimento, a minha primeira consciencia, tem se gasto no mais extranho conflicto — um conflicto dolorosissimo entre o instincto proprio e a mesquinhez alheia.

Houve em mim disequilibrios enormes tendentes a perturbar-me. E' que nem sempre a alma se satisfiz com os recursos do materia; o corpo foi algumas vezes o involucro imperfeito da grande alma que cingia.

Que de vezes a alma pretendeu subir, ganhar altura, do mesmo passo que o corpo lhe pautou vôos mesquinhos; e, quando lhe deu largueza, lances arriscados, triumphos doloro-

sissimos. Sempre a materia a enterrar tudo, — o peso a embaraçar o vôo.

Eu fui como os zirros que vivem nas frestas dos rochedos. Vivem alto; a raça impõe-lhes vida alta e por isso a natureza lhes deu azas largas e pernas excessivamente reduzidas. Vôam mas não andam . . .

Com a seguinte differença contra mim: — é que o meu ninho fe-lo o acaso cá em baixo. Ainda subi e desdobrei as azas em linhas de boa desenvoltura. Mas o Destino trouxe-me o mais do tempo cá por baixo, misturada com aquelles que teimavam em ser da minha especie. Quando a verdade é que meus semelhantes, affins pela alma, encontrei poucos. Atravessei a vida *procurando alguém*, uma figura rara que o Deus dos bons tivesse sorteado em meu favor. Encontrei figuras talhadas por uma medida que não era a minha. E ainda hoje não perdão a Deus que me tenha dado uma figura á parte, altura excessiva e camaradas infimos.

Permitti-me toda a perversão, se perversão é amar a parte bella da materia, index da Belleza pura, sem o preconceito de sexos, sem preconceito algum . . .

Quizeram que me lavasse na moral de toda a gente, afinal em agua suja. Pude reagir. Fugi á fraqueza de vencer-me; e, fortalecida pelo instincto, dei-me ao temperamento. Creei uma vida nova, a vida-conflicto entre as aspirações

supremas do espirito e a bruteza da materia que explica o calhau e realiza a vontade do vulgo, mais dura e nefasta do que a acção do calhau.

Tive de roçar por almas que me lembraram a lixa grossa. Excepcionalmente encontrei espiritos brancos em corpos bellos. Os corpos mais brancos e mais lindos guardam quasi sempre almas mulatas, incaracteristicas, pessimas.

Assim, vi-me constrangida a amar simples creações — as minhas creações. Na impossibilidade de amar as creaturas como ellas eram, dei-me a estima-las taes como as suppunha. Mentí a mim propria, por servir a sensibilidade. Ha mentiras nobilissimas! Mas em regra os homens mentem por espirito de trapassa, para urdir torpezas.

Sou um espirito religioso. A primeira razão da minha fé foi a religião de minha mãe que a tradição me transmittiu. Mas ella era um temperamento branco, suave e honesto na accepção simples d'estes termos.

Eu herdei as taras, as predilecções, os requintes de todos os que me precederam.

Sou uma figura complicada, consequentemente a minha religião não podia ser a sua.

Evoluti com os nervos, a educação, o temperamento. Descubro-me a todos os symbolos, pois que tenho para mim que elles se fundem n'um Deus de Belleza que começa a surgir d'entre a Confusão aos poetas, a todos os artistas.

Creio no Deus de todos os cultos, embora aborreça a liturgia que o occulta. A alma deu-me um ceremonial á parte. No fundo um ceremonial de amor, simultaneamente doloroso e ineffavel . . .

Alei-me em vicio. Ia comprar quartos de hora d'aquelle amor ás ruelas onde se vende o Nu, o contacto, onde a intelligencia e o genio da Carne se expandem desdobrados na belleza fresca da adolescencia.

Sou um firmamento de perversão.

Os meus vicios estrellam fatalidade e amor — caminhos de luz pela *treva* azul . . .

Luz intima, discorrendo fados de amargura e magia. Duros fados! Excedi a Nana, a Manon, a propria Sapho — todas as mulheres sagradas de Desgraça!

Fui o genio da Luxuria, parabolando amores . . .

A sociedade escorraçou-me. Quando o meu talento brilhava, ella, de mãos nos olhos, ia vingando a luz que eu derramava da minha treva, pregoando as *abominações sensuaes* a que me entregava.

Perversos e estupidos, ouvi:

Tenho a consciencia de que a vida sensual, que tenho reflectido, é uma derivação fatal e religiosa d'um poder occulto que me tem dominado e impellido.

Talvez por isso tenha pisado os lupanares com o respeito devido aos templos . . .

O prostíbulo é, a bem dizer, um Templo; a sensualidade uma religião, uma grande e ineffável religião, o culto immenso do Amor, para além dos sexos, dos ritos, dos mil preconceitos dominantes. Mas, a despeito d'esta consciencia do Destino, d'esta razão de talento e de sangue — sinto-me vencida, desilludida.

Cancei a imaginação no encalço de creações precisas á vida superior, á minha razão sensual de existir.

A sensibilidade de que fui dotada não me permite que espere o fim de toda a gente. Ainda o tentei. Sem resultado . . .

Sinto necessidade de viver n'outros mundos. A podridão brilhante que me atormentou a vida vae compensar-me de bens que presinto marcados para além d'esta valla de torpeza *honesta*.

Cumpri; não posso demorar-me: basta de conflictos com o semelhante.

Esta lucta é inacreditavel a quem a não viveu. E' o conflicto da idéa pura feita arte, sensibilidade, sentimento e razão sensual, contra a bruteza do temperamento medio, chão e rude.

Que de vezes afoguei commigo miserias intimas, casos exóticos d'um capricho cruel. Embriaguei-me de dôr, d'aquella dôr que á volta de mim cachoou desgraça — um mar de fatalidades, para que alli naufragasse.

Affrontei este mar ás braçadas. E n'esse



atlantico de verdete, absintho de amarguras, com phosphorencias tenebrosas me fundi eu toda, alma e corpo, para batalhar e seguir, louca, ora encapellada contra a penedia immensa das praias maldictas — as que os homens povoam, ora espraizando-me, n'uma gaze de mysterio, sobre doirados areaes, suave, ternamente, como um mar vulgar em horas mansas.

As ondas d'este mar foram os meus sentidos: — um infinito de sentidos, os que se attingem pelo estado sensual . . .

Vivi pelo sonho uma vida á parte, — sonho valado e circumvallado de sombras.

Fui a somnambula, soffrendo e amado pesadelos que me eram dolorosamente gratos, horas de sensualidade terna e maldicta.

No mar de sensualidade em que me afundei, em que muitas vezes me solvi, tive horas de sêde, d'uma sêde obsessora, horrivel! Era o desejo inconsumivel, a febre, a chamma eterna d'uma aspiração de raça condemnada pela grosseria dos outros.

Chamma eterna, de certo, pois que falo por mim e pelos temperamentos que no passado choraram em silencio horas que tenho repetido e pelos superiores do futuro, figuras talhadas pelo Destino para continuar a Dor! . . .

Coisa horrivel é roçar o semelhante e proximo!

Entre mim e os desgraçados para quem falo, os superiores que entornam as suas lagrimas no silencio — medeia a minha coragem, um ousio que os passados não tiveram, que talvez os futuros não tivessem sem este exemplo . . .

Este mundo, que estimei com amizade amorosa, ousando transforma-lo num mundo affectivo de Belleza una — parece-me, á hora d'este inventario, obra posthuma, uma ilha de cães vadios e maldictos, em saldo de contas com os raros que sahiram a perturbar a sua orchestra de alegrias.

Miseravel exercicio . . .

A Belleza é una no seu abraço colossal de todo o concebivel e concebido.

Só para a Belleza deve viver-se. Os superiores começam a sentir aquella unidade, concebendo a fusão das linhas puras em toda a obra da materia resumante de espirito. Venus e Apollo teem um significado conjuncto ; são provas de Belleza que se completam e ajustam n'um synthese sensual que o super-sensivel realiza.

Sensualizar a vida, descobrindo fontes novas de prazer e dôr, transformá-la n'um mundo d'alma, — tal a faina suprema dos apostolos da Belleza.

Myopes inferiores ouvi ! A liturgia em que geralmente resumis a bestialidade — affecto d'um appetite genesico chega para a vossa felicidade, basta aos vossos instinctos porque a alma

vos cabe dentro dos órgãos, que vos inculca o sexo.

Vale uns minutos abjectos o vosso amor . . .

Nós outros amamos tudo e sempre. O Amor é para nós a razão unica da Vida.

Por isso Oscar Wilde, o condemnado, cantou ternamente o amôr dos monstros, das flores e das sereias — casou os homens com os habitantes imaginarios dos bosques e do mar, e expiou na prisão o delicto de ter gostado tudo, amando e cantando o amor, a symphonia das linhas, a intelligencia da Carne, a liberdade da alma !

Fe-lo a fatalidade do genio permeavel aos amores mais extranhos . . .

Quando será a libertação collectiva? Sei lá ! Fecho os olhos e perco-me a memorar a fileira interminavel das victimas. Quando se realizará a grande paz no amor? Talvez nunca . . . E quem sabe !

Wagner, o mais genial revolucionario do mundo, pretendeu fazer do Universo um canto.

Assombrosa concepção se a completarmos. Exultemos sobretudo a sensualidade, no mais largo significado, no bem infinito que é. Cantar é amar. O Rythmo das coisas é a expressão sensual do mundo em vibração, a orquestrar, a melodiari amor! . . . Amemos tudo.

N'esta hora de dôr agradabilissima, sinto-me inclinada a amar o proprio odio que inspirei —

o odio que me votaram e o desalento que o Destino me distribuiu em bem da Morte.

Os philosophos serenos são em regra mentirosos.

Contra Maeterlink affirmo que ha uma fatalidade interna que domina e rege os actos dos homens. A forma suprema da justiça é a bondade. Mas esta forma, accete pelo conceito medio dos eleitos, está sujeita aos entraves, ou causas d'erro d'uma força interior a que precisamente chamamos temperamento.

Um dia, na adolescencia, percorria, só, um atalho. Senti barulhar a folhagem n'um carvalhal murado. Espreitei, e vi ao abrigo d'uma lapa o ultimo acto d'uma tragedia unica. Uma creança, que podia ter nove annos, acabava de matar outra de cinco! Acheguei-me d'ella. A criminosa segurava uma lamina, encarando attenta a victima.

— Que fizeste? perguntei.

E ella serena: Não sei, ouvi uma voz que disse: — mata a tua irmã. E eu, que moro alem, fui a correr buscar esta faca. Não sei se foi Deus quem mandou... Já está morta? E sorria, espectrando na lamina o Deus suave dos innocentes...

A victima era um bocado de marfim e oiro, abandonada no chão entre a serguilha grossa do vestido, a borbotar do peito alvo cravos de sangue. A outra parecia uma mulhersinha, de olhar

quebrado, bandôs escuros, face de cobre e sombras, typo de cigana enlouquecida, d'uma serenidade arrepiante junto ao *delicto* innocente!

«Não sei se foi Deus quem mandou . . . » dizia. Seria, penso hoje. Que Elle ás vezes capricha em desnortear os commentadores. Querria as duas creanças; e por isso ensandeceu a mais velha que despedaçou a outra como o faria a uma rosa . . .

Assim alou as duas. Foram quebrar a monotonia do sagrado mundo, pintalgar o Céu de riso e loucura!

Abracei a innocente que pouco depois vestia de afagos um cordeiro branco que mammava de joelhos, rente á mãe.

Como comprehendo hoje a força da tal vóz, que tutela o genio, o crime, perversões, loucuras . . .

É a vóz da alma a ordenar. Não sei se é a vóz de Deus; deve ser. A creança não mentia; a loucura é sincera.

Quando confronto actos communs da vida com aquelles que me perturbam e elevam, vejo que o meu genio não é uma acuidade da intelligencia — é um mysterio emocional.

Deus reparte-se pelo genio creador dos artistas — e revive o poderio nas suas dôres. E' por elles' que accrescenta o dominio do Bem, ampliando a geographia do Céu com o Mal, contra

a sua Igreja. Mas estas provas são dolorosas para os artistas; produzem as maiores tempestades d'alma. E é facil ás melhores almas succumbirem.

Eu elevei-me pela Dôr. De mim desfiro melancholia, torturas, suavidade . . .

Esta Dôr foi a minha Arte e teve um largo apprendizado. Primeiro percorri os museus, dando-me a reconstituir, segundo o meu genio plastico, as bellezas mutiladas, — isto para aprender a ler as linhas, coisa mais difficil do que ler os folios.

Depois apprehendi a belleza, a perfeição da linha e sensualizei a forma. Fundei em Athenas o Templo d'Amor — um paço de Luxuria. Havia alli um tracto sagrado, a Sala sensual, que me abrigou loucuras suaves, e tempestades de goso, d'uma nevrose sacudida e bemdicta. N'esta sala, vestida de crystaes, concavos e convexos, d'uma asymetria e desarranjo de cháos, gosei dezenas de corpos alvos e morenos que desenvolviam nús as curvas das sereias, em danças desvairantes. Tenho no peito o abraço d'essas esculturas enleadas, marmores de innocencia e vicio, corpos sagrados pela pureza ideal da linha. Se attentava aquella seára de carne, batida pelo genio d'uma sensualidade abençoada eu era o suão morno que beijava e confundia os lindos fructos da seara . . .

Fui a haste exotica, o joio genial que, affron-



tando a seara, colhi a sua belleza e fui colhida.

Se alongava a vista ou a quebrava sobre os crystaes deformados, descobria as nossas almas, ricas d'imprevisto apocalyptico, desencontros de grotesco, curvas complicadas pelo genio do Feio, atrophias, hypertrophias, que eram as sombras dos monstros soberbos que os lindos corpos abrigavam. A minha sensualidade redobrava, e eu, apertada ao corpo moreno ou branco d'un principe em Belleza, mergulhava o olhar nos espelhos, que nos espalmavam, engrandeciam, ou afilavam e vivia aquellas silhuetas e amava n'ellas o monstro que era, os monstros que eramos!

Fóra alternavam-se collecções de harpas, violinos, psalterios, e orpheons cantando a Vida.

E os jorros de luz esparsa através dos crystaes de côr, esbatendo se em manchas de esmeralda, roxo-e-oiro, banhavam de melancholia aquellas notas, deixando suppôr que era a Luz quem as cantava!

Gosei soffrendo; soffri gosando. Pratiquei actos que foram além de mim; uni-me a corpos de creanças; tive contactos, commercio de sensualidade com os mais bellos adolescentes, sem distincção de sexo.

Fui anjo e féra, mas féra de azas que assim partia ás travessias da Ventura, sem liames, sem programma, viuva de preconceitos. Troquei pela intimidade com poucos, as devassidões, os



respeitos, a consideração vulgar dos chamados homens moraes, seres aleijados pela grosseria do costume. Mas muita vez o temperamento me chamou a definir me.

D'ahi a predilecção pelos dois adolescentes de Petersfield, e a razão do mais entranhado sentimento de amor por Nuno, essa figura passiva da minha loucura sensual, que admirei na sua forte lassidão e abandono.

Ah! depois das nupcias com o morto de Petersfield e das vigílias com Helen em noites de minuto — ninguém me deu ainda a elevação da Dôr-prazer em que elle me afogou, nos afogamos . . .

Mas todas as sensações que me deu eram afinal acasos da sua carne abençoada.

Approximei-me d'aquella alma que me pareceu transparente como a agua d'um ribeiro.

Era geada insolúvel, crystal espelhante, mas denso, que contrafez dolorosamente em caricatura a minha doce imagem amoral.

Tal qual o que succedeu um dia a um insecto, corpito d'esmalte e oiro, que se esforçava por beber os diamantes duros e claros que trago a calçar os dedos . . .

Nem eu pude solver á força d'amor aquella agua congelada, nem o pobre insecto, sedento, pode mover os diamantes a que se deixassem beber, liquefazendo se.

E' que almas assim, como os diamantes, teem

a bruteza dura da Fórma-fixa. Solidificaram as primeiras impressões; cortam, sem se deixar cortar; são a maldade bella, a estupidez da Plastica!

E, entretanto, é ainda esta negação de affinidades que requinta o culto que lhe voto.

E era a repulsa da sua alma pela minha que lhe quebrava o corpo em hysterias de goso!

E foram ainda as lubricidades que lhe dei, n'uma prodigalidade de millionaria em exotismos, que o afastaram . . .

Como a alma é grande em capricho! Que mysterioso é o genio da Dôr!

E o mais dos semelhantes a pretender mutar este Valle de Lagrimas em Valle de Risos, a inventar palavras e abjecções, a crear religiões de Força, de Vida moral, de Alegria, de mil coisas que são a expressão pretenciosa d'uma ignorancia magoante!

Que gerações as de hoje! Nem obras, nem instinctos. A bem dizer não legam uma pagina de memorias . . .

Vontades de cera, almas e corpos gibbosos de subserviencia — tenho a impressão de que nem a Morte as eleva.

Infimas creaturas! Se a materia intima con-diz, a Morte hade mostrar o seu esqueleto de sabugo, rematado por caveiras de manteiga!

Almas assim denunciavam es'eios molles . . .

E como odeiam o culto da plastica sensual!

Nero, determinando se em sensualidades, ou incendiando Roma, para mergulhar a alma sublimemente perversa, nas labarêdas d'uma civilização a arder.

O instinto é a primeira força. Depois ha a aspiração vaga, que nos faz caminhar para o Desconhecido.

Caminhemos. Sigamos a mão distante que nos acena. Demos por tudo o que formos encontrando.

Chamam-nos visionaria! Que importa? Que tem sido a humanidade, senão visionaria!

E como é grande a creatura quando sonha! E como é bella a alma a viver sentimentos, a visionar.

O que é o factó nú de chimera!

São factos o proprio sonho, a chimera...

Creio na vida eterna pelo amor. O amor, fundiu em mim — Deus, Perversão, Desgraça...

O Bem e o Mal deram a figura que sou — um bronze de sentimento. Realizo o genio sensual da humanidade nevrosada e a vida suave de toda a Belleza humilde!

Sou Shakspeare e Bandarra: — tenho no peito o cachoar tragico da muita miseria e altanaria heroica, que o inglez referveu em dramas, que são a perpetuidade da Dôr-genio; e ao mesmo tempo, a simpleza ingenua da amargura, delida por uma quasi inconsciencia — aquelle extranho e sentir dos loucos que teem o sestro

de viver alegres as suas e as tragedias d'um povo, os bellos crimes, como as grandes melancolias d'uma raça! . . .

Sinto a alma amarrotada, amarfanhada! Mas ha almas e almas. Ha-as, que são como a estopa grossa que, quando amarfanhadas, vincam traços grosseiros.

A minha alma, é como a seda e os *moirés* luzentes : amarrotada, maltractada, tem cambiantes e vincos finos, dá traços curvos d'um resplendor desmanchado, a esbaterem-se em sombreados d'uma belleza rara. . .

Tenho na alma a dôr latente. O acaso, fomenta-a por capricho.

Deitei-me a outra noite triste, sem saber porquê. Estava de mal commigo. Dormi pesadelos. Subito, levantei-me, abri a janella, e vi o roseiral escuro. Nem uma rosa a alumiar-me ! Deus cortou relações commigo, pensei angustiada. Cortou as relações com todos os homens, e por isso escureceu as flores — pintou-as côr do castigo, fe-las côr da fuligem.

Corria o tempo, e eu muda, quieta, somnambula, a fitar as rosas, todas de seda crepe, e, ainda assim. bellas e cheias de graça no seu desenho fino e desigual !

Depois, a meio da tortura d'aquella visão sombria, recobrei-me, pensando em Deus. E vi que Deus, castigando-me, se castigava ; Elle não podia, sem desfalque da sua divindade, abdi-

car da Côr: — dar ás rosas o tom da sombra, embora tocado da belleza da noite, podia ser capricho, nunca um proposito eterno!

Chamei Deus a mim, n'um esforço ingente de artista, que requer o Elemento para trabalhar, produzir, crear. . .

E, de logo, o sonho se esbateu em claridades. E as flores começaram a rosar-se — milagre de Deus, da madrugada, do meu olhar!

Deus troca a sua alma com a minha. E a sua alma cabe em mim.

Convenço-me até, de que o lisonjeia a troca — pois que a minha abnegação e bondade não têm a cauciona-las immuidade alguma.

Vivo pelo amor todo o amor — os maiores desalentos, o proprio odio, os fados desgraçados. . .

A intenção da minha ultima jornada foi d'uma pureza absoluta.

Elevou-me o amor; por elle desprezei a Moral. Ser moral é servir a conveniencia; raramente é ser bom. Collidem, o mais das vezes, a Bondade e a Moral.

Esta é quasi sempre hypocrisia a reflectir trapaça, iniquidade. Lede-lhe a genealogia, as taras. . . Tem cada ascendente!

A minha coragem, affronta o estabelecido, rompe serena, a conveniencia. Moral alguma vale a Bondade! Diz o mundo que me despenho. . . Que importa? Ainda que sacrifi-

casse a propria vida infinita, não recuaria : — outro Céu havia de ter.

Talvez a Morte, como jámais se deu — a verdadeira tranquillidade-premio da mais alta missão cumprida !

Protegi um dia os amores de dois mendigos. O meu olhar de luz illuminava aquellas almas, que se trocavam para alem das suas miserias.

Havia a esbater os seus enleios, como que um resplendor de sol, que espectrava riquezas e caprichos de tom : — era a minha bemquerença, a Bondade, eu propria, desfeita em luz a aquiescer aquelles amores — banhando-os de goso divino.

Indifferente aos *grandes nada*s do mundo — os que geralmente queimam as canseiras dos semelhantes — perturbo-me ao menor symptoma d'um grande soffrimento.

Deus parece ter-se enganado, extravazando em mim toda a melancholia que devia ter apartada para repartir por uma raça.

Extranha figura sou ! No meio de tempestades intimas, as mais batidas, a alma raramente me deu lagrimas ; suggeriu-me desalentos. Pois outro dia chorei, convulsa, diante de um numero, que ainda lembro cheia de medos.

Foi sobre a cifra de forçado (C. 3. 3.) com que Oscar Wilde, o predestinado da Perversão, assignou as paginas magoadas do *De Profundis*, escriptas no descanso do *hard labour*.

Vi n'aquelles numeros toda a severidade votada aos superiores degenerados, o conflicto aberto entre uma sociedade inferior e a sensibilidade acuradissima d'um louco genial.

Tambem eu sou odiada ; e, para o grande numero, a Sapho, a larva immunda que acomette a adolescencia. . .

Não me defendo. Quantas vezes senti em mim a alma extranha da grande lesbia, que visitava nos meus poemas e loucuras a nova Hellada do Occidente.

E larva tenho sido. Mas larva a evolutir. Sou a chrysalida a sonhar azas. Sinto-as no auge da nevrose. Prendem á carcassa de linhas finas em que o Destino veio pousar uma grande alma. Erguem a minha belleza immoral, consciente.

Esta Belleza é pouco e é tudo. Por ella subjuguei forças proprias e extranhas a um só fim -- *sentir*.

Toda a gente odeia a Morte. Porque ?

Ella é o supremo bem. O que o vulgo toma por acabamento é passagem para o Além . . . Mas esta passagem sómente é consciente para os que na vida *sentiram*. Só elles podem avistar com os olhos d'alma, aquem da passagem, o eterno da Vida que segue além. Como se adquire esta acuidade ?

Ignoro-o em parte ; é milagre da creatura superior que sou.



Mas a atmospheria propria a que se manifeste está na ignorancia das leis do mundo, no desprezo da Vida, em acceitarmos os desvairamentos da Carne como um facto e como um bem.

O estado mais proximo da superioridade — é o *estado sensual*, porque é elle que superentende a nevrose, dando o maximo de elasticidade á sensibilidade: — é afinal a Arte latente, a Belleza no estado puro.

Como obtive o *estado sensual*? Dando-me ao infinito de sentidos que descubro á quem e para além de mim . . .

Que ninguem tente reprimir a sensibilidade. Entregue-se-lhe. Ha no povo inculto, como entre os superiores, grandes temperamentos deformados por preconceitos. São aquelles a quem o acaso repartiu almas que são preciosissimos *stradivarius*, que elles desferem mal.

Foi a guerra movida á minha conducta que ainda mais acurou os meus vicios, suggeriu a defeza integra dos meus actos, e creou, parallelamente ao meu nihilismo de sentido, uma Philosophia á parte, que prende a uma Liberdade amoral que vae além da outra — a que peja os codigos e as Biblias . . .

Sempre que intravasava o odio alheio, reconhecia, após horas de tortura, estados novos a darem-me como o applauso dos meus actos, fontes suaves de riqueza espiritual. Ás vezes

sentia eu propria necessidade de concitar esses odios.

Esta attracção exprimia o abraço entre o Bem e o Mal — o instincto d'uma grande missão de Unidade a colligir os recursos do Novo-Mundo da Belleza. A grande elementação d'esse mundo latente não dispensa o Mal. Toda a creação é dolorosa.

Gosar o soffrimento é acceitar aquella missão. Mas, porque só os superiores a acceitam, só elles a gosam, exprimindo em Arte o agri-dôce d'aquella Dôr, repassada de mysterio.

O vulgo mal comprehende a dôr dos superiores, sobretudo quando reflecte grandeza sobrenatural.

E a Sciencia não alcança mais. Que eram os apóstolos quando se deixavam retalhar, a sorrir, d'olhos fitos no além?

Para o povo foram santos, para a sciencia foram loucos. Erro grosseiro é ler a Dôr através das lentes escuras que vestem os olhos de tanto myope! Como falseiam a missão da Belleza.

Loucos os apóstolos d'uma Religião!

Tambem vou ser acoimada de louca! Que de affinidades com elles hão-de encontrar-me... E talvez, inconscientemente, a Sociedade acerte. O que é um louco?

É o espelho de melhor ou peor crystal, biselado ou lizo d'uma alma sem artificio a viver

desvairamentos. E' o absoluto em sinceridade — o que ri, e chora, odeia e ama sem trapassa, indifferente á sociedade que o espreita, — o que despe a alma na praça publica sem caridade por si, alheio a quem o vê.

Na escala da loucura ha os criminosos-loucos, que dão á sociedade pretexto a que ella os enclausure, para melhor os explorar, e ha os outros, ou que ella frêcha de infamias, emparedando-os de preconceitos, dando-lhes a liberdade de sonharem alto, para que possam ouvir-lhes o sonho, e impedir-lhes que realizem desvairamentos, por vezes geniaes . . .

São os criminosos, os santos, os imbecis — todos os reduzidos de entendimento, como os que o possuem accrescentado d'uma supersensibilidade incomprehensivel. O mundo não vae além do comezinho; ri igualmente da treva d'um inferior, como dos supremos desvairados.

Os inferiores desconhecem a grande parte da verdade eterna que o sonho contém, que ha por vezes na loucura geniaes profecias.

Parece que os chamados loucos, sonham quando adormecidos, actos que a sociedade toma por feitos de juizo.

Depois ao accordarem abysmam-se do desapontado dos sonhos . . .

Exactamente o inverso do que succede ao Vulgo. Este delira no somno os grandes feitos

Se o não percebem . . . E' o horror dos selvagens pelo mysterio. Peior do que isso, pois que o selvagem adora o que não percebe. Ha na natureza ingenua do selvatico instinctos de salvaguarda e cautela para a Belleza desconhecida.

E' que a Belleza basta-se, por si se impõe, ponto é encontrar bondade em que se esteie.

O que mal pode é deixar de conflictar com a Biblia burgueza, balisada em dois preceitos — impôr ao homem a conquista do pão, á mulher a dos filhos. Uma e outro se juntam mercê de liturgias que enchem codigos e cartilhas . . .

Fi n primeiro da união, afinal da Vida — a familia, a junção pelo casamento de cachos de gente em que os chefes escravizam corpos e vontades !

Ah ! foi o meu *erro*, segundo o semelhante, rir de taes deveres. Não se foge impunemente da *carreira*.

Como haviam de ver-me bem mulheres de ventre cheio, — obesas de divindades, ou fructos de maldicção, se era o seu avesso ?

Ellas deformavam-se pelo goso limitado.

Eu sensualizei toda a Belleza, illustrei a côres novas a Vida, sacrifiquei a dôr vulgar de ser mãe á dôr suprema de vincar pela Arte — a segunda alma dos seus fructos.

Podia agitar-me em sofreguidões de prazer,

collar o corpo franzino a homens que se alternassem no mister de fecundar, dar á sociedade filhos em vez dos meus tormentos d'Arte.

Podia. E, se as creaturas com quem commerciasse amores tivessem a marca de *maridos*, — a sociedade receber-me-ia. Não pude acceitar a sociedade, pois que desprezei maridos. A sensibilidade impoz-me uma liturgia propria. Amei a esmo. E d'estes amores extranhos sahiram os livros que por ahi correm, — paginas luxuriantes a reconstituirem horas d'uma tortura celeste e diabolica.

Livros são filhos. Os meus são-no tambem da Luxuria, d'uma luxuria extranha a que chamam para ahi exotismo . . .

Assim a *Nova Sapho* e sobretudo a *Emparedada*.

Estas obras, a que uma *élite* concedeu foros supremos — fluctuam uma nevrose que a sociedade odeia.

Como quer que seja não fui um pousio. Fecundei á minha maneira. Mas para produzir, crear, exigi uma liturgia complicada, reflectindo-a extranhamente.

Ingenuos! Ha fructos e fructos.

Que horror, a tudo o que é extranho!

Porque foi Christo enorme? — tão grande que projectou a maior sombra divina que um homem tem projectado.

E' que o genio o derivou de Maria de Naza-

reth sobrenaturalmente, sem a macula do peccado original.

E' filho d'uma mulher da linhagem de David e de muitas religiões liadas pelo genio indico.

Só assim podia ser o Homem-Deus — do mesmo passo encarnar e sobrenaturalizar a Divindade.

Quer dizer: — o genio universal postergou as relações vulgares quando quiz filhar alguém que fosse um Principio.

Ahi tendes uma excepção ás chamadas leis da Natureza. Sabeis bem quem foi Christo? Nao sabeis!... Foi o Homem-Deus, o unico que no mundo soube vestir de grandeza a Humilhação; o mysterio d'este poder é a sua Divindade.

Todas as obras de genio, filhas da excepção, têm de vêr-se á parte.

Interessae o vosso religiosismo na grande obra de Belleza que annunciei e em parte cumpri.

Porque as minhas obras são profundamente religiosas. Como todas as obras supremas! Vão além de mim, ultrapassam-me: — fui o pretexto d'um poder que simplesmente apercebi.

Fui a mulher superior quando víciei; e, consequentemente, produzindo, creando, isto é quando reflecti no livro a espiritualidade que resumava do infinito das minhas torturas.

O genio é a intelligencia tocada do sobrenatural.

Fecunda, pois, além da razão.

Lembro-me do papel da intelligencia quando urdia aquellas obras.

Era a escrava d'uma força desvairante que a superentendia e obrigava fóra da razão, á mercê d'um capricho que era a teia-mestra de tudo . . .

Assim tambem no desenrolar de intimas paixões.

Não sei se poderia recuar, remetter-me ao vulgar, entregando-me á Moral como a sociedade a pratica. Creio que não. Mas quando pudesse faze-lo, não o faria. O mesmo era que acolher a minha querida individualidade, grande d'imprevisto, d'uma desenvolução rara, á sombra d'um arame . . .

E ahi está n'este mesmo juizo um traço de tutela extranha, pois que a sensualidade como a Arte que pratiquei só serviram a marcar-me de relapsa, *emparedando-me!* Sou para toda a gente a desprezível Sapho, alma e corpo de monturo. E isto porque não acceitei o phalantério christão, e pratiquei o amor lesbico.

Ora a sociedade não quiz receber-me assim.

Logicamente, o mais do publico proscreeu as minhas obras.

Tinha a obrigação de dar talento que não excedesse o estalão perro da sociedade em que vivia!

O meu prejuizo para o grande numero foi



mostrar-me toda — dar-me a ler a uma sociedade videira, mas inferior. Entornei a alma no mais das paginas que deixo, e teci dolorosamente, sensualmente.

O publico, é claro, não sentiu essas paginas, nem sequer as percebeu. Peior para mim como mulher; mais ascendi como Artista.

Este desaccordo com o publico é a nossa differença em meu favor, em elogio da minha sensibilidade, posta á prova em todos os sentidos.

E' grande esta differença? Quanto maior fôr, maior sou. Quanto mais afastada estiver da minha geração, em geral do meu tempo, mais alta é a minha figura.

Quereis saber ao certo o que vale? Medi o espaço que vae da idéa média á minha *Philosophia d'Arte*.

Esta *Philosophia* resalta, clara, dos meus versos — moldura propria d'uma sciencia nova que elegeu principios grandes, como sejam, — a bondade, a sensualidade, o autodeterminismo (fatalidade do temperamento) e a Liberdade da alma dentro de cada homem, salvo o accordo de espiritos e corpos affins.

O *Contracto social* de Rousseau, que passa por obra de genio, veio afinal sacrificar a liberdade individual á alma collectiva.

Quero o inverso, o avesso d'essa lei. Quero a limitação do poder social pelo individuo;

que os medios e os rudes cedam aos grandes as regalias que lhes são demasiadas, que não cabem na sua inferioridade.

Porque ha de ser millionario o pobre de espirito? E' bruteza permitti-lo, como tambem o é sancionar as miserias dos superiores, assentir em que sejam ermos de bens os millionarios das Lettras.

Em materia de sensibilidade cada vez me allio mais á minha desventura. Vivo a ultima hora na admiração e amor do que fui.

E é para que os eleitos vivam ao menos uma hora assim que lhes predico, sinceramente: — Entregae-vos ao instincto, ao temperamento, á tara, segundo o estabelecido. Vivei no accordo d'aquelles principios.

Haveis de soffrer? Claro. Mas o soffrimento é das formas mais voluptuosas de gozo, ponto é que a abnegação e acuidade o aproveitem. E não tendes mais do que entregar os nervos ao acaso. E o acaso é tão intelligente! Tanto quanto o cuidado é estúpido.

Inferiores: — a vossa felicidade é uma trapassa a Moral uma mentira, uma expressão servil.

Superiores, acima! Corações, acima! Dae elasterio á alma, subi.

Quereis ler um grande livro, o expositor maximo dos grandes preceitos da união livre a derivar á fusão no amor? Tende-lo em toda a parte. E' a natureza que interpretaes mal.

Vinde d'ahi áquella janella. Quero ensinar-vos a lêr uma grande pagina.

Além, para lá d'aquelle renque de arvores mais crescidas, está uma planta brava. Hade ser enxertada no outomno. Nasceu na matta ; transportou-a o capricho de um camponio áquelle pomar. Parecia fadada a dar filhos bravos, fructa exigua, desprezivel ; pois vae ser fecundada pelo garfo nobre d'uma arvore de linhagem (tambem as arvores têm genealogia e foros fidalgos) e hade dar para o anno lindos pomos.

Vede aquella roseira, sustentando rosas de tres côres, resultado de enxertias diversas. Amou e fecundou segundo uma liturgia variada e o acaso, deu-lhe ainda enxertias que falharam, pois que os garfos exóticos morreram depois d'uma justaposição de dias, porventura mais terna e sensual que a justaposição fecunda. Ha a bordar o Mondego, cujos restos veem além lindos laranjaes. Ide ver como o homem accrescentou Deus, enxertando no mesmo tronco raças differentes. Ha, por vezes alli, filhos do mesmo abraço, todos os pomos em que o Divino poz liga d'oiro.

E o vento lá balouça tudo, laranjas, limões e limas, um phalansterio em ramos, n'um contacto que elles, os fructos, aproveitam sensualmente.

Ha n'aquella roseira amores incestuosos. Promove-os, innocente, o acaso. Pois as suas rosas

são, no entretanto, tão bellas como as das outras rozeiras. Deus lá sabe!

Olhae o jardim em conjuncto : Vede como as flores se collam em beijos de lascivia — quando o vento, alma e voz do tempo, as vaga — como se roçam suave ou tempestuosamente, segundo as marés.

O rosal parece agora, reparae, um mar encapellando-se em ondas sensuaes, n'um rythmo religioso, perfumado . . .

Se vos alcançou a graça do grande sentido da Belleza, attentae bem nas rosas : — São, afinal a essencia em formas — o perfume em petalas.

Só este espectaculo me paga a pena de vir escrever para a chanquete incommoda d'esta janella.

Soberbo espectaculo ! Lembram assim as rosas o amor lesbico das freiras nos conventos, o amor mystico e carnal das esposas de Deus, sonhado e fremido por entre incensos e preces.

São rapazes de collegio, amanhecendo amores . . .

Lá estão n'aquelle canteiro algumas já fana-das, desfalcadas de petalas, sem viço.

Vede como procuram o contacto das mais novas, como se activam a explorar a belleza adolescente dos botões gommosos.

Como a fraqueza da idade as pende a forta-

lecer-se de vicio, na carnação das mais novas. E elles os lindos botões, lá se lhe entregam, com enleio e graça, generosamente, cumprindo a lei maxima — a Lei da Bondade, que é do instincto. Quem não o entende? A alma grossa dos estupidos, os que arrancam as papoilas da seára, irados de as ver por entre os esmaltes dos trigaes.

Inferiores! só dão pelo brilho do metal. Que lhes importam os grandes bens da Terra — a Côr, a Forma, o Perfume? . . . O ridiculo em que me têm, só porque tenho cantado a alma do rochedo, a symphonia da linha, a perversão sensual, fonte da Morte e conseguintemente o melhor elo da Vida, pois que solda o corpo á terra a alma á planta, fundindo o Universo n'uma confusão sublime!

Pobre terra que dá videntes cegos, como Milton, e não dá vista ao mais d'aquelles a quem deu olhos. A Vida é a immortalidade pela transformação, religiosa no seu movimento sempre patente e a actual. Mas considerar parcellas de vida é não ver; peor que isso — ver mal.

Nada mais fallivel que a vida dos aspectos. Aceitemos a Vida como ella é — profundamente metaphysica, religiosa. Eu vergo-me ante o factio positivo do meu talento que o arranjo universal systematizou ao poder, e a toda a fraqueza creada e por crear. Deus resume a Vida. As minhas fraquezas, as fraquezas de todos os superiores,

são a sua ampliação infinita . . . Ninguém pôde definir Deus com precisão. Está em tudo, mas só os raros o sentem, dão por si e portanto por Elle.

Entretanto, se o vocabulo — Deus tem um synonymo, esse synonymo é Amor. Amor universal, entende-se, sem leis, sem peias, segundo o instincto, á discricção e diversificação de cada um.

Inferiores! o amor não cabe nos evangelhos, menos ainda nas cartilhas. Se não sentis o amor alheio, não podeis julga-lo. O homem de prazeres restrictos, não pode sequer sentir o mysterio de amor — Universo, do amor infinito. . .

Este amor, lembra o *Puzzle*, jogo inventado pela nevoenta Inglaterra, para tratar o *spleen* patricio.

Imaginae uma especie de xadrez, em que as pedras se destinam a construcções enormes e cujo arranjo leva dias, ás vezes mezes!

Pois a Vida é um *Puzzle* de numero colossal de peças, com parte das quaes só Deus joga.

E' ainda Elle quem torna o jogo in'erminavel, infinito, baralhando, accrescentando, substituindo as pedras. . . Tudo passa ao rhythmico do arranjo universal.

O homem segue, em geral, suave e indifferentemente. Só o artista desfranze um pouco o cortinado de nevoa que o separa de Deus, para o ver de longe, ajoelhar á sua inconsciente ma

gestade, dar-lhe o entendido, buscar alentos á sua jornada.

Pois que Deus existe nas paginas ingenuas de Bernardes, e nos livros satanicos e genialmente rebeldes de Annunzio — curvemo-nos ante Elle, o Deus clementissimo, que contrasta almas tão aparentemente oppostas.

A ingenuidade luminosa do frade e as paginas luxuriosissimas do italiano, que creou para uso da alma um maravilhoso novo — tudo é de Deus e para Deus, tudo é Deus.

Que ninguem soffreie o temperamento. Ha um crime maior do que o commettido para com a liberdade do semelhante: é o que commette-mos contra a nossa liberdade.

Demo-nos ao instincto. Só a continencia é delicto. O instincto é bom, as leis é que o teem pervertido, embotando-o.

Accusam-me de defender toda a casta de luxuria, de extravazar nas minhas obras a resultante mental d'aquelles defeitos — uma philosophia negativa, dissolvente, perigosa, e muito na logica dos meus desejos inconsumiveis.

Que horror o dos meus juizes! Não veem que é esta sensibilidade a mais, a fusão de tantos sentimentoss, esta synthese amorosa que a minha alma comprehende, que vem acabar com as distincções inferiores, que geralmente demarcam os actos da creança, do homem e da mulher!



Segundo a Physiologia pondera no homem a *razão*, na mulher o *sentimento*, na creança o *sentido*.

E é isto verdade no que importa á apreciação do typo medio.

Como é um facto, que é a idade de transição — a da vida adolescente — a que põe maior acuidade e interesse no mesmo typo — o typo medio.

Sou a mulher superior. Por isso mesmo o temperamento me não demarcou fronteiras. Junto na alma os encantos, dôres, vida sensual, ingenuidades, fraqueza e forças da creança, da mulher, do homem. Como no apologo das varas, a intelligencia dos dois sexos, considerada em conjuncto, ultrapassa o valor das parcelas em desencontro.

A minha obra tem tambem a ingenuidade da creança, a acuidade da mulher, a razão do homem, sobretudo a unção, a grandeza, o vago genial da alma collectiva. Sou a synthese. Excedo o super-homem, pois que sou a essencia da propria humanidade, na comprehensão e realização transcendente do Espirito Universal, — no seu abraço com Deus.

Sou a supersensível!

A minha bondade acceita e reverenceia, em pé de egualdade, o amor idealista de Santa Thereza de Jesus — a mystica, os impulsos bestiaes de Caligula e as ordens allucinadas de

e delictos. Uns e outros relegam o que sonharam.

Ora o Artista, ou accorde na Obra uma aspiração do Vulgo, ou desvaire além do tempo e do espaço em que trabalha — é sempre a creatura que vive na Arte o sonho e sonha na Arte a Vida!

Do louco tem o desvairamento, que lhe distende a sensibilidade até á abnegação, o alheamento da conveniencia, a fatalidade do temperamento,— agindo livre entre clarões e treva. Sou a Artista-louca, perdida no cosmorama dos Paizes-Altos da Belleza. Não conheceis estes paizes! São aquelles que a meu genio doente aguarrella e o Sentimento repinta e vive.

Deslumbro o entendimento na Fé sonhada — a nova Attica do Occidente.

Valho o abraço de dois povos, que se estreitam e vivem as ultimas loucuras a confundir as almas!

Sou o Occidente a alar-se.

Como a Grecia attingi o *estado sensual*. Deliro na ante-camara da Morte o sonho hellenico que vejo para além . . .

Triumpho morrendo.

Morrer é simplesmente erguermo-nos. Vou elevar me, descansar na Altura.

Attingi pela Dôr o planalto que me vae ser

ponto de vôo. Fui a creatura que o Destino arrancou da pureza humilde dos montes e que, ao chegar á civilização, deslumbrou de torpeza. Aguia nata em ferocidades puras, quiz o luxo mundano domesticar-me para que eu sommasse á ferocidade selvagem a hediondez civilizada!

Salvou-me a raça. Vivi o temperamento, as taras, tudo o que era meu, bem meu, em reacção com o semelhante.

Raras alegrias me assaltaram. Tinha de ser: — a alegria jamais fecundou.

Vi chover sobre a minha obra, que era mais do que eu propria, pois que era eu tocada do sobrenatural — petalas d'oiro e lama.

Velha prosápia, bens, armas, brasões, tudo revôlto, perdido. . .

Portugal, Hespanha! As armas, os brasões, vós propios os derrubastes, esquecidos de que tambem eram vossos, principalmente vossos!

A Historia ha de gelar-se no coração das creanças, quando os saxões e os outros, as raças praticas, vierem tentar pela Escola, o Occidente. . . Antevejo conflictos entre as futuras searas de adolescentes, sortidas de pequenos demonios dourados, sardentos e gulosos dos meus bens.

Deixae-me beijar vos, oh adoiescentes morenos da minha raça — corpos de sombra e sonho, pelo vosso triumpho!

Reviverá na vossa belleza o meu genio —  
nos Estados que tereis de crear o meu sonho!

Eu mesma terçarei armas na vossa lucta.

Voltarei, vestida dos vossos corpos de bronze.  
Sentir-me-heis em vós, como hoje vos sinto em  
mim.

Mas só resurge quem morre. Entreguemo-  
nos ao Deus latente em nós, que nos dá na  
Morte o summo poder.

Por tudo elle a repartiu, como a signalar que  
em tudo é latente.

O infinitamente grande, leva a sua grandeza  
divina até vestir o infinitamente pequeno.

O infinitamente pequeno é Deus procedendo,  
transformando. A Morte é o genio divino, to-  
cado da treva, a simular anniquilamento. . .

E' elle a recolher o material disperso, para  
modelar e animar novos sonhos. E' o esboço  
de novas formas a apparecer.

Beindigamos o Deus que somos, o Deus que  
vive em tudo e é Tudo. Amemos a Morte, pois  
que ella é definitivamente Deus.

E' isto loucura? E' sonho? Sei lá. Talvez  
sonho. . . Eu creio nos sonhos.

E por meu mal, sonho sempre. Batalho ás  
noites com phantasmas. A outra noite, foi com  
phantasmas de Belleza. Assisti a uma refeição  
nova — a refeição da madrugada na Villa  
Feia.

Jehovah, entendeu-se com os do Olympo e a

pedido de Apollo, que me convidara quietou o tempo n'uma luz de branco-cinza. Jupiter, emprestou Ganymedes para servir os nectares, o mel, os fructos; Jehovah mandou seraphins, rosas. . .

Os convivas eram — Nuno, Apollo, Venus, adolescentes morenos de culpa, que fui resgatar ao inferno catholico; Sebastião — o ephebo-martyr; Edgar — muito discreto e lindo no seu nu cõr de tocha; — Ruy, abraçado a Nuno, a afoga-lo no mar de luz do seu olhar velludento e verde de vicio; — Helen, feita sereia vegetal, erguendo a cabeça airosa e loira d'entre petal-as de açucena; — finalmente a Hermaphrodita, a Penedia enorme que vi espreguiçar-se, mover o peito, as coxas de gran, e levantar-se, suprema de Belleza, para vir tambem tomar parte na refeição, penetrar-se da essencia dos nectares, do olor das rosas.

O nectar era servido em flores de magnolia e pionias. . .

Começou a refeição; pedi mel. Veio Ganymedes servi-lo; mediu cem violetas do oiro-doce para a copa d'um lirio que beijou e correu a trazer-me. Bebi d'um trago o lirio-calice da loira resina. Pedi os fructos, as flôres da figueira — figos tumidos de carne-vermêlha, coberta a sêda-amethysta; quiz romãns, damascos, pêros de Deus. . . Sorvi tudo. De repente, ao tomar a terceira pionia de nectar, senti-me

entontecida, deliciosa e horrivelmente nauseada! . . .

Era o olor das rosas, a essencia do nectar, dos fructos, d'aquella carne tocada do genio dos divinos oleiros, o perfume das taças, — tudo a perturbar-me!

Evoquei os Deuses e accordei ao grito da sua vóz, que era a vóz da minha queixa! E, accordada, volvi a pedir-lhes que de novo me remetessem ao sonho — e me asphyxiassem, de vez, pela Imaginação!

Queria morrer imaginando, abrupta ou suavemente, mas do mal-de-sonhar . . .

\*

\* \*

O pensamento fixo é partir, morrer.

Jamais alguém sentiu, *viveu* assim a Morte. Esta é a sua Elegia, o derradeiro e mais soffrido dos meus Poemas. E' que sou eu em união hypostatica com o Divino Poeta.

Não obedece ás formas vulgares do verso. Tem as formas espraçadas da massa d'agua em movimento. Resume a forma definitiva da Poesia. Nenhuma alma soffre medida. Menos podia soffre-la a minha, immensa como o genio que a distende.

Eu não poderia contar as sensações intimas da minha tristeza. Quem pode contar as com-

moções da labarêda? Como havia de sujeitar ao metro o infinito de melancholia que sinto agora e dar o espectro da transformação que está a passar-se em mim?

Vou morrer. Nem sinto a dôr dos que vão desesperados e sem fé, nem a alegria dos que partem de vez á conquista d'outros mundos. Sou a acropole do sentimento. Aceito a Morte como um bem. Vou provoca-la como successão logica d'uma Vida que só pôde continuar-se depois da nova provação.

Es'a provação era fatal... Exulto. Matar é transformar. Vou transformar-me. Quando voltar serei outra.

Saudades, levo-as das tristezas que vivi.

A tristeza, a nevoa de melancholia que encham esta hora de partida, são a nostalgia do mundo que fui, de muitas batalhas de dôr, agora decididas.

A Dôr tem o sestro dos maus filhos; aferra-se profundamente aos corações que tortura, e domina-os. Mas ha dores e dores!

Nas passadas vivo a Saudade, nas presentes a Morte! Abenção a Morte que me conduz á nova Vida. E soffro e goso suavemente esta jornada que para tantos é maldicta...

Morro no outomno. O Destino quiz que fosse com as ultimas esperanças dos primeiros tuberculosos...

Phtisicos! iremos todos. Quero ir cercada



das vossas figuras brancas, puras de doença. Os atalhos hão-de mandar flores a acompanharnos . . .

Oh! que lindo cortejo. Já as vejo além paramentadas! São papoilas-sangue, risos petalados de boas-idas.

Iremos já. Tenho alli a mascara que, embebida em Ether, ha-de dar-me passagem para a grande Vida. Começo a viver a suprema Vida.

Não sou já a «Emparedada»; a sombra immensa que projecto rompeu de vez a espessura que me occultava do Deus latente em mim, do Deus que agora sou.

Deixo o mar sulfuroso que o Mundo era e em que a minha amoral seguia como um fio de platina por entre latão liquido . . .

Que cega estava, que surda fui. Como a Terra, o Mar, tudo é diferente!

O Mundo, oh que genial mentira! Como o distingo bem, de longe! Eu propria fui o que elle é — Confusão. O que avisto: — Palacios de poderosos, columnados de gelo; choupanas de Luz; corações de tritão em peitos de sereia; fios de aranha alando a Terra; a Humildade a chorar sob doceis de granadas; a Humanidade em arestas á mercê do vento, a mergulhar nas charnecas; monstros a florir amor; e tudo a morrer para viver, a viver para morrer! . . .

O que agora vejo ! . . .

Já converso as sereias, os tritões, as sombras dos Poetas. Phosphorescencias d'agua — oh que mysterios de luz ! . . .

Que de espiritos novos ! São sátyros estrebuchando amores, na treva ; são faunos lendo á luz verde dos pyrilampos a vida dos pinheiraes ; são fragas a brotar sangue ; é a Dor a exsudar mel ; são levadas chorosas da virtude dos homens e da castidade infame das donzellas ; é a onda a trabalhar o granito, a estatuar Beleza ; é o vento a ramalhar orações, a petalar a agua, a orquestrar a gargalhadas o Hymno do Desprezo pelas leis da Terra ; é a sombra de Wagner, sob o pallio vêrde-escuro dos laranjaes a apontar as notas altas dos rouxinoes para dar a ultima demão ao Hymno de Amor em que vae cantar o Infinito . . .

São moinhos a moer bagos d'oiro — de que os homens fazem o pão duro — rodas de moinho a beberem agua e a espadanarem leite, o leite que o ribeiro entorna pelas sementeiras e amamenta o linho, as papoilas, e os trigaes !

Cada tronco d'arvore é uma columna de Vida. Folhas são azas batendo amor. Flores são tuli-pas, botões de luz . . . Luz de carne !

Nem o luar de Granada empresta á noite uma luz como a das flores. E' uma luz de opala com cambiantes suaves, luz que reflecte corpos, almas em sonho.

Ah! agora sim. Já vejo, já palpo e goso as figuras que procurava, as minhas criações.

Sinto o sussurro, a melodia gemente da transusão do que fui, no que vou ser, no que já sou . . .

O que ouço é como o murmurio brando de levadas. E' Mozart a sonhar . . . São as Fontes.

Oh! figuras sagradas, esculturas de nevoa abraça-me. Assim . . . Fundamo-nos. Consigo o que ha tanto procurava — viver a Linha, sentir a Fôrma.

Chovam sobre mim petalas de borboleta e azas de rosa. Fui na terra irmã das borboletas, parenta das rosas. Subam até mim columns de incenso, o riso vermelho das creanças, as ondas de sensualidade innocente que encapellam a Terra.

A Artis'ta vae morrer. Distingo o fim da Noite no começo do Dia . . .

Ahi vem a Madrugada. Abençoada seja a Noite, mãe da Madrugada — Bemdcito seja o eterno Dia!

Aquellas roçadas de algodão, humidas de Ether são as nuvens que ha pouco vi passar alem, que tenho alli e posso apertar na minha mão.

Scenarios e escenarios de pureza! O Mar, o Céu, a Morte tudo é branco, continuando-se de mim, do meu alvor . . . Alvor d'alma que tudo repassa de Belleza!

Toda a Belleza permeio, toda a Belleza sou :  
— a Nuvem, o Mar, a Dôr . . .

O mar é nuvem, a nuvem é mar. Sou o Mar  
que sobe em cambraias de nevoa, a Nuvem que  
desce em véo de madrugadas e perolas de gra-  
nizo . . .

Bemdicto sejas, oh Deus da Dôr !

Vou ser o Ether que me transmuda á nova  
Vida !

Sou a Onda, a Nuvem que passa, e se esbate  
em Nada, a maior razão — o inicio de tudo!

Irmãos! vou partir, vou viver. Sou já o Ether,  
sou a Altura . . .

---

# Indice

---

	Pag.
I — Maria Peregrina.....	1
II.....	17
III.....	43
IV.....	51
V.....	83
VI.....	99
VII.....	111
VIII.....	121
IX.....	137
X.....	151
XI.....	157
XII.....	169
XIII.....	177
XIV.....	183
XV.....	193
XVI.....	207
Advertencia.....	227
Elegía da Morte.....	229

